

MARIA EUGÊNIA LAMOGLIA DUARTE

**A PERDA DO PRINCÍPIO
"EVITE PRONOME"
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Curso de Lingüística
do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Doutor em Ciências

Orientadora
Profa. Dra. Mary A. Kato

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNICAMP
1995

D85p

26255/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
V.	D85p
TOMBO BC/	26.255
PROC.	433.195
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	05/12/95
N.º CPD	

CM-00082872-4

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

D85p Duarte, Maria Eugênia Lamoglia
A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro / Maria Eugênia Lamoglia Duarte. - - Campinas, SP : [s.n.], 1995.

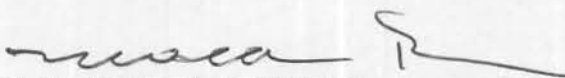
Orientador. Mary A. Kato
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolinguística. 2. Linguística. 3. Gramática gerativa. 4.* Sujeito nulo. 5.* Parâmetro pro-drop. I. Kato, Mary A. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA



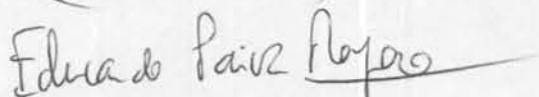
Profa. Dra. Mary A. Kato



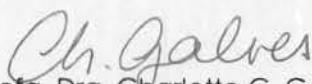
Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho



Profa. Dra. Jânia Ramos



Prof. Dr. Eduardo Paiva Raposo



Profa. Dra. Charlotte C. Galves

Para Fernando Tarallo

***Um amigo sempre vivo em nossos
corações.***

***Um mestre sempre lembrado em
nossos trabalhos.***

Agradecimentos

Este trabalho começou sob inspiração e orientação do Prof. Dr. Fernando Tarallo, a quem tive a sorte de conhecer durante meu mestrado na PUC-SP e de quem me orgulho de ter sido a primeira orientanda formalmente inscrita. A convivência durante quase dez anos resultou no estímulo a continuar o percurso acadêmico e numa amizade inquebrantável.

Com sua ausência, passei às mãos amigas e competentes da Profa. Dra. Mary Kato, que, não obstante sua já intensa vida acadêmica, assumiu a tarefa de “adotar” inúmeros de seus orientandos. Foi para mim um período frutífero em amadurecimento teórico e consolidação de laços de amizade.

Completa o trio de professores que tive na UNICAMP a Profa. Dra. Charlotte Galves, cuja curiosidade incessante sobre os dados do português brasileiro, que inspiram seus estudos teóricos, foi sempre um estímulo às minhas pesquisas variacionistas. Aos três devo sinceros agradecimentos.

Agradeço ainda:

Aos Profs. Drs. Giselle Machline de Oliveira e Silva e Jairo Nunes, pela importante contribuição advinda de sua leitura cuidadosa de uma versão resumida deste trabalho, o que me permitiu rever várias questões.

Aos colegas de curso, Ruth Lopes (companheira desde o tempo do mestrado), M. Cristina Figueiredo Silva (com quem partilho o interesse pelo sujeito no português), Márcia Damásio, Marilza de Oliveira, Maria Aparecida T. Morais, Sônia Cyrino, Rosane Berlinck, Ilza Ribeiro, M. Aparecida Lopes Rossi, Emilio Pagotto, Jairo Nunes, Vicente Cerqueira, pelo incentivo, sugestões e ajuda na busca de textos, e pela alegria que sua convivência me trouxe.

Aos colegas da UFRJ, Dinah Callou e Célia Regina Lopes, pela permissão para utilizar a amostra do “Recontato”, e a Carlos Alexandre Gonçalves, Cláudia Cunha, Afrânio Barbosa, Sílvia Brandão, João Moraes, Mônica Nobre e demais colegas do Departamento de Letras Vernáculas, pela acolhida carinhosa e constante apoio.

Aos colegas do Projeto sobre o Estudo do Uso da Língua, de modo especial a Giselle M. de Oliveira e Silva (pelo interesse, carinho e valiosas sugestões), Maria Luíza Braga, Conceição Paiva, Nelize P. de Omena, M. Cristina Abreu, Cláudia Roncaratti e M. Cecília Mollica, pelo interesse e valiosas indicações bibliográficas.

A Consuelo Alfaro, Bruna Franchetti e Giselle Machline, falantes nativas do espanhol, italiano e francês, respectivamente, pelo empréstimo de sua “intuição” no exame dos fatos do português em relação aos de suas irmãs românicas.

A Rejane de Albuquerque, pela ajuda nas transcrições, a Denise Gomes e Aury Machado, pelo pronto-socorro em assuntos computacionais e a José Rubem, pela ajuda na revisão.

A uma família maravilhosa, para quem ainda é motivo de orgulho ter entre seus membros um professor. E, *last but not least*, a Rubem Sérvulo, companheiro de tantos anos, incentivador permanente e efetivo colaborador, cuja sensibilidade para a linguagem acabou por promovê-lo de informante a “caçador” de dados.

Este trabalho foi parcialmente financiado
por uma bolsa **CAPES**.

RESUMO

*O português brasileiro passa por um processo de mudança na representação do sujeito pronominal referencial, o que claramente o separa do português europeu e das outras línguas românicas pro-drop. Essa mudança pode ser relacionada à redução do paradigma flexional, que evoluiu de seis formas distintivas (acrescidas de duas formas extras de tratamento) para um paradigma que exibe não mais que três formas, como resultado da substituição de **nós** por **a gente**. Perdeu-se, pois, o Princípio Evite Pronome, que leva à não representação fonológica do sujeito sempre que sua plena identificação for possível, e o sujeito nulo deixa de ser obrigatório, tornando-se uma opção cada vez menos utilizada.*

Este trabalho, baseado na fala de 13 informantes com formação superior, distribuídos em três faixas etárias, procura seguir o caminho recente dessa perda e permite (a) identificar os contextos que mais prontamente foram derrotados pela variante do pronome pleno, assim como os que ainda resistem a ele; (b) confirmar a implementação da mudança através da comparação entre os três grupos etários; (c) encontrar evidências do encaixamento da mudança no sistema, representada pelo uso irrestrito das construções de deslocamento à esquerda do sujeito, uma estrutura completamente ausente nas línguas pro-drop; e (d) defender o estatuto de pro para a categoria vazia sujeito.

ÍNDICE GERAL

Índice de tabelas e gráficos	i
Capítulo 1 - A perspectiva deste trabalho	1
1.1. Introdução	2
1.2. Pontos de partida.....	7
1.2.1. O sujeito nulo no português europeu.....	7
1.2.2. O sujeito nulo no português brasileiro.....	17
1.3. Algumas propriedades das línguas românicas de sujeito nulo.....	23
Capítulo 2 - Pressupostos e hipóteses de trabalho	28
2.1. O princípio "Evite Pronome".....	29
2.2. Princípios e Parâmetros e a nova perspectiva comparativista diacrônica.....	30
2.3. Os objetivos do trabalho: perguntas e hipóteses.....	31
2.3.1. Evidências quantitativas disponíveis.....	34
2.3.2. A amostra utilizada.....	35
2.3.3. A seleção dos dados.....	36
2.3.4. Os grupos de fatores condicionantes.....	41
Capítulo 3 - Uma nova pesquisa sincrônica: evidências de mudança em tempo aparente	46
3.1. Introdução.....	47
3.2. O sujeito de referência definida na fala espontânea.....	47
3.2.1. A pessoa gramatical e os condicionamentos sociais.....	48
3.2.2. Os condicionamentos morfológicos.....	50
3.2.2.1. O paradigma flexional.....	50
3.2.2.2. O tempo e a forma verbal.....	57
3.2.3. Os condicionamentos sintáticos.....	58
3.2.3.1. A estrutura de CP.....	58
3.2.3.2. A presença de elementos entre CP e IP.....	71
3.2.3.3. A presença de elementos entre Spec IP e I ⁰	73
3.2.3.4. A transitividade.....	75
3.2.4. O traço semântico do referente.....	76
3.3. A significância dos fatores examinados.....	78

3.4. O sujeito de referência definida na fala da mídia.....	83
3.5. O sujeito de referência arbitrária.....	87
3.6. Evidências da implementação do uso do pronome pleno.....	95
3.7. O que dizem os resultados.....	98
Capítulo 4 - O duplo sujeito.....	100
4.1. Introdução.....	101
4.2. A construção de DE e o encaixamento da mudança.....	101
4.2.1. As estruturas de DE em italiano e espanhol.....	102
4.2.2. O francês oral e as construções de DE.....	103
4.3. O duplo sujeito em PB e a gramaticalização de flexão.....	106
4.3.1. Outras evidências da implementação no uso do duplo sujeito.....	114
4.3.2. Evidências do “encaixamento” do duplo sujeito.....	116
4.4. Sobre o uso do passado para entender o presente.....	118
4.5. O que dizem os resultados.....	123
Capítulo 5 - O estatuto do sujeito nulo e a estrutura sentencial em PB.....	125
5.1. Introdução.....	126
5.2. Por um sujeito nulo não pronominal.....	127
5.3. Uma proposta alternativa.....	131
5.3.1. Por um sujeito nulo pronominal.....	131
5.3.2. Huang e a proposta do controle generalizado.....	135
5.3.3. Pronomes fortes e pronomes fracos.....	136
5.3.4. A extensão da proposta de Fernandes Soriano (1989).....	137
Conclusão.....	141
Referências bibliográficas.....	145
Abstract.....	151

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1.1.	Ocorrência de sujeito nulo em PE.....	8
Gráfico 1.1.	Sujeito nulo segundo o tipo de oração em PE.....	12
Gráfico 1.2.	Ocorrência de sujeito nulo em PB em sete períodos.....	19
Gráfico 1.3.	Ocorrência de sujeito nulo em PB.....	20
Gráfico 1.4.	Ocorrência de sujeito nulo nas três pessoas gramaticais.....	20
Gráfico 1.5.	Ocorrência de sujeito nulo nas modalidades escrita e oral.....	22
Tabela 2.1.	Paradigmas pronominais e flexionais em PB.....	32
Tabela 2.2.	Procedência da amostra utilizada.....	36
Gráfico 3.1.	Ocorrência de sujeito nulo na fala espontânea segundo a pessoa gramatical e a faixa etária.....	48
Gráfico 3.2.	Desempenho individual - % de sujeitos nulos.....	49
Gráfico 3.3.	Ocorrência de sujeito nulo segundo o sexo do informante.....	50
Tabela 3.1.	Ocorrência de sujeito nulo de segunda pessoa.....	51
Tabela 3.2.	Ocorrência de sujeito nulo de primeira pessoa.....	52
Tabela 3.3.	Ocorrência de sujeito nulo de terceira pessoa.....	54
Tabela 3.4.	Relação entre sujeito nulo, desinência e pessoa.....	56
Gráfico 3.4.	Sujeito nulo segundo o tipo sintático da oração.....	59
Tabela 3.5.	Sujeito nulo em estruturas subordinadas com correferência.....	64
Tabela 3.6.	Ocorrência de sujeito nulo em contextos iniciais.....	66
Tabela 3.7.	Sujeito nulo segundo o traço semântico do referente.....	76
Tabela 3.8.	Fatores selecionados como significativos para a ocorrência do sujeito nulo.....	80
Tabela 3.9.	Fatores selecionados como significativos para a ocorrência do sujeito nulo em cada pessoa do discurso.....	81
Tabela 3.10.	Sujeito nulo segundo a pessoa do discurso e a morfologia verbal na fala da mídia.....	83
Tabela 3.11.	Sujeito nulo em estruturas com correferência na fala da mídia.....	84
Tabela 3.12.	Sujeito nulo de terceira pessoa em raízes na fala da mídia.....	85
Gráfico 3.5.	Referência do sujeito nas amostras analisadas.....	87
Gráfico 3.6.	Sujeito de referência [+arb] na fala espontânea.....	88
Gráfico 3.7.	Sujeito [+arb] nas três amostras.....	94
Tabela 4.1.	Duplo sujeito segundo a referência e a faixa etária.....	110
Tabela 5.1.	Percentuais de sujeitos nulos em PE e PB.....	126
Gráfico 5.2.	Sujeito nulo e a estrutura de CP.....	131

CAPÍTULO 1

A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO

If one compares the research hypothesis formulated in Weinreich, Labov and Herzog, namely, constraints, embedding, evaluation, transition and actuation, to the major theoretical assumptions that underly (...) the parametric model, one would inevitably conclude that the two lines of research are not so distant from one another after all. Much to the contrary, the results that the two theoretical analyses may provide are mutually compatible in the sense that being theoretically sophisticated does not preclude the possibility of empirical work, and, on the other hand, by doing empirical work one should not fail to consider theoretical insights and predictions, which, though not based on real data (after all the parametric model is more concerned with the I-language than with the E-language) can help the variationist in his attempt to understand the organization and the functioning of grammatical systems.

Kato & Tarallo, 1988:17

1.1. Introdução

O conhecido Parâmetro do Sujeito Nulo, aos quase quinze anos de idade, não só é o mais popular como um dos que mais têm recebido contribuições, e, conseqüentemente, passado por reformulações ou refinamentos, desde sua apresentação oficial em Chomsky (1981), quando se inaugurava dentro do quadro de estudos da Gramática Gerativa uma nova fase de busca dos princípios universais das línguas humanas a partir justamente das possíveis variâncias interlingüísticas permitidas por cada um dos parâmetros associados a esses princípios. Originalmente proposto a partir de comparações entre o inglês e as línguas românicas *pro-drop*, a propriedade de o sujeito não ser foneticamente realizado estaria ligada à "rica" especificação morfológica da concordância verbal¹.

Desde o trabalho de Huang (1984), entretanto, a relação entre flexão rica e sujeito nulo deixou de ter exclusividade nos processos de licenciamento e recuperação do conteúdo do sujeito nulo. Um importante passo no refinamento do parâmetro, que leva em conta essa distribuição irregular entre línguas no que se refere à ocorrência de um pronominal nulo, é dado por Rizzi (1986a), para quem a legitimação formal e a identificação de tal categoria envolvem mecanismos distintos.

A ocorrência de sujeitos nulos em línguas como o chinês (Huang 1984, 1989), que apresenta um paradigma verbal sem flexões, levou Jaeggli & Safir (1989) a apresentar novas hipóteses sobre o licenciamento e a identificação do sujeito nulo. Segundo os autores, o que licencia o sujeito nulo não é exatamente um sistema de Agr rico (ou forte), mas a uniformidade morfológica dos paradigmas verbais de uma língua. Um paradigma é considerado morfológicamente uniforme se se constitui ou de formas derivadas (que podem incluir desinências de número, pessoa, tempo, modo, aspecto, etc., variando de língua para língua) ou de formas não derivadas (constituídas pelo radical apenas). A identificação do sujeito nulo se

¹ "The intuitive idea is that where there is overt agreement, the subject can be dropped, since the deletion is recoverable" (Chomsky, 1981, 2a. ed. 1982:241)

faria, no primeiro caso, por intermédio de Agr-Tense, que rege a categoria vazia, e, no segundo, pela correferência com um elemento nominal em posição A ou A' comandando o sujeito. Se, entretanto, um paradigma é misto, ou seja, apresenta formas morfológicamente complexas e formas simples, o sujeito nulo não é licenciado.

Roberts (1993a) acrescenta importante contribuição a essa questão do licenciamento e identificação do sujeito nulo quando propõe, a partir de evidência empírica, a possibilidade de um paradigma *funcionalmente rico* atuar da mesma forma que um paradigma *morfologicamente uniforme*. Enquanto este prevê ou formas primitivas ou formas derivadas, aquele admite uma desinência zero e um sincretismo (formas iguais para designar diferentes pessoas gramaticais) - que pode ser a própria desinência zero - mantendo certa *riqueza funcional* que lhe permita licenciar e identificar sujeitos nulos.

Sabemos, porém, que a questão não é tão simples. Há línguas em que a ocorrência de sujeitos nulos é restrita a certos tempos verbais e a certas pessoas gramaticais, que contêm um marcador de pessoa. É o caso, por exemplo, do hebraico (Borer, 1989), do qual não temos informações sobre a frequência de uso do sujeito nulo, mas que parece manter uma relação entre presença de Agr de pessoa e ocorrência de sujeito nulo. Dessa maneira a propriedade de omitir o sujeito não atuaria sobre todo o paradigma uniformemente, mas sobre formas específicas.

Em consequência das sucessivas contribuições que o Parâmetro veio (e vem) recebendo, passou a ser questionado o estatuto da categoria vazia sujeito, dependendo dos mecanismos envolvidos na sua identificação, se *pro* se *variável* (v. Figueiredo Silva, 1994, para uma revisão comentada sobre os passos mais significativos desse percurso).

No caso do Português do Brasil (doravante PB), particularmente a variedade falada na região sudeste², a questão parece diversa da descrita para outras

²Os resultados de trabalhos variacionistas realizados em diferentes regiões do Brasil permitem concluir que as diferenças dialetais são mais freqüentemente localizadas nos níveis lexical e fonológico do que no sintático. (cf. Tarallo, 1983:54)

línguas. Passamos por um período de mudanças profundas no que diz respeito ao licenciamento e a identificação do sujeito nulo de referência definida paralelamente à **redução** ocorrida no quadro pronominal, que provocou uma simplificação no nosso paradigma flexional. Embora não se possa dizer que perdemos a possibilidade de omitir o sujeito, observa-se clara preferência pelo uso da forma pronominal plena. E, ao contrário do que é mostrado para o hebraico, não há uma relação direta entre presença de marca distintiva de pessoa e ocorrência de sujeito nulo. A perda gradual dessa propriedade parece, pois, se espalhar por todo o paradigma, numa clara sugestão de que este perdeu a *riqueza funcional* a que Roberts se refere.

Trata-se, pois, de um momento particularmente interessante para observar a maneira pela qual tal mudança se processa, que caminhos percorre, que fatores contribuem para seu progresso, que fatores retardam sua conclusão. Assim, ao lado de análises teóricas que procuram determinar os mecanismos de identificação num sistema defectivo de sujeitos nulos como o nosso (a mais recente das quais devemos a Figueiredo Silva, 1994), é inegável a importância de se desenvolverem estudos empíricos com o intuito de contribuir para lançar novas luzes sobre o sujeito nulo no Português do Brasil. Roberts (1993b:411,412) ressalta “a riqueza intrínseca da matéria-prima” com que os pesquisadores brasileiros trabalham, “visto que o PB é um exemplar vivo de mudança” e nos possibilita “encontrar testemunhos vivos para a mudança em progresso”. Este trabalho procurará justamente trazer mais uma contribuição nesse sentido.

Este será, pois, um trabalho empírico, que buscará fazer uma análise variacionista, nos moldes desenvolvidos por Labov (1972), seguindo os passos da pesquisa sociolingüística (cf. Tarallo 1985 e Mollica 1992), e utilizando parte do saber teórico acumulado sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo na formulação de hipóteses e no levantamento dos condicionamentos lingüísticos ou estruturais que possam inibir ou favorecer o uso do sujeito nulo no português brasileiro. Essa possibilidade de conciliar uma abordagem social, que busca observar a língua em uso, e uma abordagem estritamente teórica, que busca apreender o sistema, baseada fundamentalmente na intuição do falante, defendida em Kato & Tarallo

(1988) e em Tarallo & Kato (1989), tem sido aplicada com vantagens para uma e outra. Basta verificar os trabalhos de Moino (1987) sobre as passivas no português, Nunes (1990) sobre o clítico apassivador e indeterminador *se*, Ramos (1992) sobre a marcação de caso, Pagotto (1992) sobre a posição dos clíticos, Cyrino (1994) sobre o objeto nulo, entre tantos outros.

Em um artigo-manifesto de 1987, Tarallo já defendia a possibilidade de uma leitura paramétrica dos resultados de conhecidos trabalhos sobre línguas românicas que revelavam fenômenos sintáticos afins. No texto de 1989, Tarallo e Kato vão mais longe. Apontam para o fato de que as línguas podem diferir não só quanto à marcação positiva ou negativa em relação a determinado parâmetro (uma diferença qualitativa), mas também quanto à frequência com que as propriedades relacionadas a tal parâmetro se manifestam. E, como as línguas não mudam da noite para o dia, mudanças superficiais podem refletir mudanças na gramática que as autoriza (Kroch, 1989).

Acredito que a análise aqui apresentada evidenciará importantes mudanças em termos quantitativos e qualitativos no que diz respeito à representação do sujeito pronominal no PB e sugerirá que as evidências quantitativas, além de fundamentais para levantar qualquer hipótese sobre os rumos da mudança, são reveladoras de um período de transição entre uma e outra faces do parâmetro, caracterizado pela perda do Princípio "Evite Pronome" (Chomsky, 1981 e Jaeggli, 1982)

Esta tese se compõe de 5 capítulos. No restante deste capítulo serão resumidos dois estudos que serviram de ponto de partida para este trabalho: o primeiro procura verificar como se realiza o sujeito nulo numa amostra do português europeu coloquial (Duarte, no prelo); o segundo é um estudo diacrônico sobre o sujeito pronominal no PB (Duarte, 1993), baseado em textos de peças de teatro, que mostra haver uma relação entre a simplificação no paradigma flexional e a diminuição de ocorrências do sujeito nulo em todas as pessoas gramaticais. Em 1.3, procurarei resumir algumas características das línguas *pro-drop* românicas no que diz respeito à realização do sujeito, com base em trabalhos teóricos e dados da língua oral colhidos junto a falantes nativos e aos meios de comunicação.

No segundo capítulo apresento minha proposta de trabalho de trabalho e as hipóteses em que se baseia. Descrevo as amostras que servem de fonte para a análise e os critérios levados em conta na seleção dos dados, além dos pressupostos teóricos que orientam o estabelecimento dos condicionamentos lingüísticos.

O capítulo 3 apresenta os resultados da pesquisa variacionista obtidos para a representação do sujeito de referência definida e arbitrária na fala espontânea e na fala da mídia; além de constatar a mudança em curso, observando o fenômeno através do tempo aparente (a faixa etária do falante), serão mostrados, de um lado, o caminho já percorrido pela mudança e, de outro, os contextos de resistência do sujeito nulo.

O capítulo 4 trata do “encaixamento” da mudança no nosso sistema, mostrando a trajetória recente da construção conhecida como “deslocamento à esquerda” do sujeito, que se introduziu no nosso sistema revestida de restrições de caráter pragmático, quando, na verdade, sua própria ocorrência é resultante da perda pelo PB de propriedades de língua *pro-drop*. A frequência dessa estrutura no francês falado e sua completa ausência no italiano, no espanhol e no português europeu será apontada como evidência de que, de fato, caminhamos em direção oposta às línguas *pro-drop* românicas no que se refere à representação do sujeito pronominal. Teremos a oportunidade de verificar que a estrutura já está perfeitamente “encaixada” no sistema, aparecendo em construções com sujeito composto de primeira pessoa e nas construções com reduzidas de gerúndio.

Finalmente, no capítulo 5 são examinadas, à luz dos dados analisados, uma proposta para o licenciamento e a identificação do sujeito nulo em PB e uma para a representação da nova estrutura sentencial do português, levando em conta a ocorrência restrita de sujeitos nulos e o aparecimento da dupla representação do sujeito.

1.2. Pontos de partida

1.2.1. O sujeito nulo em português europeu (Duarte no prelo)

Importantes diferenças sintáticas entre o português coloquial europeu e o brasileiro têm sido apontadas em trabalhos teóricos (cf. Galves, 1987, 1991, 1993, Kato, 1993, 1994a, entre outros). No entanto, faltam-nos evidências quantitativas sobre o português europeu, o que Tarallo (1993a,b) atribui à adoção de um referencial teórico de análise diferente.

Seja como for, o fato de se estar sempre mencionando o possível afastamento pelo PB do grupo das línguas conhecidas como *pro-drop*, entre as quais sempre se inclui o PE, levantou minha curiosidade a respeito da representação do sujeito pronominal de referência definida na fala espontânea dessa variedade. Na verdade, o que me moveu foi o desejo de verificar “quão *pro-drop*” é o português europeu, ou seja, como se realiza de fato o sujeito pronominal num sistema flexional que se poderia considerar, usando a terminologia de Roberts (1993a), “funcionalmente rico”, uma vez que utiliza as formas pronominais **tu** e **vós**, ao lado da segunda pessoa ‘indireta’, **você(s)**, **o(s) senhor(es)**. Tem-se, portanto, dois sincretismos representados pelo uso das formas de terceira pessoa do singular (com desinência zero) e de terceira pessoa do plural para designar os sujeitos de segunda e terceira do singular e plural, respectivamente. Roberts, na realidade propõe, como vimos, um sincretismo e uma desinência zero, mas, considerando-se o fato de que os dois sincretismos do português são provocados por formas adicionais de tratamento - que não alteram as seis formas distintas - sua existência não deveria comprometer a riqueza funcional do paradigma.

A hipótese era a de que a funcionalidade de um paradigma deveria operar com regularidade, independentemente do fato de esta desinência ser mais distintiva que aquela, salvo casos de possível ambigüidade provocada pela sintaxe

da frase. A predominância de ocorrência de sujeitos nulos sobre os plenos, em diferentes contextos sintáticos e em todas as pessoas gramaticais, seria uma confirmação dessa hipótese.

Assim, com a liberdade que só se tem com irmãos, tomei algumas amostras e entrevistas sociolingüísticas portuguesas³, constituí um pequeno 'corpus', levando em conta duas faixas etárias, um grupo mais jovem, entre 22 e 33 anos, e um grupo mais maduro, de 46 a 60 anos, e três níveis de escolaridade: básico, médio e superior. Com cinco informantes para cada uma dessas células, cheguei a um total de 30 falantes. Os resultados desse trabalho, que aparecem em Duarte (no prelo), confirmam a hipótese inicial e permitem uma idéia de como 'funciona', no português europeu a opção pelo sujeito nulo. Vejamos algumas das conclusões a que o trabalho permitiu chegar:

1. O sujeito nulo é a opção preferida em todas as pessoas do discurso.

A tabela 1.1 abaixo apresenta o total de ocorrências de sujeito nulo nas três pessoas gramaticais. A diferença entre singular e plural é de dois pontos percentuais na primeira e terceira pessoas, o que não justifica sua apresentação separadamente.

Tabela 1.1. Ocorrência de sujeito nulo em PE		
	Com coordenadas	Sem coordenadas
Pessoa	N. / T. (%)	N. / T. (%)
1a.	334 / 561 (60)	243 / 459 (53)
2a.	101 / 138 (73)	96 / 133 (72)
3a.	303 / 417 (73)	194 / 305 (64)

³Foram utilizados trechos transcritos de entrevistas contidas em Nascimento et al. (1987) Português Fundamental: volume segundo. Métodos e documentos: tomo primeiro. Inquérito de frequência. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Segundo os autores, as entrevistas foram realizadas num ambiente familiar ao entrevistado, com vistas a obter uma amostra genuína da língua coloquial.

O que primeiro chama a atenção é o fato de que a exclusão das orações coordenadas (as que se encontram em segunda ou terceira posição no período, com sujeito correferente com o da inicial) não altera de modo muito significativo os percentuais de ocorrência de sujeitos nulos, que caem sete pontos na primeira pessoa e nove pontos na terceira; na segunda, em que o número de coordenadas é naturalmente muito baixo, não há praticamente alteração.

A primeira pessoa é a que apresenta os mais baixos índices, apesar da desinência exclusiva, tanto no singular como no plural. A ocorrência equilibrada de sujeitos nulos e plenos de primeira pessoa não parece ser exclusiva do português europeu. Em estudo sobre o italiano oral, Ochs & Duranti (1979; nota 8) já apontavam o fato de que o falante geralmente não se apresenta numa conversa usando apenas o mecanismo de concordância verbo-sujeito (que viria a ser popularizado como característico das línguas *pro-drop*); na maioria dos casos, um pronome pleno é utilizado. O exemplo (1) ilustra essa situação:

- (1) O **mato** é constituído normalmente de espécies muito lenhosas, de combustibilidade muito grande, de modo que dá-se com muita facilidade uma propagação de qualquer pequeno foco de incêndio que surja, até uma faúlha que caia da chaminé onde se esteja a cozinhar, ou uma... **Eu** não acredito muito na ponta de cigarro, mas... (IM4)⁴

A primeira pessoa do plural apresenta um índice de sujeitos nulos ligeiramente superior (2%) ao singular. Nota-se que não é muito freqüente o uso da expressão **a gente** com referência definida⁵. Apenas sete ocorrências entre os 54 sujeitos pronominais plenos de primeira pessoa do plural trazem a expressão com tal referência. Acrescente-se o fato de que essas sentenças, duas das quais com a forma verbal trazendo a desinência **-mos**, foram produzidas por falantes com nível de escolaridade mais baixo:

⁴ Os exemplos são identificados segundo a faixa etária do locutor: G (22-33 anos) e I (46-60 anos); K (escolaridade básica), L (escolaridade média); M (escolaridade superior). Os números de 1 a 5 identificam o locutor dentro de seu grupo. Acréscimos feitos aparecerão entre parênteses.

⁵ Baseio-me exclusivamente na amostra. A pouca freqüência no uso de **a gente** pode se dever a outros fatores que não a escolaridade.

- (2) **Eu** gostava que **o meu marido** ganhasse um bocadinho mais, já se sabe...[...] quer dizer, ele não ganha mal, mas para aquilo que **a gente** quer, ganha pouco. (GK2)
- (3) Enfim **a gente fazíamos** tudo isso, não é? (GK3)
- (4) Está bem que **a gente** agora aqui já **temos** uns operadores. (GK3)

Em relação à terceira pessoa, note-se que a completa identificação de um pronome nulo depende de um SN que lhe dê referência e, para que tal aconteça, é preciso que ele esteja numa posição acessível, a de sujeito de uma predicação, sem outros possíveis candidatos intervindo. Uma posição de complemento ou seu distanciamento no discurso podem dificultar o acesso ao conteúdo do SN e, portanto, favorecer a opção pelo pronome lexical, como mostram (5) - (7) a seguir:

- (5) Acho um acto de egoísmo ter **filhos** [...] porque nós não **lhes** perguntamos se **eles** querem nascer (GL5)
- (6) Bem, **o homem** não teve culpa. Atravessa-se-**lhe** um homem à frente do carro, **ele** parou de repente. Eu vou atrás dele... (IK4)
- (7) ...**ele** quer pescar tudo, quer sempre arranjar taças. E **pro** tem tido sorte com isso porque **pro** já teve três e eu inda só tive uma, que foi nesse concurso. *A certa altura vem uma onda, era um dia de , de chuva e **ele** apanhou um banho terrível*, ficou todo molhado e não conseguia sair lá de cima, não é? (GK1)

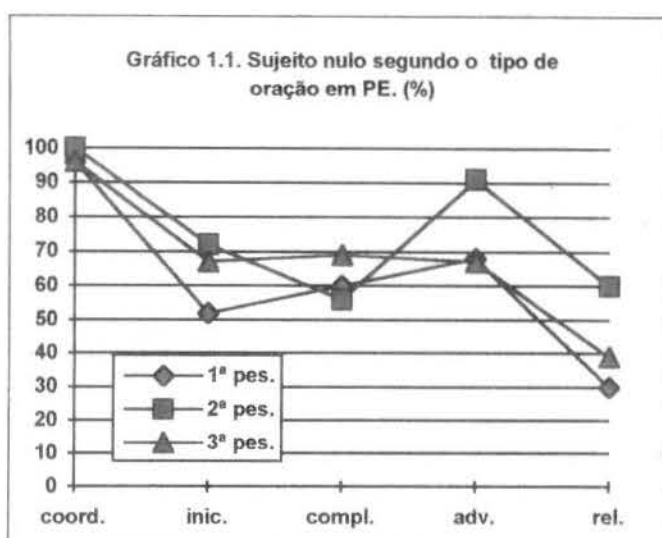
Os resultados para a segunda pessoa são particularmente interessantes no sentido de confirmar a hipótese levantada. O percentual de sujeitos nulos não é sensível ao tipo de forma de tratamento escolhido. Tem-se 70% de ocorrências de sujeitos nulos na segunda pessoa direta (49 em 70 dados) e 77% na segunda

pessoa indireta (52 em 68 dados). O tipo de oração, porém, se declarativa, se interrogativa parece mais importante na escolha da representação, com percentuais de 67 e 77 de sujeitos nulos, respectivamente.

A existência de formas homógrafas (ou 'sincretismos', conforme a terminologia de Roberts) não compromete a opção pelo sujeito nulo. Observem-se os exemplos (8)-(10) abaixo em que ilustramos ocorrências de sujeitos nulos de 1a., 2a. e 3a. pessoa, com formas verbais não exclusivas:

- (8) ...porque me parecia uma coisa detestável, um problema grande de consciência, se amanhã como magistrado **pro viesse** a verificar que **pro tinha errado** ou que **pro tinha julgado** mal, sobretudo se **pro tivesse julgado** mal em prejuízo de alguém... Hoje **pro gostava de ser** magistrado porque **pro estou** convencido que **pro talvez evitasse** mais injustiças como magistrado do que as que **pro posso** evitar como advogado. (IM5)
- (9) Por exemplo, nesse trabalho que **pro apresentou** sobre poesia, **pro é** capaz de me dizer o que é **pro aproveitou** do contato com os alunos? (GM1)
- (10) ...agora não há dúvida nenhuma que se **pro for** de facto um indivíduo responsável na produção, **pro tem** de se incomodar porque **pro não é apoiado** naquela parte de stocks de existências, de fornecimento, etc. (IM5)

2. Exceto pelas orações relativas, o tipo sintático da oração não afeta o predomínio da opção pelo sujeito nulo, o que é mostrado no gráfico 1.1., a seguir:



A segunda pessoa, mais uma vez, distancia-se ligeiramente da primeira e terceira, com 100% de sujeitos nulos nas coordenadas, 72% nas iniciais (que incluem raízes, independentes e primeira coordenada), 56% nas completivas, 91% nas adverbiais e 60% nas relativas, mantendo-se, pois a preferência pelo sujeito nulo em todos os contextos sintáticos. Na primeira e terceira pessoas, entretanto, temos novidades: embora o sujeito nulo prevaleça nas coordenadas (96% para as duas pessoas), iniciais (52% e 67%), completivas (60% e 69%) e adverbiais (68% e 67%), perde para o sujeito pleno nas relativas, com 30% e 39%, respectivamente.

Dois fatores poderiam ser hipotetizados como possíveis condicionadores dessa preferência pelo sujeito pleno nas relativas. Em primeiro lugar, a própria estrutura de CP no caso das relativas, em que o especificador (Spec CP) está preenchido, como mostra a estrutura em (11):

(11) ...daquelas coisas [CP que [C' [IP nós ouvimos por tradição....]]]

O mesmo efeito deveria então ser notado nas completivas interrogativas indiretas e nas raízes interrogativas diretas, em que CP tem a mesma estrutura. Na realidade, foi o que se observou: de 11 completivas interrogativas indiretas, 7 (64%) apresentam sujeito pleno; da mesma forma, quatro das cinco interrogativas qu- de terceira pessoa e a única de primeira mostram o sujeito expresso.

- (12) ...que é **o que eu estou a fazer hoje**. (IK5)
- (13) Manda lá arranjar o carro **a quem tu quiseres**. (IK4)
- (14) Sei lá **como é que elas ficam**. (GK3)
- (15) **O que é que ela faz?** (IL5)
- (16) **Como eu hei de lhe dizer?** (IL1)

Em segundo lugar, o fato poderia se dever justamente a uma questão de ordem estrutural, não levantada por mim na ocasião: a falta de correferência entre o sujeito da relativa ou completiva e o sujeito da sua raiz. Sabe-se que numa língua *pro-drop* o sujeito pleno **não** é uma opção em orações encaixadas se estiver numa configuração de correferência com o sujeito da sentença raiz, o mesmo ocorrendo em relação à raiz se ela seguir a subordinada. É o que mostram (17) - (20) a seguir:

- (17) Então **tu** acreditas **que pro** ainda tenhas esses pruridos, **tu também?**(GL5)
- (18) E **a NP** enchia-me muito **porque pro** é muito palradora. (IK3)
- (19) **O corredor** vive as corridas desde o primeiro dia [em] **que pro** chega. (IL1)
- (20) Às quatro ou cinco horas, conforme **ele** sai, às vezes **pro** espera, **não é, quer dizer, pro** está mais tempo sem ir para casa, e eu fico logo em cuidado, toca a ir à procura dele. (GK2)

No entanto, no caso das relativas, a estrutura vista em (19), com sujeitos correferentes, é pouco freqüente. Quando ela ocorre, predomina o uso do sujeito nulo, embora ocorram estruturas como (21) abaixo, em que o sujeito nulo ocorre

na raiz e seu correferente na relativa é pleno; há também o fato de que na primeira e segunda pessoas a desinência deveria se sobrepor à correferência, mas no caso das relativas, não é o que ocorre, como mostra (22), o que de certa forma reforça a hipótese sobre a influência do elemento em Spec CP que introduz a oração:

(21) Então **pro** ia lá à casa daquela senhora (=amante) *que **ele** já tinha há muitos anos*. E deu-lhe lá uma coisa e **pro** morreu. (IL5)

(22) ...porque nós sem quereremos vamos levados por aquelas coisas **pro** que estamos sempre a ouvir [...], daquelas coisas *que **nós** ouvimos por tradição desde pequeninos*. (GL2)

Quando, porém, não há correferência, prefere-se o sujeito pleno, não só no caso do referente de terceira pessoa, que é o esperado

(23) ...uma conversa que a gente teve sobre **o Visconti**, *em que precisamente **ele** era apresentado com exemplos dos outros filmes...*(GM3)

(24) ...mas nós é que estamos sempre a dar justificações **ao público**, *que **ele** por vezes já não aceita*. (IL3)

(25) **Os bombeiros** são geralmente poucos. Os montes muitas vezes não têm estradas *que **eles** possam... onde **eles** possam facilmente acercar-se do fogo...*(IM4)

como também no de primeira:

(26) Aquilo *que **eu** desejo* é nunca ficar doente. (GL3)

3. O traço [-animado] do referente de terceira pessoa é um importantíssimo condicionador ao uso do sujeito nulo.

Dos sujeitos com o traço [+animado], 69% (238 em 346 ocorrências) são nulos; dos que exibem o traço [-animado], porém, 93% (66 em 71) são nulos, independentemente das restrições apontadas acima. Em (27), abaixo, tem-se um sujeito nulo numa relativa, apesar de o referente não se encontrar numa posição acessível:

(27) Agora, os jornais portugueses que eu considero - embora desconsidere completamente **toda a imprensa portuguesa**, dados os condicionalismos *em que **pro** vive...* (GM5)

As cinco ocorrências de sujeitos plenos com o traço [-animado] merecem ser observadas. Duas delas são orações principais pospostas a uma subordinada temporal, têm seu referente no contexto discursivo anterior e envolvem uma posição de sujeito pouco ortodoxa: numa delas, vê-se o alçamento de um argumento interno numa passiva pronominal:

(28) **Essas cisternas** podem existir em determinados locais. No momento em que há um incêndio, **elas** colocam-se em cima de qualquer camionete, **pro** enchem-se com água e **pro** vão imediatamente aos locais de incêndio. (IM4)

noutra tem-se um caso de deslocamento à direita (ou falsa inversão, cf. Kato & Tarallo, 1988 e Kato & Tarallo, no prelo), um tipo de falsa inversão, que neste caso, parece desambiguar a referência do pronome, já distante no contexto:

(29) E só depois do Estáline passar é que **ele** saiu na Rússia, **o filme**.(GM3)

As três outras ocorrências mostram uma oração raiz, uma adjunta e uma relativa, cujos referentes se encontram em função de complemento, restrição que, como

vimos em (27) acima, não opera com regularidade com os sujeitos de traço [-animado]:

- (30) ...a estrada tava molhada, meto-**lhe** os travões, **ela** [a moto] resvala-me...
(IK4)
- (31) A vantagem e a virtude **do nosso circuito** está precisamente nas características que **ele** tem. (IL1)
- (32) Há coisa de um ano veio uma brigada que esteve a actualizar mais ou menos **todos os processos**, enfim, que (=porque) **eles** necessitavam de ser revistos. (IL3)

4. O uso do sujeito nulo não é fortemente condicionado pelos fatores idade e escolaridade.

Exceto pelo fato mencionado acima sobre o uso bem raro da expressão **a gente** em substituição a **nós** pelos grupos com nível básico de escolaridade, a opção pelo sujeito nulo não se mostra condicionada pelos fatores sociais testados. As diferenças observadas encontram-se mais no tipo de estrutura preferido por esses grupos, que apresentam um discurso mais linear, com uma proporção maior de orações independentes e coordenadas, em detrimento das subordinadas, particularmente as relativas e completivas.

A análise permitiu, pois, constatar que a existência de dois sincretismos, associados a formas extras, um dos quais a forma verbal com desinência zero, mantém o português europeu como uma língua que prefere o sujeito pronominal nulo ao pleno, confirmando a hipótese formulada por Roberts (1993a), que se baseia na "riqueza funcional" do paradigma verbal. A primeira pessoa é a que tem as mais altas taxas de sujeito pronominal expresso (em torno de 40%), enquanto a segunda fica com as mais baixas (cerca de 27%). Na terceira pessoa, os 36% de sujeitos pronominais plenos referem-se em sua maioria a SNs inacessíveis, quer

por seu distanciamento no contexto discursivo, quer pela posição de complemento no contexto anterior. A falta de elementos intervenientes entre o sujeito e seu referente e as estruturas subordinadas com correferência implicam a ocorrência do pronome nulo.

As restrições apontadas acima, entretanto, não parecem atingir o sujeito de traço [-animado], representado muito raramente por um pronome pleno. Esta parece ser, juntamente com a ocorrência sistemática do pronome nulo em subordinadas com sujeitos correferentes, uma das mais significativas características das línguas do grupo do italiano.

O único fato “destoante” na regularidade com que parece operar a preferência pelo sujeito nulo na amostra de português europeu analisada fica por conta das relativas, interrogativas indiretas e interrogativas *qu-*, em que o sujeito pleno supera o nulo na primeira e terceira pessoas, praticamente invertendo-se a situação observada nos demais contextos. A esse fato junte-se a ocorrência de 7% de sujeitos nulos de traço [-animado], um percentual muito reduzido mas significativo se se tem em mente a absoluta recusa ao uso de pronomes pessoais associados a esse traço no espanhol e no italiano. Esses dois fatores podem constituir os pontos vulneráveis do sistema e, a partir deles, pode ter se iniciado a viagem de mudança na representação do sujeito pronominal no PB⁶.

1.2.2. O sujeito nulo em PB (Duarte 1993)

Na tentativa de observar os efeitos da simplificação nos paradigmas flexionais do PB, provocada pela perda (em quase todas as regiões do país) das formas pronominais **tu** e **vós**, substituídas por **você(s)** e **o(s) senhor(es)**, realizei uma pesquisa diacrônica (Duarte, 1993), de âmbito também modesto, com base

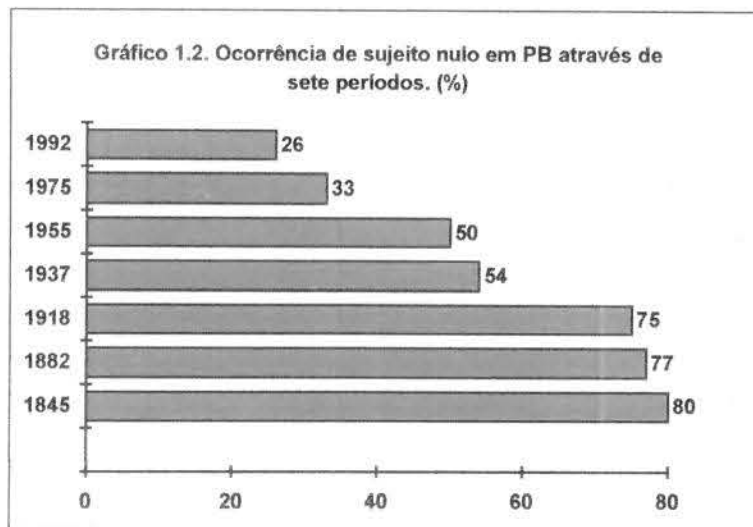
⁶ Note-se que tanto o objeto nulo (Raposo, 1986) quanto a ausência de concordância nas passivas pronominais (Nunes, 1990) foram atestados, ainda que de forma bastante restrita, no português europeu.

em textos escritos para o teatro, por autores bastante populares em seu tempo⁷. A hipótese era a de que com dois sincretismos, desta vez não provocados por formas extras, mas pela utilização das formas de terceira pessoa (do singular e do plural) como únicas possibilidades de referência da segunda pessoa, ultrapassaríamos o limite de sincretismos estabelecido por Roberts e perderíamos a regularidade na opção pelo sujeito nulo. O agravamento da erosão do nosso sistema flexional seria agravado no último texto analisado, em que a expressão **a gente** co-existe com o pronome **nós**, o que nos leva a um paradigma com apenas três formas distintivas. Os efeitos dessa erosão deveriam se fazer sentir em todas as pessoas gramaticais. Eis os resultados obtidos:

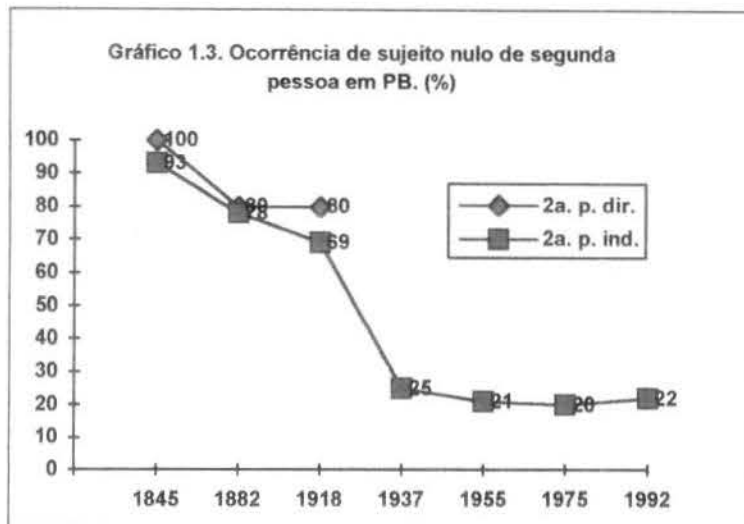
1. A perda gradual da opção pelo sujeito nulo no PB pode ser atribuída à redução dos paradigmas flexionais.

O gráfico 1.2., a seguir, mostra a ocorrência total de sujeitos nulos por período analisado. Observe-se que, nos três primeiros períodos, quando os índices de ocorrência de sujeitos nulos ficam entre 75% e 80%, está em vigor um paradigma pronominal semelhante ao que ainda opera no português europeu, que apresenta em torno de 69% de sujeitos nulos no conjunto da amostra sincrônica analisada na seção anterior. A partir do texto de 1937, perde-se a segunda pessoa direta, e, no último período, a forma **a gente** é concorrente do pronome **nós**.

⁷ Martins Pena (1845) "O noviço"; França Jr. (1882) "Como se fazia um deputado"; Gastão Tojeiro (1918) "O simpático Jeremias"; Armando Gonzaga (1937) "O hóspede do quarto n.º 2"; Millôr Fernandes (1955) "Um elefante no caos"; Carlos E. Novaes (1975) "A mulher integral"; Miguel Falabella (1992) "No coração do Brasil".

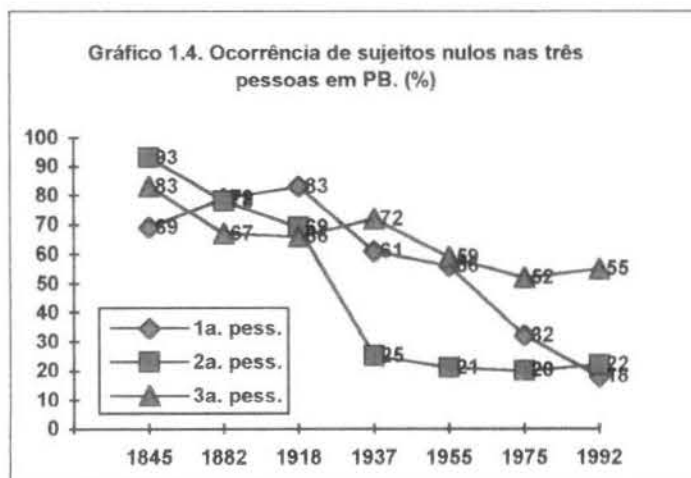


Se se examinam separadamente as três pessoas gramaticais (aqui também plural e o singular são considerados conjuntamente), ficam evidentes a mudança e sua mola propulsora. O gráfico 1.3., a seguir, é bastante eloqüente a esse respeito: a coexistência de duas formas de tratamento não compromete a opção pelo sujeito nulo em qualquer delas; a súbita queda, porém, de 69% de sujeitos nulos de segunda pessoa indireta nos dados de 1918 para 25% nos de 1937 coincide com a perda da segunda pessoa direta. Daí por diante, o sujeito nulo de segunda pessoa mantém-se no mesmo patamar, em torno dos 20%.



2. A mudança não atua uniformemente por todas as pessoas gramaticais .

Embora de maneira menos brusca, mas igualmente radical, a mudança afeta a primeira pessoa, que chega com um índice de apenas 18% de ocorrência de sujeitos nulos ao texto de 1992. A terceira pessoa é a única que não se mostra tão drasticamente afetada, mantendo-se a ocorrência de sujeitos nulos, apesar de uma queda média de 10 pontos percentuais, sempre acima de 50%. O gráfico 1.4. compara o desempenho do sujeito nulo na segunda pessoa indireta com a primeira e terceira.

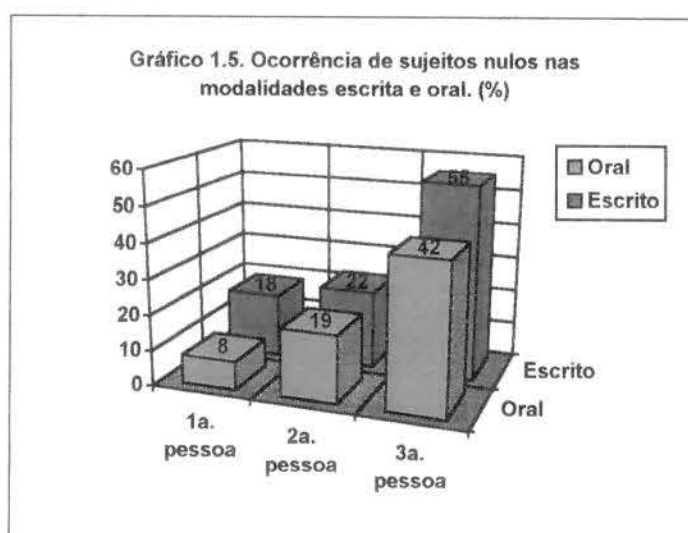


O comportamento da terceira pessoa nos coloca diante de uma assimetria. Se, de um lado, parece estarmos perdendo a opção pelo sujeito nulo na representação dos sujeitos de primeira e segunda pessoas, de outro, continuamos a usufruir dessa opção para representar os de terceira, segundo o tipo de amostra utilizado. Tal fato, contudo, não invalida a hipótese levantada. De fato, a riqueza funcional do paradigma se perdeu, o que significa que teremos cada vez menos sujeitos nulos referenciais licenciados por Agr. A primeira e a segunda pessoas são a clara evidência disso. Quanto à terceira, pode-se presumir que, não sendo mais inteiramente realizada através de Agr, a identificação do sujeito nulo esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes. O exemplo (33), da peça de 1992, ilustra esse ponto:

- (33) Holly (nota Gabriel): O que é que **o nosso anjo** tem hoje?
Margareth: **cv** Tá com essa cara desde que **cv** chegou do ginásio. **cv** Nem foi em casa almoçar.
Dona Irene: Com certeza **cv** vai ficar novamente em segunda época. Desde que **cv** chegou que **cv** não pára de olhar a caderneta. (1992/058-063)

3. O tipo de texto escrito das peças de teatro, embora não a reproduza fielmente, aproxima-se bastante bastante da fala.

De fato, uma comparação entre o trecho analisado com o texto oral, representado no teatro, já revela uma queda significativa na primeira e terceira pessoas. Examinemos o gráfico 1.5 na página seguinte:



Na primeira pessoa, a queda observada é de 10%. Todos os sujeitos pronominais em (34) e (35) abaixo eram representados por um pronome nulo no texto escrito:

(34) **Eu** não posso mais ficar aqui a tarde toda não. **Eu** tirei quatro notas vermelhas. **Eu** preciso dar um jeito na minha vida.

(35) **Eu** não sei se **eu** vou conseguir numa sessão só.

Na terceira, a queda é de 13%. Em (36) a seguir, todos os sujeitos eram nulos no texto escrito:

(36) Dona Irene: E se **cv** não morrer, **ele** fica caolho pro resto da vida civil. Margareth: Às vezes **ele** não morre. Mas se **ele** não morre, **ele** fica aleijado pra sempre. É isso que a Dolores acha bonito!

Com essa análise, foi possível relacionar a perda de propriedades *pro-drop* pelo PB com a simplificação do quadro pronominal. Viu-se que essa perda não opera igualmente em todas as pessoas. Na terceira, ela se dá mais lentamente, pelo fato de a recuperação do conteúdo do sujeito nulo contar com reforço da referência externa dos SNs. Diante disso, o artigo que está resumido nesta seção

conclui que os casos de sujeitos nulos identificados por Agr no PB são residuais e sugerem um período de transição - de língua *pro-drop* para língua não *pro-drop*.

1.3. Algumas propriedades das línguas românicas de sujeito nulo.

A alternância entre pronomes plenos e nulos que a análise resumida em 1.2.2. mostra não é definitivamente uma característica de línguas *pro-drop*. Tanto Calabrese (1986) como Fernandes Soriano (1989) chamam a atenção para a existência de uma complementaridade entre sujeitos pronominais nulos e expressos em italiano e espanhol, respectivamente. Segundo Calabrese, o sujeito nulo é obrigatório quando o referente é esperado; o uso de um pronome pleno (tônico) em tal caso implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença, como mostra (37) (os exemplos de (37) a (42) foram extraídos do texto citado):

- (37) a. Quando **Carlo**_i ha pichiato **Antonio**_j **pro**_i / **lui**_j era ubriaco.
b. **Mario**_i si è spaventato dopo che **pro**_i / ***lui**_i ha visto quel film.
c. Dopo che **pro**_i / ***lui**_i ha visto quel film, **Mario**_i si è spaventato.

Da mesma forma, um pronome tônico não pode preceder seu antecedente em encaixadas adverbiais, como em (38):

- (38) Quando **pro**_i / ***lui**_i lavora, Gianni_i non beve.

Se, no entanto, a encaixada não for uma adverbial, o pronome tônico pode preceder seu antecedente sem causar inaceitabilidade:

- (39) Le persone che **lui**_i ha aiutato sono convinte che Gianni_i è una buona persona.

O que torna um referente esperado, e, portanto, disponível para identificar o pronome nulo de uma matriz ou encaixada, é, para o autor, o fato de ele ser o Tema (ou sujeito) de uma predicação, como se constata pelos exemplos acima. O

sujeito de uma predicação secundária não é um Tema e, por conseguinte, tampouco é um referente esperado, o que implicará o uso do pronome tônico:

(40) Mentre il dottore_i visitava **Maria**_j incinta *pro*_{i, j} / *lei*_{j, i} canticchiava.

O mesmo fenômeno observado em sentenças encaixadas pode ser visto operando entre sentenças no discurso. A hipótese de Calabrese para explicar tal semelhança é a de que as seqüências de enunciados que compõem o discurso são sintaticamente irmãs umas das outras, como mostram (41) e (42):

(41) **Carlo**_i è entrato. **Mario**_j si è alzato. *pro*_{i, j} / *ha parlato*.

(42) **Mario**_i ha detto che **Maria**_j aveva detto quelle cose. Così *pro*_j / *lei*_j é scappata via.

Fernandes Soriano (1989) avança nessa noção de não-alternância ou não-opcionalidade entre pronomes nulos e plenos, invocando o Princípio "Evite Pronome": numa língua *pro-drop*, Agr deve obrigatoriamente atribuir seus traços de pessoa, número e Caso. Sendo os pronomes tônicos (plenos) intrinsecamente marcados para esses mesmos traços, sua co-ocorrência com *pro* implicaria uma dupla marcação de Caso. Seu aparecimento só se justifica nos casos em que a identificação do conteúdo de *pro* é comprometida, porque Agr não é suficientemente forte, como na segunda pessoa do subjuntivo em italiano ou na primeira e terceira do imperfeito do indicativo em espanhol, como se vê nos exemplos de F. Soriano em:

(43) É necessario che **tu** vada.

(44) Iba **yo/el** tranquilamente andando por la calle cuando cayó un obús.

Se, entretanto, houver outros elementos na sentença ou no contexto discursivo que permitam a identificação, a ocorrência de *pro* é "mais natural" (p.233) e a

tendência é atribuir outro estatuto ao pronome (como o de foco, por exemplo) se ele aparecer :

(45) È necessario che *pro ti* vesta bene. (op. cit.:232)

De fato, uma observação informal do italiano e espanhol falados pode nos dar bem a medida do que significa essa existência de elementos que permitam a recuperação do conteúdo de *pro*. Vejam-se os exemplos a seguir extraídos do filme de Giuseppe Tornatore, *Una Pura Formalità*:

(46) Chiedi al **comissario**_i quando ***pro***_i arriva.

(47) Non l'ho accompagnata. ***pro***_i È tornata da sola.

(48) ...ricevo una **sua**_i lettera. L'apri e notai che per la prima volta ***pro***_i aveva scritto qualche cosa illegibile.

Os referentes acima, dois complementos e um possessivo desfazem a impressão deixada pelos exemplos de Calabrese de que a relação de c-comando entre referente e *pro* seria necessária e ajudam a compor uma idéia do que é o “referente esperado” ou o que é a restrição imposta a uma língua do grupo *pro-dro* de só recorrer ao pronome pleno se a identificação de *pro* estiver comprometida.

Algumas sentenças do *corpus* que serviu de análise à presente tese foram apresentadas a espanhóis, italianos e portugueses. A rejeição às construções com duplo sujeito foram unanimemente rejeitadas. Quando o pronome duplica um referente [-animado], como em (49) a seguir, os informantes interpretaram o SN como um complemento topicalizado e o pronome [+ animado] seria o sujeito, livre em sua categoria de regência, como em (50):

(49) Eu acho que **um trabalho sério**_i **ele**_i teria que começar por aí.

(50) Eu acho que **um trabalho sério**_i **ele**_j teria que começar **t**_i por aí.

Da mesma forma, foram recusadas as sentenças com deslocamento à direita. A sentença (51a) passou a (51b) por sugestão dos portugueses e para (51c), depois de muito pensar, por sugestão de um espanhol:

- (51) a. **Ele_i** é muito preguiçoso, **o M_i**.
 b. O M. é muito preguiçoso.
 c. És mui perezoso, este M.

Nas estruturas com sujeitos correferentes, todos recusaram os pronomes plenos, mas os portugueses⁸ aceitaram normalmente os pronomes em relativas. No exemplo em (52) a seguir, espanhóis e italianos eliminaram todos os pronomes; os portugueses mantiveram o primeiro e o último:

- (52) Mesmo que **eu** não fizesse o vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.

Nas completivas de verbos declarativos e epistêmicos, o sujeito pleno com um referente “esperado” no contexto anterior foi recusado por aqueles e aceito por estes:

- (53) O **M_i** chegou todo nervoso. Me parece que **ele_i** tinha brigado com a N.

Em contextos iniciais, os pronomes foram muito mais aceitos pelos portugueses do que pelos espanhóis e italianos; enquanto os primeiros passaram pelas sentenças “eu conheço”, “eu (não) acho”, “eu (não) sei” , “ele disse”, os segundos recusaram os pronomes, substituindo-os pelas formas “(no) creo” / “(non) credo” e “me parece” / “mi pare”, além de “conosco”, “ha detto”, etc.

⁸ Reproduzo aqui trecho da carta recebida de M. dos Prazeres Gomes (da PUC-SP, a quem agradeço de coração pelo apoio), que apresentou a dois portugueses não lingüistas e não professores, de passagem pelo Brasil, algumas frases da amostra: “...dá para perceber que o estranhamento foi grande. Acharam um horror (!) algumas frases! Foi interessante observar suas reações diante da excessiva repetição pronominal e de outras soluções arrevezadas assim”. Agradeço ainda a Gilda Santos (da UFRJ), que igualmente colaborou nos testes com portugueses.

Os referentes em posição de complemento identificam muito mais facilmente um sujeito nulo em espanhol e italiano do que em PE. O exemplo (54) teve o sujeito de terceira pessoa cortado pelos espanhóis; os portugueses se preocuparam apenas em pospor o clítico ao verbo:

(54) Depois de muito tempo (eu) encontrei a **M_i**. **Ela_i** me contou que...

Se, entretanto, o referente se encontra dentro de um SN, o pronome coindexado a ele é aceito por todos:⁹

(55) Os filhos da **M_i** acham que **ela_i** não vai conseguir superar o problema.

Um referente [-animado] provoca sempre uma reestruturação do período. Assim, os exemplos em (56a) e (57a) abaixo seriam reescritos como (56b) e (57b):

(56) a. **A teoria_i** tem se desenvolvido muito. As categorias que **ela_i** prevê são...

b. A teoria tem se desenvolvido muito. As categorias previstas são...

(57) a. Os técnicos **da Previdência_i** calculam que **ela_i** fechará o ano com um superavit de...

b. Os técnicos da Previdência calculam que se fechará o ano...

A pesquisa informal relatada acima, que visava apenas ter uma idéia mais clara do que é um referente esperado "na prática", acabou por confirmar alguns fatos levantados sobre o português europeu na seção 1.2.1, além de dar a impressão de que o Princípio "Evite Pronome" atua com maior rigidez no espanhol e italiano. Confirmou-se ainda que as violações mais sérias ao Princípio dizem respeito ao duplo sujeito, aos pronomes em encaixadas com sujeitos correferentes (exceto pelas relativas) e aos pronomes com o traço [-animado]. A partir dessas observações, considerarei como "esperado" o referente que se encontra na sentença mais alta ou até mesmo fora dela, mantendo com o sujeito uma relação de c-comando. Será considerado "não-esperado" o que se encontrar dentro de um SN ou numa predicação secundária (como no exemplo 40, acima).

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS E HIPÓTESES DE TRABALHO

A questão que se coloca é, portanto: haveria uma terceira via entre o racionalismo e o empirismo, que permitisse pensar a linguagem não como um reflexo do meio ou do indivíduo, mas como algo que se constitui da relação dos dois?

Eleonora M. Maia (1987, 3a. ed. 1991:13)

2.1. O Princípio “Evite Pronome”

A intuição subjacente ao Princípio “Evite Pronome” está explicitada em Chomsky, 1981, 2a.ed. 1982:65):

“(The principle) might be regarded as a subcase of conversational principle of not saying more than is required, or might be related to a principle of deletion-up-to recoverability, but there is some reason to believe that it functions as a principle of grammar.”

Em Rizzi (1988:15), essa mesma intuição, que associa um aspecto funcional a um princípio da gramática, está presente:

“Roughly speaking, the use of pronounced material is legitimate only when necessary to convey the intended meaning, within the constraints of UG and of the particular grammar. This implies that, given the existence of a zero pronominal option, in languages like Italian, the overt form will be limited to the cases in which it is necessary, i. e., when the pronominal subject, being focal or contrastive must bear stress (evidently, the zero element cannot bear stress).”

Os dois trechos deixam claro, apesar do uso do termo *opção*, que o sujeito nulo não é uma *opção*, mas uma *obrigação* nas línguas românicas do grupo *pro-drop*; a *opção* parece ficar por conta do uso pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida. O que foi brevemente exposto no capítulo anterior confirma essa complementaridade entre sujeitos nulos e plenos no espanhol e no italiano, e, exceto pelas relativas, no português europeu. No caso do PB, vemos que, se não desapareceu, o sujeito nulo já não se encontra em distribuição complementar com

o pronome pleno. Ele é antes uma *opção* que se realiza cada vez menos em favor deste, cuja ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade de uma sentença. Este é o ponto principal em que se sustentará este trabalho: o português do Brasil perdeu o Princípio “Evite Pronome” e caminha, em consequência dessa perda, na direção das línguas *não-pro-drop*.

2.2. Princípios e Parâmetros e a nova perspectiva comparativista diacrônica

A teoria de Princípios e Parâmetros, que vem se desenvolvendo a partir do início dos anos 80, mais do que um “sistema teórico articulado” é uma “abordagem particular a problemas clássicos relativos ao estudo da linguagem” (Chomsky & Lasnik, 1991). De modo especial, estudos sobre a mudança lingüística realizados sob essa perspectiva paramétrica têm trazido importantes contribuições para a definição dos princípios da Gramática Universal, abstraídos dos conjuntos de opções que com eles interagem para formar as gramáticas particulares das diversas línguas. Através dessa abordagem, é possível prever os rumos que uma mudança pode tomar, relacionando, por exemplo, a perda de uma propriedade com determinado valor paramétrico à perda de outra relacionada ao mesmo parâmetro. A propriedade de inversão livre do sujeito, considerada por Rizzi (Chomsky, 1981:254) como a propriedade fundamental das línguas *pro-drop*, foi perdida pelo PB, como demonstram entre outros os trabalhos de Berlinck (1989 e 1995), Duarte (1992), Lopes Rossi (1993), Ribeiro (1995). Ficamos com a ordem V S restrita a sentenças apresentativas, além de casos de deslocamento à direita, a que Kato & Tarallo (1988 e no prelo) se referem como falsa inversão em PB. Isso nos fez perder a estabilidade em relação ao parâmetro, tornando-nos mais vulneráveis a outras mudanças. Uma abordagem paramétrica pode prever, a partir desse fenômeno, outras mudanças em relação às demais de propriedades das línguas [+ *pro-drop*].

É claro que as línguas não mudam instantaneamente. A perda de uma propriedade paramétrica gera um período de instabilidade, caracterizado pela

diminuição de frequência no uso de determinada estrutura (uma etapa a que Roberts 1993a se refere como *passos*), que passa a ter estatuto gramatical diferente (*reanálise diacrônica*) à medida que vai sendo substituída por outra. Em consequência, os dados lingüísticos relativos a essa propriedade, aos quais a criança tem acesso durante a aquisição, já não são “robustos ou salientes” (Lightfoot, 1991) e tendem, com o tempo, a desaparecer ou se limitam a registros estilísticos ou marcadores de construções cristalizadas (Rizzi, 1988). Nesse ponto chegaríamos a uma *mudança paramétrica*, ou seja, a refixação de um determinado parâmetro.

Ora, com a perda do Princípio “Evite Pronome”, é natural esperar que estruturas com sujeito nulo se tornem cada vez menos freqüentes, substituídas pelas que exibem o pronome pleno. Grupos sociais que implementam uma mudança em determinada comunidade lingüística exercerão seu papel propulsor. Os dados que constituem a “experiência detonadora” (*triggering experience*, Lightfoot, 1991) da criança durante o processo de aquisição trarão cada vez menos sujeitos nulos; e como a criança vai acionando os parâmetros com base em evidência positiva, é natural esperar que cada geração vá fazendo suas reanálises diacrônicas até a refixação do parâmetro.

2.3. Objetivos do trabalho: pressupostos e hipóteses

Minha proposta de trabalho, em vista do que foi exposto no capítulo 1, é observar, à luz do Parâmetro do Sujeito Nulo, como se reflete numa amostra sincrônica de língua oral esse processo de perda gradativa do Princípio “Evite Pronome” no PB, buscando acompanhar os caminhos que a mudança percorre, os obstáculos mais prontamente vencidos e os mais resistentes.

As perguntas que procuraremos responder são:

-Como se dá a realização do sujeito nulo no PB em sentenças com tempo?

-Se há de fato uma mudança em curso, que caminhos ela percorre? Ou seja: que contextos mais prontamente cedem terreno ao pronome pleno e quais os que resistem ao seu avanço?

-Que outras evidências temos na língua da perda do Princípio? Ou seja: há, no nosso sistema, alguma evidência mais forte de mudanças estruturais decorrentes da perda do sujeito nulo obrigatório?

As hipóteses que orientarão o levantamento dos fatores que possam condicionar a realização do sujeito pronominal em PB podem ser assim sintetizadas:

-A perda do Princípio "Evite Pronome" tem como causa última a redução do paradigma pronominal, com a conseqüente simplificação do paradigma flexional, a partir da perda, em quase todo o território nacional¹, da segunda pessoa "direta", representada pelos pronomes **tu** e **vós**, e sua substituição pela segunda pessoa indireta", que usa as formas verbais de terceira pessoa, como causa principal da perda do sujeito nulo; o paulatino desaparecimento do pronome **nós**, substituído pela expressão **a gente**, que usa igualmente a forma verbal de terceira pessoa do singular, só veio contribuir para que a mudança se acelerasse. A tabela a seguir resume a mudança sofrida no nosso paradigma pronominal:

Tabela 2.1. Paradigmas Pronominais e Flexionais em PB.

Pess./N ^o .	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1 ^a . sing.	Eu	am o	am o	am o
2 ^a . sing.	Tu	am a s	-	-
	Você	am a	am a	am a
3 ^a . sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1 ^a . plur.	Nós	am a mos	am a mos	-
	A gente	-	am a	am a
2 ^a . plur.	Vós	am a is	-	-
	Vocês	am a m	am a m	am a m
3 ^a . plur.	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

¹ Sabe-se que, na região Sul, a segunda pessoa "direta" ainda é usada. As informações que nos chegam atestam que, se o pronome "tu" é usado com as formas verbais de terceira pessoa, ele não é omitido; se, entretanto, ele é usado como no português europeu, o que parece ocorrer na comunidade descendente de açorianos, que vive na ilha de Florianópolis, é freqüentemente omitido. (Agradeço a Ruth V. Lopes a observação.)

Como mostra a tabela 2.1, o PB evoluiu de um sistema com seis formas distintivas (acrescidas de duas “formas extras” de segunda pessoa), o mesmo que ainda é usado no português europeu², para um paradigma com quatro formas distintas (Paradigma 2), hoje restrito à fala de grupos situados numa faixa etária mais alta. Falantes mais jovens preferem o Paradigma 3, que mostra não mais que três flexões distintas. Ficamos, pois, com um quadro flexional extremamente empobrecido em relação ao que tínhamos, o que compromete a função de identificar um sujeito pronominal vazio desempenhada pela desinência verbal.

-Passamos a ter, em consequência, um sistema defectivo de sujeitos nulos, em que sujeitos pronominais nulos e plenos perdem a complementaridade característica das línguas *pro-drop*, passando a ser intercambiáveis. Com base na análise quantitativa, mostraremos que a categoria vazia sujeito que ainda temos em PB é um *pro*, licenciado e identificado segundo os mesmos mecanismos utilizados nas línguas *pro-drop* românicas. Embora o sistema seja defectivo, os contextos que apresentam a categoria vazia são os mesmos em que o sujeito nulo é obrigatório naquelas línguas. O que existe, pois, é uma diferença quantitativa decorrente da perda da obrigatoriedade de omitir o pronome. À medida que se reduz essa frequência, menos saliente será a estrutura com o sujeito nulo no conjunto de dados a que a criança é exposta. A tendência é, pois, o desaparecimento da propriedade e o “confinamento” do sujeito nulo a certas expressões e construções.

-O aparecimento em nosso sistema de estruturas incompatíveis com o ‘figurino’ *pro-drop*, começando pelo uso do pronome pleno em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes e chegando à construção com duplo sujeito, ambas absolutamente ausentes nas línguas *pro-drop* românicas (justamente porque são a maior evidência de desobediência ao Princípio “Evite Pronome”) são consequências da mudança e sinalizam uma mudança paramétrica em progresso.

² Estou me baseando nos dados da amostra do português europeu analisada em 1.2.1.

2.3.1. Evidências quantitativas de que dispomos

Sobre este assunto, os dados quantitativos de que dispomos (além da pesquisa diacrônica resumida em 1.2) vêm de Lira (1982) e de Tarallo (1983), que observa uma verdadeira reversão na forma de representar sujeitos e objetos diretos pronominais, em pouco mais de um século. No material de língua oral examinado como amostra sincrônica, Tarallo, cujo estudo trata na realidade das estratégias de relativização no português e examina nosso quadro pronominal como parte do trabalho, encontrou 20,6% de sujeitos nulos e 81,8% de objetos anafóricos nulos, numa reversão completa do quadro pronominal visto nos séculos anteriores.

O trabalho de Lira, por outro lado, tem na representação do sujeito pronominal e na inversão Verbo Sujeito seu objeto central. Utilizando um corpus constituído de 8924 dados, fornecidos por 30 informantes, distribuídos em três classes sócio-econômicas (baseadas em ocupação, educação e renda), três faixas etárias e sexo, Lira constata 41% de ocorrências de sujeitos nulos na primeira pessoa, 28% na segunda e 53% na terceira. Ficam entre os fatores que mais favorecem a categoria vazia sujeito:

- a) o referente [-animado] (93%)
- b) a terceira pessoa (53%) e sujeito indeterminado com o verbo na terceira pessoa do plural (58%)
- c) as orações independentes (51%) e segunda coordenada (63%); nas encaixadas, os índices variam de 38% a 11%
- d) a manutenção da referência (55%)

Segundo a autora, não apresentaram significância a forma verbal ambígua (a que nos referimos nas seções anteriores como sincretismos), os fatores sociais e o estilo em que se realiza a fala (entrevista e narrativa).

Não obstante a importância do referido trabalho, pioneiro na atenção dada a uma importante mudança no PB, há alguns problemas que devem ser apontados.

Em primeiro lugar, a autora submete aos diversos fatores condicionadores o conjunto de dados sem manter a distinção entre os sujeitos de referência definida e arbitrária. As particularidades da terceira pessoa em relação à referência e as peculiaridades da indeterminação parecem clamar por um tratamento em compartimentos distintos. Da mesma forma, a inclusão das coordenadas (que não as iniciais), em que uma ocorrência de sujeito nulo não constitui privilégio de línguas *pro-drop*, pode enviesar os resultados. Finalmente, o conjunto de sujeitos nulos inclui respostas afirmativas, que se constroem, quase categoricamente, com a retomada do verbo da pergunta, numa estrutura de estatuto sintático diverso do de uma sentença declarativa comum (cf. a esse respeito Kato & Tarallo, 1993).

2.3.2. A amostra utilizada

O *corpus* principal deste estudo provém de gravações feitas em 1992 com 13 informantes cariocas com formação universitária, distribuídos em 3 faixas etárias: de 25 a 32 anos, de 45 a 53 e de 59 a 74 anos³, o que permitirá observar a mudança a partir da perspectiva do tempo aparente (cf. Labov 1972, Tarallo 1985). Cada grupo conta com dois informantes do sexo feminino e dois do sexo masculino. Acredito que o quadro que se puder desenhar a partir da fala de informantes com nível alto de escolaridade, usuários da norma culta em suas modalidades oral e escrita e leitores habituais, será bastante revelador do estágio em que se encontra o processo de mudança estudado. Como o uso ou omissão do pronome sujeito não está associado a qualquer estigma⁴, espero que os resultados espelhem, de fato, a real situação da variável.

³ A amostra, que pertence ao acervo do Projeto NURC-RJ, é intitulada "Recontato" por consistir, excetuando-se o grupo mais jovem, de entrevistas com informantes que participaram do Projeto NURC nos anos 70. Decidi incluir a fala da documentadora, que tem o mesmo nível de escolaridade e se situa no grupo 3. Utilizada por nós pela primeira vez, a amostra foi cedida por Dinah Callou e Célia R. Lopes. Agradeço a Carlos A. Gonçalves pela sugestão do uso desse material.

⁴ O uso do pronome sujeito duplicando o relativo, mais restrito à fala de pessoas com escolaridade baixa (cf. Tarallo 1983), não parece estar no nível de consciência do falante, não sendo em geral

Numa tentativa de verificar a implementação do uso do sujeito pronominal, será feita uma comparação entre os resultados encontrados para a amostra da fala de universitários com os encontrados em um material proveniente de duas horas de gravação de entrevistas de rádio e duas de entrevistas veiculadas pela TV⁵. Trata-se de entrevistas com profissionais de áreas diversas, além de políticos e funcionários da administração pública. Uma vez que os entrevistados desses programas, que têm, em geral, grau universitário, não são selecionados por lugar de origem e as entrevistas são transmitidas para todo o Brasil, a confirmação dos fatos observados na amostra de fala espontânea poderá permitir estender os resultados para além das fronteiras da cidade do Rio de Janeiro⁶. Outros dados de língua oral e escrita colhidos informalmente serão utilizados.

O quadro a seguir resume informações sobre a amostra utilizada.

Tabela 2.2. Procedência dos dados utilizados.			
PROCEDÊNCIA	LÍNGUA	DATA	T. DADOS
Fala espontânea	oral	1992	1.756
Entrevistas de rádio	oral	1993	605
Entrevistas de TV	oral	1991	451

2.3.3. A seleção dos dados

Este trabalho só se ocupará da posição de sujeito em sentenças com tempo⁷ e só examinará os sujeitos de referência definida e arbitrária. Uma outra

utilizado como argumento para as críticas que comumente ouvimos sobre outras variantes não-padrão.

⁵ Os programas gravados são transmitidos pela rádio CBN e pela TV Educativa RJ. As gravações foram feitas em 1991 (tv) e 1993 (rádio).

⁶ De modo geral, os trabalhos variacionistas têm revelado que as diferenças regionais do PB se referem mais à fonética e ao léxico do que à sintaxe.

⁷ Apesar de não ser foco deste trabalho, foi observada certa tendência ao uso do pronome pleno em sentenças infinitivas em contextos que provavelmente favoreceriam um PRO em línguas *pro-*

propriedade das línguas *pro-drop*, embora não seja exclusiva delas (cf. Jaeggli & Safir 1989 sobre o alemão), é o sujeito nulo expletivo, cuja ocorrência em PB não é questionada. Trata-se de um pronominal nulo que ocorre em construções com verbos inacusativos, entre os quais se acham os existenciais, os apresentativos e as formas passivas, ilustrado em (1):

- (1) a. **pro**^{expl} Existe [uma parcela da população] que não tem acesso às informações, né?
b. Ela não ficou solteira porque não **pro**^{expl} apareceu [pretendente].
c. Daí **pro**^{expl} foi desenvolvida [essa técnica de hibridização].

No entanto, quando essas estruturas perdem o caráter apresentativo, seu argumento interno é alçado à posição do argumento externo e elas passam normalmente a se construir com o sujeito pronominal referencial, da mesma forma que as falsas inversões (cf. Kato & Tarallo, 1988 e no prelo) tendo, portanto, interesse para a presente investigação:

- (2) a. Essas queixas, **elas**, **existem**, é claro.
b. **Ela** (a greve) só **deve se defragrar** quando...
c. Porque esse é um exame novo. **Ele** só **é feito** há mais ou menos um ano nos Estados Unidos.
d. **Ele**, é muito interessante, **o Edifício Barão de Lucena**.

Uma observação sobre as construções existenciais com **ser**, que deve merecer atenção num trabalho específico sobre a ocorrência de *pro* expletivo, refere-se ao fato de que, além de um *pro* referencial e um *pro* expletivo, podemos ter um sujeito nulo com valor dêitico, cujo referente é todo um contexto no discurso precedente. A categoria vazia nesses casos tem como contraparte lexical um

drop 'autênticas', o que sugere uma preferência pelo infinitivo pessoal, que permite a expressão do sujeito pronominal.

(i) Você começa a pensar como seria bom [**você** morar com aquela pessoa...]

(ii) É muito mais fácil [**você** ir de metrô.]

demonstrativo ou uma expressão do tipo “trata-se de”, como se vê em (3a,b), e não um pronome pessoal, coindexado com um referente explícito, mostrado em (3c,d). Por essa razão, a seleção dos dados exclui ainda todos os casos de **ser** em construções do tipo ilustrado em a e b:

- (3) a. **pro** Foram [dramas terríveis], minhas amigas e meus amigos, que a História um dia vai conhecer.
b. O Japão é outro mundo. **pro** É [uma cultura completamente diferente].
c. **pro** Eram razoavelmente pagas. (ref. “as professoras”)
d. **Ele** é todo “art-déco”. (ref. “o edifício”)

Gostaria de destacar, apesar da informalidade da observação, além do uso crescente do demonstrativo⁸ em lugar de **pro**, mostrado em (4a), a frequência na repetição do SN sujeito na posição do predicativo, exemplificada em (4b,c), numa clara tendência a igualar a classe gramatical dos elementos ligados por **ser**:

- (4) a. **Essa** é uma grande oportunidade que o povo tem e o povo sabe disso.
b. Veja bem. **O sistema celular é um sistema inteligente.**
c. **O teste de hibridização é um teste** que ele atua exatamente na cadeia de DNA do vírus HPV.

Passemos agora aos critérios que orientaram a seleção dos sujeitos referenciais em sentenças com tempo.

Os sujeitos de referência arbitrária

Embora não constituam objeto principal dessa pesquisa, decidi incluir na amostra os sujeitos de referência arbitrária por acreditar que as mudanças relacionadas com a representação do sujeito de referência definida deixaram

⁸ Em extraposições é igualmente digno de nota o uso do demonstrativo:
(i) [Que o PMDB fez muito mal quando tomou essa posição], isso, é evidente.

marcas na representação desse tipo de sujeito. No entanto, embora submetidos aos mesmos fatores sintáticos, os sujeitos [+arb] serão mantidos num grupo à parte e os resultados relativos à sua realização serão sempre apresentados separadamente. Sua realização como pronome pleno inclui os usos de **você, a gente, eles, nós, eu**, etc (cf. Kato& Tarallo, 1986), que podem aparecer nulos em estruturas com sujeitos correferentes, enquanto a realização apenas como pronome nulo refere-se às construções com o verbo na terceira pessoa do singular, com um sujeito nulo associado ou não ao clítico **se** (cf. Nunes, 1990), como (4) abaixo:

- (4) a. Era ali que **pro^{arb} se via** as garotas, e depois **pro^{arb} dava** uma passada na Imperial.

Decidi incluir os sujeitos pronominais nulos ou plenos que têm referentes representados por SNs como “o indivíduo”, “o cara”, “a pessoa” entre os sujeitos de referência definida, que serão assinalados pelo traço semântico [+ animado/+genérico].

Os sujeitos de referência definida

Entre os sujeitos de referência definida foram excluídos:

a) casos de sujeito nulo categórico

- em expressões fixas, como ‘sei lá’, ‘sei lá o que’, ‘não sei o que mais’
- respostas afirmativas, que se constroem basicamente em português por sujeito nulo e verbo (cf. Kato e Tarallo,93)

b) casos de pronome lexical categórico

- modificado por numeral, quantificador, etc.

- (5) Aí **nós duas** demos por encerrado o tal de chá.

- em construções clivadas

- (6) Pode ser que no futuro isso que seja o certo e [**a gente que seja errada**].

- ou em usos contrastivos

- (7) **Ele** antes queria casar; **eu** não queria. Agora **eu** quero; **ele** não quer, entendeu?

c) sentenças raízes com os verbos epistêmicos "(eu) acho" e "(eu) não sei", no presente do indicativo por serem muito freqüentes e exigirem um controle à parte. Um levantamento preliminar com a fala de dois informantes do grupo mais jovem revela um índice de 25% de ocorrências de sujeito nulo nessas orações;

d) coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes:

- (8) ...Aí [o periquitinho]_i tirava um papelzinho e **pro**_i dava pra gente.
- (9) Ele trabalha com a gente aqui na seção de ensino e **ele** está liderando um projeto que ele chamou 'projeto excelência'.
- (10) Tudo bem, até a época do colégio eu frequentava o bairro da Tijuca. Depois eu comecei a fazer, a cursar faculdade e **eu** já nadava aqui no Flamengo.
- (11) Eu estranho, mas **eu** fico quieta. **Eu** aceito.
- (12) Aquelas casas antigas elas viram tudo [...] Então elas servem pra moradia, mas **elas** servem pra n-coisas.

A razão de tantos exemplos aqui se deve à importância de assinalar o fato de que a mudança na representação do sujeito parece estar começando a afetar até mesmo essas estruturas. As retomadas do pronome em (11) e (12) não têm qualquer propósito de ênfase, sem mencionar o fato de termos em (12) um referente [-animado], que numa língua *pro-drop* "autêntica" não seria retomado

definitivamente por um pronome pessoal. As estruturas exibidas acima sugerem a implementação do sujeito pleno também nas estruturas coordenadas.

2.3.4. Os grupos de fatores condicionadores

A variável dependente 'sujeito nulo' vs. 'sujeito pronominal pleno' foi observada em relação aos seguintes fatores condicionadores:

a) pessoa gramatical e desinência verbal

O atrelamento desses dois fatores é fundamental para mostrar que, cada vez menos, é a flexão o elemento que licencia o sujeito nulo e que isso ocorre, como já dissemos, pela perda de uma riqueza funcional, que caracteriza, como vimos em 1.2, o português europeu (cf. Duarte, no prelo). Galves (1990,1991) refere-se à perda do traço semântico pela categoria gramatical de *pessoa*, responsável pela identificação das três pessoas gramaticais, restando-lhe apenas o traço sintático, que, associado ao traço de *número*, nos leva às quatro combinações possíveis:

- (13)
- + pessoa / - plural > -o
 - + pessoa / +plural > -mos
 - pessoa / + plural > -m
 - pessoa / - plural > -0

Se considerarmos o fato de que a desinência **-mos** está desaparecendo, que a desinência **-o** (ou **-i**) se limita a dois tempos verbais: o presente e o pretérito perfeito do indicativo, e que a desinência **-m** é frequentemente omitida nos registros mais informais, particularmente por falantes de baixa escolaridade, vê-se a sobrecarga sobre a desinência zero, negativamente marcada para número e pessoa. Estes fatores mostrarão a perda da força da flexão isoladamente.

Ainda relacionados à morfologia verbal, serão considerados o tempo e a forma (simples ou complexa) em que se encontram os verbos.

b) a estrutura da oração e seu estatuto sintático dentro do período

O quadro teórico adotado na análise da estrutura sentencial leva em conta a integração das categorias funcionais, relacionadas a propriedades morfológicas, (às quais estão possivelmente relacionadas as diferenças entre línguas) à Teoria X' (v. a esse respeito Raposo, 1993). Desta forma, a estrutura de CP e IP, ou seja, a existência de material em Spec CP ou C⁰, a ocorrência de adjuntos a IP, o aparecimento de negação, advérbios leves e clíticos entre Spec IP e I⁰, além da regência verbal e a realização dos seus argumentos internos serão observados no sentido de buscar os contextos que ainda abrigam o sujeito nulo e aqueles que mais rapidamente cederam ao sujeito pronominal lexical.

- material em Spec CP

(14) [_{CP} **Como é que** [_{IP} **cv** vou para o hotel?]]

(15) Eu não me lembro mais [_{CP} **o que que** [_{IP} **nós** plantamos]].

(16) Mas eles fazem uma comidas muito gostosas [_{CP} **que** [_{IP} **cv** compram nas casas de vegetarianos]].

- material em C⁰

(17) **Ele** sentiu [_{CP} [_{C'} **que** [_{IP} **cv** era o único ali novo]]]]

(18) E [_{CP} [_{C'} **quando** [_{IP} **cv** saltamos]], Arnaldo tomou um táxi.

- material em adjunção a IP

(19) [_{IP} No Colégio S. [_{IP} **cv** aprendi só a servir chá e arrumar jarra]].

-material entre IP e I⁰

(20) [IP cv [Não [I agüentou o tranco]]]. (H2f,741)

c) a posição do referente do sujeito

- em encaixadas

Este é um fator de fundamental importância aos nossos propósitos. Vimos que nas línguas do tipo do italiano, estruturas subordinadas com sujeitos correferentes têm obrigatoriamente o segundo ou ambos os sujeitos nulos. O uso do pronome pleno de terceira pessoa numa estrutura desse tipo implicaria uma referência disjunta. A amostra analisada mostra, em todas as pessoas, a expressão pronominal:

(21) Mas **eu** acho muito engraçado quando **eu** lembro o modo que **eu** fui criada.

(22) **A gente** morria de rir quando **a gente** punha notícia, porque **a gente** não tinha malícia.

(23) **Ela**_i ficou solteira porque **ela**_i quis.

- em contextos iniciais

Nas línguas *pro-drop*, o sujeito nulo é a realização esperada sempre que um referente se encontra bem estabelecido no discurso precedente e não há o risco de ambigüidade. Em relação às orações iniciais (raízes e independentes), será importante comparar a primeira e segunda pessoas com a terceira, que deve, nesses contextos, buscar seu referente no discurso. Um predomínio muito significativo de sujeitos nulos de terceira pessoa (já atestado em outros trabalhos, entre os quais, Duarte(1993), Negrão & Müller (1994), Kato et alii (no prelo) sobre os de primeira e segunda confirmaria a ineficiência de um mecanismo de sujeito

nulo centrado na flexão apenas e a resistência maior da terceira pessoa, que conta com o reforço da referência externa de um SN.

- (24) Nós "flitávamos" assim, botávamos aquele "flit", antes de anoitecer. E **ele**_i foi botar, mas com uma mão só **cv**_i quis pegar a janela, que era de guilhotina. **cv**_i Enterrou a mão pela janela, cortou tudo. Aí, **cv**_i teve que ser operado.
- (25) Eu conheço **duas** (moças)_i que, **elas**_i não sabem ficar sozinhas. **Elas**_i não conseguem, sabe? **Elas**_i podem namorar o cara mais idiota do mundo. Mas **elas**_i têm que ter um namorado.

d) o traço do referente de terceira pessoa

O traço [-animado] tem se mostrado um fator muito atuante em mudanças no quadro pronominal do PB, particularmente no favorecimento à ocorrência do objeto nulo (cf. Omena, 1978, Duarte 1986 e Cyrino 1993, 1994). O mesmo efeito este fator deverá ter com relação ao sujeito, ou seja, deverá constituir-se num contexto de resistência do sujeito nulo.

e) o duplo sujeito

As construções com duplicação do sujeito conhecidas como deslocamento à esquerda ou à direita (antitópico ou falsa inversão, cf. Kato e Tarallo, 88, no prelo) são construções atípicas em línguas do grupo *pro-drop*, e, embora a ocorrência de DE inclua necessariamente o uso do pronome, não se encaixando, pois, dentro do conceito sociolinguístico de regra variável, seu exame é fundamental para a confirmação da hipótese de que estamos de fato nos afastando do grupo das línguas *pro-drop*. As sentenças codificadas como tendo duplo sujeito em DE, ilustradas em (26,) serão tratadas separadamente.

- (26) Eu acho que **os militares_i**, na época **eles_i**, foram muito hábeis em esconder as coisas... (H3b, ...)
- (27) **Ele_i** é muito interessante, **o Edifício Barão de Lucena_i**.
- (28) **cv_i** é bem carioca **esse termo “vexaminoso”_i**.

f) os fatores sociais

Entre os fatores sociais considerados, tem importância fundamental a faixa etária dos informantes, que será levada em conta na apresentação dos condicionamentos lingüísticos à realização do sujeito e servirá para mostrar o progresso da mudança que o trabalho enfoca. Será ainda investigada a relevância do sexo do informante e do papel do indivíduo dentro do grupo.

Os dados coletados serão codificados e submetidos aos programas da série VARBRUL, que apresentam valores percentuais e pesos relativos para cada um dos fatores dentro de seu grupo e de cada grupo em relação aos demais, elencando-os por ordem de sua significância para a realização da variável em estudo e rejeitando aqueles que não têm peso em tal realização (sobre os modelos matemáticos utilizados nos programas e sobre sua aplicação v. Naro (1992) e Scherre (1992) respectivamente).

CAPÍTULO 3

UMA NOVA PESQUISA SINCRÔNICA: EVIDÊNCIAS DE MUDANÇA EM TEMPO APARENTE

Está aí. **Eu** tenho muita saudade do Rio do meu tempo. Mas, **eu** não sei por quê, quando **eu** penso assim: "Onde é que **eu** gostaria de morar?", **eu** não sei se é porque **eu** tenho certeza que não posso reverter o passado ou se é porque **eu** não tenho mesmo vontade... mas o fato é que **eu** não penso no Rio de Janeiro antigo. (H11,1687-1691)

Essa minha tia que mora aqui, **ela** é solteirona e eu acho que **ela** é super-feliz, sabe? Eu não acho que **ela** seria feliz assim... **Ela** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela** - isso é até um pouco de defeito - **ela** pensa muito mais nos outros do que nela, né. Mas eu acho que **ela** é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada...É que a vida não ficou a dever, entendeu, nada. Foi uma opção dela ficar solteira. **Ela** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela** ficou solteira porque **ela** quis. (M3a,76-87)

A gente joga por amor à camisa, porque **a gente** gosta do que **a gente** faz.
(Oscar, jogador de basquete, em pronunciamento pela TV, 30.06.92)

3.1. Introdução

Este capítulo apresenta os resultados da análise quantitativa e probabilística a que foram submetidos os dados da amostra. Em 3.2 serão apontados os condicionamentos sociais e estruturais à realização do sujeito de referência definida na fala espontânea - as entrevistas com informantes de formação universitária pertencentes a três faixas etárias - a partir das ocorrências de sujeito nulo. A variável social **faixa etária** será mantida nas tabelas e gráficos, sempre que possível, para que se observe a mudança em progresso no tempo aparente. A seção 3.3 apresenta a análise probabilística que seleciona os fatores que têm mais significância para a realização da variável dentre os examinados. A seção 3.4 compara os resultados encontrados na amostra de fala espontânea com os da fala da mídia. Em 3.5, passa-se ao exame dos sujeitos de referência arbitrária que ocorrem nas duas amostras. A implementação da mudança em direção ao pronome pleno será mostrada em 3.6.

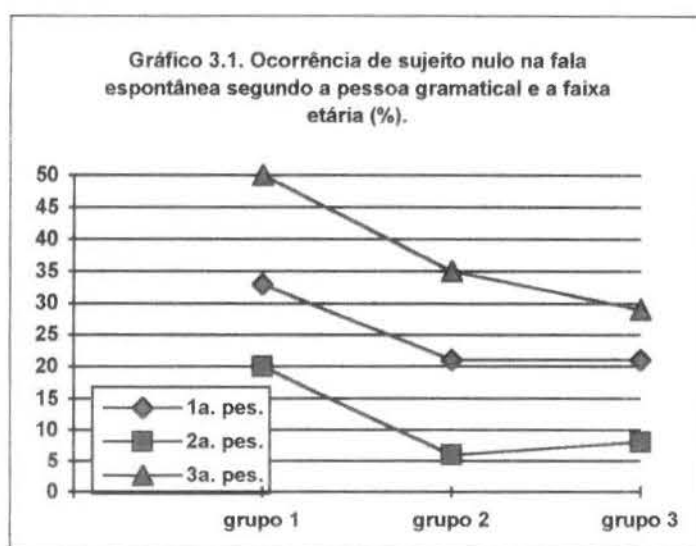
3.2. O sujeito de referência definida na fala espontânea

Do total de 1.756 dados computados, 1.424 têm referência definida. Desses, 415 (29%) apresentam o sujeito nulo, enquanto 1.009 (71%), o sujeito pronominal pleno. Se se considera o fato de que coordenadas com sujeitos correferentes e casos de sujeito nulo ou pleno categóricos foram eliminados da amostra (cf. seção 2.3.3), temos, de início, um percentual bastante expressivo da perda gradual do sujeito nulo. O interesse do trabalho não é, entretanto, se fixar em números por trás dos quais possa haver fatores de valor diverso, capazes de embaçar a visão e, conseqüentemente, uma razoável compreensão do fenômeno. Sabe-se que um processo de mudança não é uniforme nem tampouco rápido. Por isso, além das

três faixas etárias, as três pessoas do discurso serão, sempre que necessário, tratadas separadamente.

3.2.1. A pessoa gramatical vs. os condicionamentos sociais

Observada em relação à faixa etária dos informantes e a pessoa gramatical, a ocorrência de sujeitos nulos de referência definida pode ser vista no gráfico 3.1., onde estão representados, pela ordem, o grupo que se situa na faixa etária mais alta (Grupo 1: de 59 a 74 anos), o grupo intermediário (Grupo 2: entre 45 e 53 anos) e o grupo mais jovem (Grupo 3: entre 25 e 32 anos).

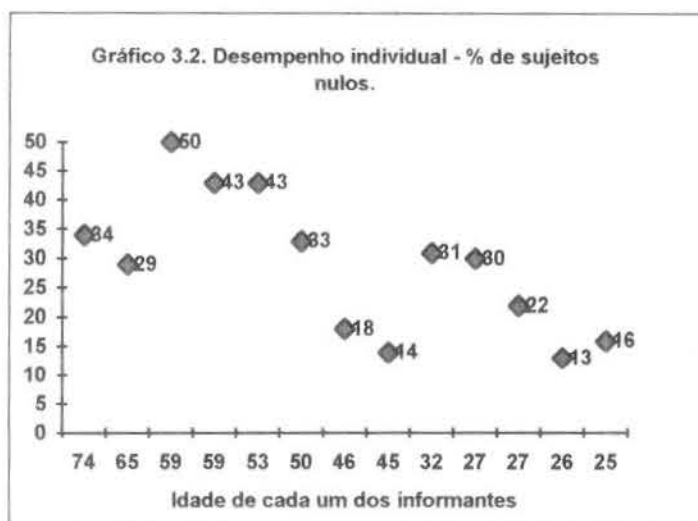


Os percentuais mais baixos ocorrem na segunda pessoa, em que temos o Grupo 1 com 20% de sujeitos nulos, seguido pelos Grupos 2 e 3 com 6% e 8%, respectivamente. A seguir, vemos a primeira pessoa com 33% de ocorrências para o Grupo 1 e 21% para os Grupos 2 e 3. Finalmente, temos a terceira pessoa, com os índices mais altos de sujeitos nulos (50%, 35% e 29%). Esta hierarquia, mantida nos três grupos, revela uma diferença mais acentuada entre os mais velhos (grupo 1), de um lado, e os grupos 2 e 3, de outro.

O gráfico 3.1. deixa em evidência o fato de que os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir

gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi a um só tempo a detonadora da mudança - graças à sua substituição pelos pronomes de tratamento (você(s), o(s) senhor(es)), que se combinam com formas verbais de terceira pessoa - e a que mais rapidamente incorporou seus efeitos, mostrando-se como um processo de mudança mais adiantado.

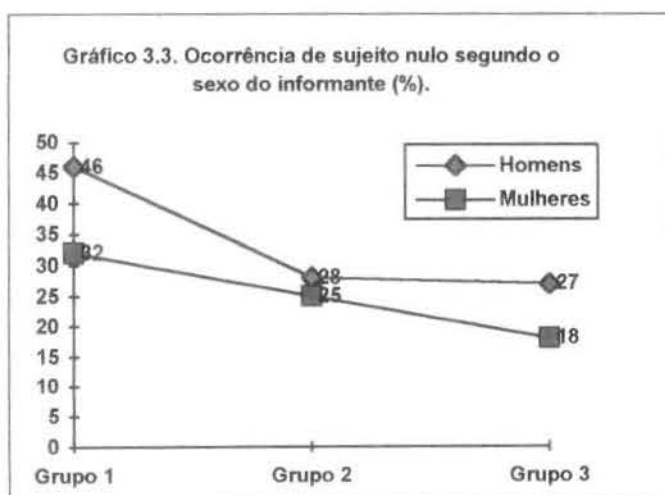
O gráfico 3.2, a seguir, mostra o desempenho individual dos informantes. No eixo horizontal se vê a idade de cada um.



Enquanto a distância entre os índices mais alto e mais baixo nos grupos 1 (os quatro primeiros) e 3 (os cinco últimos) se situa em torno de 20 pontos percentuais, vê-se que, no grupo intermediário, ela é de quase 30 pontos, com os dois indivíduos mais velhos desse grupo aproximando-se da fala do grupo 1 e os dois mais jovens, da fala do grupo 3. A falta de correlação entre idade mais avançada e índices mais altos de sujeitos nulos no grupo 1 revela um padrão já encontrado para outras variáveis¹: os dois informantes mais velhos desse grupo são mulheres. Além do fato de estas terem recebido formação, na escola e na família, diferente da recebida pelos homens, são as duas únicas que não exerceram uma atividade profissional. Essa diferença entre homens e mulheres, entretanto, se mantém, no

¹ Cf. Padrões Sociolinguísticos (no prelo), Silva & Scherre (orgs.).

caso da presente amostra, embora menos acentuada, em todos os grupos. Ora, sabe-se que as mulheres tendem a liderar um processo de mudança em direção a uma forma prestigiada (Paiva, 1992), mantendo-se mais conservadoras em relação a formas não prestigiadas. Como no caso da presença ou ausência do pronome sujeito não se tem variantes sujeitas a estigma social, pode-se igualmente supor que as mulheres “tomem a ponta do processo de mudança” (op. cit.:71). Enquanto a fala masculina apresenta 34% de ocorrências de sujeitos nulos de referência definida, a das mulheres aparece com 25%. O gráfico 3.3., a seguir, apresenta o desempenho de homens e mulheres em relação à faixa etária.



O sexo e a idade dos entrevistados são, portanto, fatores importantes na implementação da mudança em foco. Manteremos, na apresentação dos resultados obtidos em relação aos condicionamentos estruturais, a variável “faixa etária”, para que se possa acompanhar o processo. Examinemos separadamente cada pessoa em relação ao número e ao tipo de desinência verbal.

3.2.2. Os condicionamentos morfológicos

3.2.2.1. O paradigma flexional

Começemos pela ocorrência de sujeitos nulos de segunda pessoa, mostrada na tabela 3.1.

persona	grupo 1	grupo 2	grupo 3	total
	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)
2a. p. sing	5/24 (21)	2/30 (7)	6/65 (9)	13/119 (11)
2a. p. plur.	0 / 1 (-)	0 / 1 (-)	0/ 6 (-)	0/ 8 (-)

Das poucas ocorrências de sujeitos nulos de segunda pessoa do singular (13 em 119), 5 apresentam-se em contextos encaixados, ilustrados em (1) a seguir:

- (1) **A senhora** falou que **cv** não gosta de cozinhar e que **cv** tinha empregada. (M3m, 1255-1257)²

enquanto 8 incluem perguntas e exclamações, em que a identificação do sujeito se prende ao contexto pragmático, não constituindo privilégio de línguas de sujeito nulo³. Essas ocorrências se acham exemplificadas em (2) e (3) abaixo:

- (2) **cv** Nunca ouviu falar nele? (H2f, 799)
- (3) **cv** Sabe o que é pinho de riga? (H1l, 1633)

Por outro lado, 89% desse total apresentam sujeito pronominal exposto, seja em raízes, seja em encaixadas, como em (4) e (5).

- (4) **Você** tocou num negócio....**Você** falou que **você** 'tá morando...(M2e, 692-694).
- (5) **O senhor** podia descrever o lugar onde **o senhor** mora? (M3m, 1743/1744).

²Os exemplos da amostra principal (entrevistas com informantes) apresentam a seguinte codificação: sexo (Mulher/Homem); faixa etária (1-de 59 a 74 anos, 2-de 45 a 53 anos, 3-de 25 a 32 anos); identificação do informante (de a a m); número da ocorrência. Trechos inseridos aparecem entre parênteses.

³Valian (1990) chama a atenção para omissões de sujeito restritas à posição inicial de sentenças em inglês, que não decorrem de uma função da sintaxe, mas de condicionamentos discursivos e prosódicos.

Na segunda pessoa do plural, foram produzidas apenas 8 orações, todas com sujeito foneticamente realizado, como mostra (6):

- (6) Aí **vocês** vão entrar em atrito porque **vocês** vão começar a brigar. (M3a, 125/126)

Comparadas com os dados do português europeu (ver seção 1.2.1), as sentenças em (4) , (5) e (6) deixam patente a distância que separa os dois dialetos no uso do sujeito de segunda pessoa.

Veamos a tabela 3.2., que resume as ocorrências de sujeitos nulos de primeira pessoa:

Tabela 3.2. Ocorrência de sujeito nulo de primeira pessoa					
peessoa	desin.	grupo1	grupo 2	grupo 3	total
		N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)
1a. p. sing.	-o	64/179 (36)	37/162 (23)	37/137 (27)	138/478 (29)
	zero	21/ 59 (36)	8 / 43 (17)	8/51 (16)	37/153 (24)
1a. p. plur.	-mos	11/ 38 (29)	4 / 14 (29)	1/ 1 (-)	15/ 53 (28)
	zero	0 / 13 (-)	1 /14 (-)	2/ 40 (5)	3/ 67 (9)

Nota-se na fala dos informantes mais velhos o mesmo percentual de sujeitos nulos (36%), quer o verbo tenha a flexão distintiva de primeira pessoa, quer apresente a desinência zero, comum à segunda e terceira pessoas do singular, o que revela ainda vestígios de propriedades de um sistema de sujeitos nulos em operação (cf. 1.3). Nos demais grupos, porém, já se pode observar um avanço na perda dessa propriedade, ou seja, a ocorrência uniforme de sujeitos nulos independentemente da desinência distintiva, desde que plenamente identificáveis - característica de um paradigma que apresenta certa "riqueza funcional" (Roberts 1993a) - já não existe.

Quanto à primeira pessoa do plural, o uso do pronome **nós**, que predomina sobre o uso da expressão **a gente** na fala do grupo 1, já concorre com essa expressão em igualdade de condições na fala do grupo 2. Entretanto, na fala do grupo 3, a forma **nós** aparece em uma única ocorrência, como pronome nulo, contra um total de 40 usos de **a gente**, mostrando a implementação do paradigma 3 (cf. tabela 2.1, seção 2.3). É justamente aí que se concentram as maiores diferenças entre os grupos 1 e 2, de um lado, e o grupo 3, de outro.

- (7) Aí, **cv fomos** pra uma cidade seis horas ao Norte. (M3c, 423)
- (8) Agora **a gente** 'tá brigado. Tem duas semanas que **a gente** nem se fala. (M3a, 27,28)
- (9) Eu acho que em um ano **a gente** se separa se **a gente** se casar. (M3a,97, 98)

A rejeição por parte do grupo mais jovem à desinência **-mos** pode ser observada na resposta à pergunta em (10) a seguir, feita a uma atleta que fala sobre sua experiência numa vila olímpica durante a realização de jogos:

- (10) A: E quando **vocês** 'tão andando assim na vila **vocês** reconhecem (os astros do esporte)? (M3z, 412,413)
B: Ah! **cv reconhece**. Principalmente **a gente** que acompanha, né?(M3c)

A resposta afirmativa representada preferencialmente pelo verbo e sujeito nulo em português (cf. Tarallo & Kato, 1993) - um tipo de ocorrência que, conforme o exposto em 2.3.3, não faz parte do conjunto de dados analisados - deixa implícito o sujeito escolhido pelo informante para expressar a primeira pessoa do plural: em vez de **(nós) reconhecemos**, temos **(a gente) reconhece**.

A terceira pessoa é a que apresenta os índices mais altos de sujeitos nulos, embora com a mesma queda na fala dos grupos mais jovens em relação aos mais velhos. As diferenças percentuais entre singular e plural somente são significativas na fala do grupo 3, como mostra a tabela 3.3.

persona	grupo 1	grupo 2	grupo3	total
	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)
3a. p. sing.	68/135 (50)	61/176 (35)	36/108 (33)	165/419 (39)
3a. p. plur.	21/ 42 (50)	13/ 35 (37)	10/50 (20)	44/127 (35)

Veja-se na tabela 3.3 acima que, para o grupo 1 e o grupo 2, há um equilíbrio entre o singular e plural, enquanto, para o grupo 3, o percentual na terceira pessoa do singular é mais alto do que na terceira do plural, que ainda teria a seu favor a presença da desinência *-m*, se estivesse em questão buscar qual das duas formas tem flexão mais saliente. Disso se pode supor que, à medida que vai caindo a relação entre sujeito nulo e Agr, outros fatores estejam entrando em jogo para reforçar sua identificação. E é justamente essa diferença entre o comportamento da terceira pessoa em relação às outras pessoas que permite estabelecer uma ligação entre a perda do sujeito nulo e o **empobrecimento** da concordância e concluir que o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança porque conta com um referente externo para reforçar os traços enfraquecidos de Agr.

Uma outra observação que se pode fazer a partir da tabela 3.3. é que, embora mais lentamente, o sujeito nulo de 3a. pessoa também vai cedendo espaço ao sujeito pronominal lexical. Isso contraria a hipótese de Negrão & Müller (1994)⁴ de que o sujeito pleno não estaria *substituindo* o nulo; haveria, sim, uma coexistência de ambas as formas, com uma *especialização* no uso de cada uma delas. Igualmente, os resultados parecem em desacordo com os apontados por Nicolau(1994), com base em 3 inquéritos da Amostra Nurc-SP, um para cada

⁴As autoras argumentam a favor da hipótese de que a distribuição das categorias vazia e lexical em posição de sujeito bem como a das formas possessivas de terceira pessoa *seu* e *dele* deve ser caracterizada como um caso de coexistência de formas pronominais no nosso sistema, com uma especialização no uso de cada uma, e não como um caso de substituição decorrente do desaparecimento de uma delas. Esta especialização de formas pode, entretanto, ser encarada como uma etapa do processo de mudança.

modalidade de elocução: 'elocução formal', 'diálogo entre informante e documentador' e 'diálogo entre dois informantes'. A autora rejeita a sugestão de Tarallo (1993b) de que o PB estaria numa fase de transição de língua *pro-drop* para língua *não-pro-drop* e a de Duarte (1993), para quem os casos de sujeito nulo em PB seriam *resíduos* do parâmetro do sujeito nulo.

É preciso, entretanto, que se tenham em mente os critérios que orientam a seleção de dados em pesquisas quantitativas. Negrão & Müller, por exemplo, baseiam-se em trabalho variacionista centrado na fala de duas crianças entre 10 e 12 anos, de uma escola pública paulista, e consideram como evidência de que o enfraquecimento de flexão **não** é causa do preenchimento progressivo do sujeito ocorrências como

Ah, eu 'tou jogando bola com o Marcelo, **eles**, pegam **vem**, **cv**, tira a bola, **cv**, **começa** a brincar. (ex. (5), op. cit.:10)

em que se tem uma seqüência de orações coordenadas⁵; uma estrutura como essa pode ter igualmente o sujeito nulo em línguas *não-pro-drop*, como o inglês, graças às propriedades da coordenação. Conforme expus em 2.3.3, esse tipo de estrutura (que, aliás, já apresenta muitos preenchimentos do sujeito pronominal na fala dos mais jovens e merece ser estudado, pois sugere um processo de cliticização fonológica em andamento, que será comentado em 4.4) foi excluído da amostra aqui analisada, assim como as sentenças raízes de completivas com a estrutura "(eu) acho" e "(eu) não sei"⁶, apontadas por Nicolau como as que ainda favorecem o sujeito nulo de primeira pessoa. Utilizando os mesmos critérios que orientaram o presente trabalho, realizei uma análise de 3 inquéritos da amostra NURC-RJ (EF, DID e D2) e os resultados confirmam os encontrados aqui, além de sugerirem a análise de cada modalidade de elocução separadamente.

De qualquer forma, apesar de discordâncias quanto à interpretação do fenômeno, todos os trabalhos têm apontado a mesma hierarquia na realização do

⁵ A mudança de plural para singular não pode, entretanto ser descartada, entre os contextos de resistência do sujeito nulo nas encaixadas. Isso é ilustrado no exemplo (92) deste capítulo.

⁶ G. M. Oliveira e Silva (c.p.) tem considerado essas expressões como marcadores discursivos.

sujeito nulo e a importância da terceira pessoa para sua realização em PB. E, quando se observa tal fato, é inevitável a suspeita de que isso se deve ao enfraquecimento de Agr no processo.

A tabela 3.4, a seguir, é bastante eloqüente quando se trata de ilustrar o enfraquecimento do nosso sistema flexional verbal.

Tabela 3.4. Relação entre sujeito nulo, desinência e pessoa.				
Flex.	- o (- i)	- mos	-m	-zero
Pessoa	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)
1a. p. s.	138/478 (29)			37/153 (24)
2a. p. s.				13/119 (11)
3a. p. s.				165/419 (39)
1a. p. p.		15/53 (28)		3/67 (4)
2a. p. p.			0/ 6 (0)	0/ 2 (0)*
3a. p. p.			42/111 (38)	2/ 16 (13)*

* Verbos que apresentam formas homógrafas para a 3a. p. do sing. e pl.

É indiscutível o enfraquecimento de um paradigma que chega a permitir a desinência zero em todas as pessoas. Não espanta, pois, que as construções com sujeito nulo tendam, com o tempo, a se tornar cada vez mais marginais, ou residuais, no sistema. Na primeira pessoa do plural e na segunda, como se viu, a mudança já se acha bastante adiantada. As cada vez menos freqüentes ocorrências de sujeitos nulos de primeira pessoa do singular na língua oral, ainda licenciadas pela desinência, deverão continuar a se manifestar por tempo indeterminado como resíduos da propriedade *pro-drop*. A este respeito, vale lembrar a observação de Roberts (1993b) sobre o fato de o francês medieval ter convivido por cerca de 150 anos com um sistema defectivo de sujeitos nulos, que "permitia sujeitos nulos apenas em certas pessoas e/ou certos contextos sintáticos" antes de o parâmetro se fixar como *não-pro-drop* (p:415). Voltarei a este ponto nos capítulos 4 e 5.

3.2.2.2. O tempo e a forma verbal

O pretérito perfeito aparece como o tempo verbal que mais favorece o sujeito nulo (39% das orações com verbo neste tempo têm seu sujeito nulo), seguido do pretérito imperfeito (27%) e do presente (26%). Tais percentuais parecem sugerir que as desinências do pretérito perfeito para a primeira e terceira pessoas do singular resistem mais ao desgaste pelo qual vai passando o paradigma flexional; neste particular, o presente já se iguala ao imperfeito, apresentando o mesmo desgaste.⁷ Destaque-se aqui a completa ausência do mais-que-perfeito simples e o quase completo desaparecimento do futuro simples, com apenas três ocorrências. Seu uso em (11) na estrutura de antitópico ou falsa inversão (cf. Kato e Tarallo, 1988, e no prelo) parece traduzir certa formalidade:

- (11) **cv**, **Fará** agora 100 anos **o município**, e eu **estarei** lá certamente em agosto.
(M1g, 937)

Os tempos do subjuntivo mostraram índice ainda mais baixo de ocorrências de sujeito nulo (20%). Do mesmo modo, as locuções, que incluem os tempos compostos e o futuro perifrástico, não mostraram efeito especial sobre a expressão do sujeito pronominal. Prevalece a influência do tempo em que se encontra o verbo auxiliar, com preferência pelo pretérito perfeito, como vimos no parágrafo acima. Essa é uma das prováveis causas da preferência pelo sujeito nulo nem 16 (57%) das 28 passivas computadas na amostra. Dessas 16 ocorrências, contudo, apenas duas foram produzidas pelos mais jovens, que preferem o sujeito pleno também com as formas verbais passivas:

⁷ Um condicionamento prosódico pode estar colaborando com a preferência pelo sujeito nulo com o pretérito perfeito sobre o presente; afinal, enquanto este tem as formas do singular e a 3a. p. p. rízetônicas, aquele tem todas as formas arízetônicas. Assim haveria uma preferência por "gostei" sobre "gosto", por "perdeu" sobre "perde", por exemplo, em que há material fônico antes da sílaba tônica, que pode "ocupar" o espaço do pronome. Callou & Silva (1995) explicam o uso do artigo antes do possessivo como um mecanismo responsável pela manutenção do ritmo e da métrica, quando o SN é realizado com maior velocidade.

(12) **cv Fui quase suspenso.** (H3b,198)

(13) Eu não sabia quando **ele foi preso**, por que **ele foi preso**. (H3b,157,158)

Passemos ao exame de outros condicionamentos que possam nos revelar os últimos refúgios do sujeito nulo no PB, tendo em mente a busca de elementos que justifiquem a situação privilegiada da terceira pessoa neste particular.

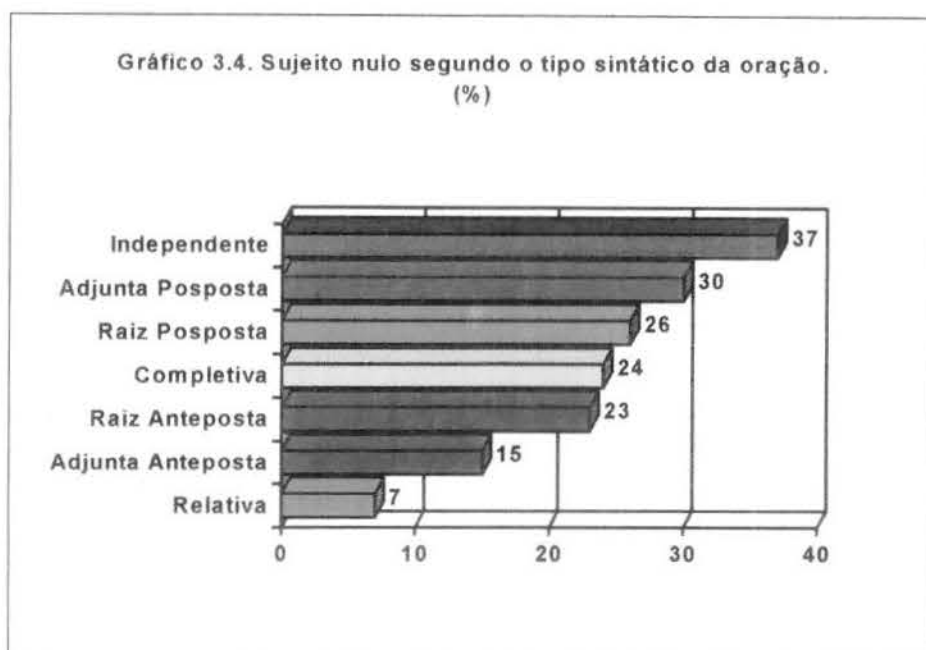
3.2.3. Condicionamentos sintáticos

3.2.3.1. A estrutura de CP

Como enfatizei em 2.3.3, um dos cuidados que se deve ter para que os dados permitam quaisquer conclusões sobre a atuação do parâmetro do sujeito nulo é a exclusão das orações coordenadas com seqüências de sujeitos com a mesma referência, que manifestam propriedades de elipse comuns a línguas que não admitem o sujeito nulo como uma propriedade sintática. Sem negar, pois, a possibilidade de estarem também as coordenadas sofrendo conseqüências da perda do sujeito nulo (fato já mencionado em 2.3.3), optei por excluí-las da amostra.

Vejamos então como foram agrupadas as orações segundo sua função e sua posição na estrutura do período.

As sentenças não encaixadas foram separadas em três grupos: as independentes, que incluem as coordenadas iniciais ou quaisquer outras coordenadas sem sujeitos correferentes, e as principais, que podem preceder ou seguir a encaixada; estas compreendem as completivas, as relativas e as adjuntas, que seguem ou precedem sua raiz. O gráfico 3.4, a seguir, mostra a direção da mudança: das encaixadas para as raízes.



O primeiro aspecto a chamar a atenção no gráfico 3.4. é a polarização entre orações relativas e orações independentes com 7% e 37% de ocorrências de sujeitos nulos, respectivamente. Os 7% de sujeitos nulos referenciais em relativas correspondem a 7 ocorrências (seis na primeira pessoa do singular e um na terceira do plural), de um total de 95 dados, cinco dos quais produzidos pelo mesmo informante, pertencente à faixa etária mais alta; os outros dois foram produzidos igualmente por um informante do grupo 1 e um do grupo 2. Na fala do grupo 3, todas as relativas têm sujeito pronominal pleno.

- (14) Tem uma outra central de trabalhadores **que cv esqueci o nome**, aquela do...
É tão ruim que eu esqueço. (H2f, 727)
- (15) Eles fazem umas comidas muito gostosas **que cv compram nas casas de vegetarianos**. (M1i,1170)

(16) Fui requisitado pelo Governo do Estado...., **onde cv fiquei durante oito anos**. Depois eu fui dirigir a Fundação X, **de onde cv saí no ano passado**, quando fui requisitado também para a Secretaria X, **onde cv dirigi durante seis meses essa Secretaria**. (H1j,1316/1319)

(17) Ao sair de uma casa de material esportivo **onde cv fui pagar uma fatura de um clube que cv era diretor**. (H1j, 1438/1440)

Note-se em (16) e (17) que o falante parece se utilizar dos sujeitos nulos para conferir à sua fala uma formalidade compatível com a importância dos cargos que já exerceu, mas não escapa da armadilha da relativa copiadora numa (**onde** dirigi durante seis meses **essa secretaria**) e da cortadora noutra ((**de**) **que** era diretor) também utilizada em (14) pelo falante do grupo 2. De qualquer forma, a rejeição ao sujeito nulo neste contexto é notável, podendo confirmar-se em ocorrências como (18) abaixo, em que o sujeito nulo da raiz é pleno na relativa:

(18) Talvez **cv** tenha sido entrevistado nesse lugar **onde eu morei**. (H1l, 1750/1751)

Na seção 1.2.1, observei que a relativa é a única estrutura a favorecer o sujeito pronominal pleno no português europeu em detrimento do sujeito nulo e que considerei a hipótese de que o preenchimento de Spec CP, posição ocupada pelo pronome relativo na categoria funcional CP, seria o mais forte condicionamento ao uso do sujeito pleno no português europeu. O exame das completivas interrogativas indiretas, introduzidas por interrogativos indefinidos, ocupantes da mesma posição, revelou o mesmo condicionamento. Compreende-se, pois, por que é este o contexto sintático em que a mudança está mais avançada no português brasileiro: era este o ponto mais vulnerável no sistema e, por ele, o sujeito pronominal pleno deve ter começado sua batalha contra o sujeito nulo.

Vejamos se o mesmo ocorre em relação às interrogativas indiretas, examinando as completivas da amostra, que, no seu conjunto, apresentam 24% de

sujeitos nulos, marca bem superior à das relativas. Embora discreta, há uma diferença: se as completivas são introduzidas pelo complementizador **que** (que ocupa C⁰ na estrutura), o índice de sujeitos nulos chega a 25%. Se, entretanto, são interrogativas indiretas, o percentual cai para 18 pontos, correspondendo, na realidade, a três ocorrências em dezesseis dados. O exame dessas ocorrências revela dois usos do verbo **querer** associado a um sujeito [+genérico] e um sujeito [-animado]:

- (19) Eles dizem: "Não, não pode ser assim, porque **o aluno_i** quando vem no vestibular não sabe exatamente **o que cv_i quer**". (H3b,275)
- (20) Tem muito tempo que eu não vou **ao comércio_i**. Eu não posso nem falar **como é que cv_i tá**. (H3d,450)

Nas demais interrogativas indiretas, mesmo quando coordenadas entre si, o sujeito é pleno:

- (21) Eu não me lembro mais **o que que nós plantamos**. (M1k, 1477)
- (22) Eu não sei **há quanto tempo eu moro lá**. (H1l, 1754)
- (23) Você poderia dizer em que funções o Estado não está atuando e **em que funções ele poderia atuar** para a vida na cidade melhorar? (M3m, 502)
- (24) Eles têm um olho clínico para ver o que as pessoas **'tão precisando, a hora que elas 'tão precisando** (H3d,480)

Confirmando, finalmente, a importância da presença de elemento em Spec CP no processo de perda do sujeito nulo, temos as interrogativas diretas, com 8% de ocorrências de sujeitos nulos (2 casos em 25 dados):

(25) **Como é que cv** vou para o hotel?(H1l, 1674)

(26) **O que que você** quer dizer com "forma"? (H1j,1236)

Nas demais, usa-se o pronome pleno:

(27) **Mas aí o que que ele** vai fazer? (H3b, 255)

Examinemos as outras estruturas oracionais. As orações adjuntas antepostas à principal apresentam-se com 15% de sujeitos nulos, índice só superior ao das relativas e interrogativas diretas:

(28) **E quando cv** saltamos, Arnaldo tomou um táxi. (M1k,1508)

As ocorrências de sujeitos nulos nos contextos até aqui examinados são, além de muito baixas, quase exclusivas da fala dos grupos mais velho e intermediário. Na fala do grupo mais jovem, um sujeito nulo em interrogativas diretas e adjuntas antepostas tem normalmente interpretação arbitrária (que serão analisadas separadamente)::

(29) **O que que cv** mistura primeiro? (M3m,1206)

(30) **E se cv** ficar dependendo do Miguel Couto, **você** 'tá realmente perdido. (M3c,376)

As principais e adjuntas pospostas, por outro lado, exibem 26% e 30% de ocorrências de sujeito nulo, respectivamente. Essas estruturas, juntamente com as completivas, têm em comum a possibilidade de ter seu sujeito numa relação de correferência com o sujeito da oração anterior e é exatamente este o fator que parece ainda sustentar a ocorrência do sujeito nulo em mais de 80% delas, como se vê a seguir:

- (31) Se **eu_i** via um homem no elevador **cv_i** baixava os olhos. (M1i ,1225/1226)
- (32) **Ele_i** tremeu quando **cv_i** foi tirar foto lá do cara. (M3c, 410,411)
- (33) Mas **ele_i** sentiu que **cv_i** era o único ali novo. E ele tinha que ir à luta. (H2f, 779,781)

Em línguas de sujeito nulo como o espanhol, o italiano e o português europeu (cf. seção 1.3), essas estruturas subordinadas têm, obrigatoriamente, o sujeito nulo, como se vê em (31)-(33) acima. A ocorrência de um pronome lexical nessas construções implicaria uma referência disjunta ou a agramaticalidade da sentença.

No caso do português brasileiro, Ribeiro (1988) chama a atenção para o fato de que a dependência referencial criada por essa configuração, que faz com que a sentença apresente aparentemente propriedades de controle, facilitaria a interpretação de **pro** num sistema flexional empobrecido como o nosso. Moreira da Silva (1983) e Figueiredo Silva (1994) trabalham com o que convencionaram chamar de "controle anafórico" ou "dependência A", respectivamente, que seria um dos contextos a permitir ainda a identificação de um sujeito nulo no português do Brasil.

Os dados aqui analisados confirmam que essa é, de fato, uma configuração que ainda abriga o sujeito nulo, principalmente quando o elemento que liga as estruturas está em C⁰ - como é o caso das adjuntas pospostas e das completivas introduzidas pelo complementizador **que** - ou quando CP está vazio - como é o caso das raízes pospostas. Se Spec CP estiver preenchido, o que ocorre nas relativas e interrogativas diretas ou indiretas, ou ainda se a adjunta precede a raiz, a leitura correferencial é muito mais restrita; na realidade, se considerarmos a fala do grupo mais jovem, essa leitura já não é possível.

Que a mudança está em progresso também nessas estruturas com sujeitos correferentes é evidente. De um total de 217 orações em configuração semelhante,

apenas 70 (32%) têm o sujeito nulo, um percentual muito baixo se se leva em conta o fato de se tratar de um contexto de sujeito nulo obrigatório em línguas como português europeu, o italiano e o espanhol. Na tabela 3.5., pode-se conferir a distribuição das ocorrências de sujeitos nulos em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes segundo a pessoa gramatical e a faixa etária dos informantes:

Pessoa	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Total	
	N	T (%)	N	T (%)	N	T (%)	N	T (%)
1a. pess.	17	48 (35)	4	33 (12)	5	38 (16)	26	113 (23)
2a. pess.	0	4 (0)	-		4	13 (32)	4	17 (24)
3a. pess	13	21 (62)	16	35 (45)	11	31 (35)	40	87 (46)
Total	30	73 (41)	20	68 (29)	20	76 (26)	70	217 (32)

A terceira pessoa associada à estrutura com sujeitos correferentes é um condicionamento importante à preservação do sujeito nulo, mas é igualmente notável o fato de que, à medida que cai a faixa etária, cai também significativamente o percentual de sujeitos nulos nesses contextos. Isso mostra que estamos perdendo a permeabilidade à "anaforicidade" e tornando opcional um procedimento obrigatório nas línguas conhecidas tradicionalmente como *pro-drop*. Os 68% de ocorrências de sujeitos pronominais lexicais em subordinadas (mesmo nas coordenadas entre si) e raízes pospostas com sujeitos correferentes com os da oração anterior, ilustrados em (34)-(38), permitem esta consideração:

- (34) Porque **eu** não 'tava certo se **eu** ia querer fazer escola técnica ou se **eu** queria continuar fazendo o científico. (H3b,175,177)
- (35) Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha. (H3b,216,219)

(36) Como é que **o senhor** descreveria o seu modo de vestir quando **o senhor** vai trabalhar, quando **o senhor** vai dormir, quando **o senhor** está em casa? (M3m,1025,1028)

(37) **A casa**_i virou um filme quando **ela**_i teve de ir abaixo. (M2g,876)

(38) Quando **ele** determinou que o Estado podia intervir nos sindicatos, **ele** acabou gerando um líder sindical que **nós** chamamos de pelego. (H2f, 713)

Compreende-se por que as adjuntas antepostas apresentam tão baixo índice de sujeitos nulos (15%): sua posição não as deixa numa configuração favorável a esse tipo de leitura correferencial dentro do período. O percentual refere-se a 13 ocorrências, oito das quais na primeira pessoa e cinco na terceira, todas produzidas por informantes dos grupos 1 e 2, como se vê em (39)-(41) abaixo. Observe-se o fato de que os sujeitos nulos de terceira pessoa apresentam ou o traço [-animado] ou [+genérico], que, como ainda veremos, constituem outro aliado do sujeito nulo.

(39) Embora **cv** tenha sido nascido aqui no Rio, **eu** participava das festas lá. (H1j,1360,1361)

(40) Assim que **cv** se sentiram em condições melhores, o que que **cv** fizeram? (M2g,960,961) (referente:os moradores de determinada cidade)

(41) Se **cv** tivesse sido preservada **a Colombo**, etc., **cv** seria uma coisa admirada. (H1l,1650,1651)

Em (41) tem-se, aliás, mais um caso de deslocamento à direita com pronome resumptivo nulo, como em (11), na seção anterior. Essas construções não são freqüentes na amostra, tendo sido observadas seis ocorrências, três com o pronome nulo e três com o pronome pleno, como (24) em 2.3.4. No caso do exemplo acima, a "falsa inversão" (Kato & Tarallo,1988, e no prelo) evitou a correferência entre um pronome nulo na subordinada e um SN na raiz, construção

ilustrada em (42), a seguir, comum no italiano e espanhol (cf.seção 1.3) e completamente ausente no PB:

(42) Se *cv*, tivesse sido preservada, **a Colombo**, seria uma coisa admirada.

Examinemos, finalmente, as sentenças raízes em posição inicial. Como vimos no gráfico 3.4, as orações principais antepostas e as independentes apresentam, respectivamente, 23% e 37% de ocorrências de sujeitos nulos. Vejamos, na tabela 3.6. como se dá essa distribuição pelas diferentes faixas etárias e pelas pessoas gramaticais, que incluem as formas do singular e plural. Na primeira pessoa, como já vimos, a diferença entre singular e plural é significativa, com índices muito baixos de ocorrências de sujeito nulo no plural; na segunda, não há sujeitos nulos no plural; na terceira as diferenças entre singular e plural variaram em 10% a favor do singular na fala do grupo 1 e em 3% na dos grupos 2 e 3. No conjunto, temos 309 (35%) sujeitos nulos em 881 dados.

Tabela 3.6. Sujeito nulo em contextos iniciais										
Tipos de oração	Pessoa	Grupo 1			Grupo 2			Grupo 3		
		N	T	(%)	N	T	(%)	N	T	(%)
Principais	1a. pess.	12	56	(25)	18	50	(39)	15	58	(29)
Independentes	1a. pess.	60	131	(46)	23	89	(26)	26	101	(25)
Principais	2a. pess.	2	8	(25)	0	12	(0)	0	18	(0)
Independentes	2a. pess.	3	9	(33)	1	12	(8)	2	27	(7)
Principais	3a. pess.	11	24	(46)	5	23	(22)	4	19	(13)
Independentes	3a. pess.	58	104	(56)	45	102	(44)	24	48	(50)
TOTAL		146	322	(44)	92	288	(32)	71	271	(26)

Enquanto a leitura vertical da tabela confirma a liderança das orações independentes e da terceira pessoa como os mais resistentes contextos sintáticos

ao avanço do sujeito pronominal pleno, a leitura horizontal reforça a observação feita acima sobre o progresso da mudança. O grupo formado pelos falantes mais velhos mostra uma diferença constante entre principais e independentes, com estas últimas sempre e significativamente à frente no uso do sujeito nulo, exceto na segunda pessoa. Na fala dos grupos 2 e 3 só a segunda e a terceira pessoas mostram com clareza esse condicionamento. Na primeira pessoa os percentuais já se aproximam, havendo predominância dos sujeitos nulos em principais sobre os nulos em independentes.

A ocorrência de índices, de modo geral, superiores nas independentes aos das principais parece dever-se ao fato de que as raízes de completivas, geralmente constituídas de verbos epistêmicos e declarativos, têm, muitas vezes, sua estrutura argumental ainda incompleta, o que favorece a realização fonológica do sujeito. Com efeito, o índice de sujeitos nulos em raízes que têm um objeto nulo ou um objeto oracional, que é de 20%, sobe para 30% se o objeto estiver representado por um SN ou um pronome.

Uma comparação entre os resultados das tabelas 2.5. e 2.6. revela a resistência da terceira pessoa, seja nas encaixadas, seja nas independentes, ao avanço do sujeito pleno. Galves (1987) aponta como particularidade do português do Brasil, quando comparado ao europeu, a necessidade de contextos apropriados para o uso de um pronome nulo de terceira pessoa com valor referencial. Tais contextos consistiriam na presença de um antecedente bem estabelecido na sentença (como se vê nas estruturas com sujeitos correferentes) ou no discurso. O "estar bem estabelecido" no discurso implica uma relação de c-comando com o antecedente (cf. seção 1.3). Estes, como vimos, são os mais fortes entre os contextos de resistência do sujeito nulo examinados até aqui. De fato, entre as sentenças raízes é possível verificar o efeito causado pela presença de um referente bem estabelecido no discurso e pela ausência de elementos em CP. Nessas configurações, ilustradas em (43)-(47) a seguir, o grupo 1 atinge na terceira pessoa 54% de sujeitos nulos, e os grupos 2 e 3, 38% e 35%, respectivamente.

- (43) **A garota_i** é nova. **cv_i** Abandonou a profissão pra se dedicar ao marido. **cv_i** Teve filho. É medo de ficar sozinha, entendeu? (M3a,147,150)
- (44) Porque no começo **ele_i** estava animado. **cv_i** Ia pra Mato Grosso, né? **Ele_i** achou que ia ser uma maravilha. **cv_i** Ficou apavorado. **cv_i** Não queria absolutamente ficar ali M1k, 1520,1524)
- (46) Agora **as minhas filhas_i** são mais preguiçosas. **cv_i** Gostam muito de uma piscinazinha ou então malhar numa academia. (H1j,1409)
- (47) **O Governo do Rio de Janeiro_i** tem horror de trabalho. **cv_i** Tem ojeriza. **cv_i** Vê o sujeito trabalhando, **cv_i** fica com raiva. (H1l, 1672)

Não nos esqueçamos, porém, que, assim como nas estruturas com correferência, o contexto ilustrado acima tem **obrigatoriamente** o sujeito nulo em línguas como o italiano, particularmente na terceira pessoa. Na amostra analisada, só o grupo 1 realiza em metade das estruturas desse tipo uma forma que seria obrigatória numa língua de sujeito nulo. Os grupos 2 e 3 preferem o sujeito pronominal pleno em mais de 60% das iniciais que têm um referente “bem estabelecido” no discurso.

- (48) **Essa minha tia** que mora aqui, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... **Ela** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela** ficou solteira porque ela quis. (M3a,76,87)
- (49) **Nova Trento** é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela** é desse tamanho. **Ela** não tem paralelas. (Mg2,935-936)

Têm também o sujeito nulo obrigatório em línguas *pro-drop* as encaixadas cujos sujeitos têm seu referente nas mesmas condições acima mostradas, se não houver risco de ambigüidade provocada por uma possível leitura correferencial

com o sujeito da raiz (cf. seção 1.3). No entanto, apenas 27% dessas orações, a maioria delas formada por completivas, entre as quais se incluem as interrogativas indiretas (cf. ex. 20), construídas com o verbo **ser**, têm o sujeito nulo:

- (50) Eu acho que a melhor liderança do país nessa época, que é o **Lula**_i...Melhor que... Você sabe **que cv, não é um cara de grande estudo**.(H2f,725)

Os 73% com sujeito pleno apresentam uma distribuição bem regular de verbos **ser, estar**, intransitivos e transitivos:

- (51) A: Você podia descrever **que tipo de comércio é esse** que tem na Tijuca, se **cv** é um comércio específico...

B: Não eu acho **que ele não é específico**. Eu acho **que ele é bem abrangente**. (H3d,466,467)

- (52) Então eu vim com **aquele pulôver**, mas não sei **se ele 'tá bonito, se ele 'tá combinando**. (H2h,1058,1059)

- (53) A:[**Os seus filhos...**]

B: Eu acho que **eles** não têm o menor apego ao bairro. (H1l,1611)

Observa-se que o sujeito nulo de terceira pessoa nas orações independentes, como vimos em (43)-(47), é identificado por um SN que se encontra na posição de sujeito (cf. seção 1.3) no período anterior; esta é a posição da qual um antecedente ainda pode identificar um sujeito nulo. Se, entretanto o SN ocupar outra posição na oração, não será candidato a identificar uma categoria vazia sujeito, como se vê em (55), em que o antecedente é um sujeito em estrutura V S, ou em (56)-(57), com antecedentes em SPs:

- (55) Eu assisto muito o Jô Soares, né? E foi o **Caetano**_i no Jô Soares, e **ele**_i contou a história da...(H3b,153)

(56) O senhor vai se encontrar **com a minha esposa**_i. **Ela**_i vai estar vestida assim.
(E3,1008)

(57) Fui abordado por **um vendedor de bilhete**_i que me conhecia. Aí **ele**_i chegou um com bilhete...(1441,1442 H1j)

Este não é um procedimento incomum em línguas como o italiano, o espanhol e o português europeu, nos casos em que o referente tem o traço [+animado], mas, por força do Princípio "Evite Pronome", mesmo com o antecedente em posição de complemento, prefere-se o sujeito nulo, se não houver possibilidade de ambigüidade na sua identificação. Com o traço [+genérico] ou [-animado], porém, ocorre nessas línguas, invariavelmente, o sujeito nulo. Em PB, tal procedimento não é uma norma; tanto se pode ter um sujeito nulo, como mostram (58) e (59)

(58) Você não está querendo ser **professora**. **cv** Trabalha em casa e na escola.
(H2f,820)

(59) Seria bom abrir **um restaurante natural** na Tijuca, aproveitando até a moda [...].Eu acho que se **cv** for bem divulgado, eu acho que **cv** pega.H1d,490)

como um pronome pleno:

(60) A gente nunca teve nenhum **professor** que tenha sumido, sumido pra sempre; e mesmo que **cv** tivesse sumido [...] acho que a gente arrumaria uma desculpa: "Não, **ele** foi trabalhar em outro colégio...(H3b, 298)

(61) Deve ter algum problema na integração **da varanda** com os apartamentos. **Elas** acabam funcionando como janelas. (M2e,661)

Pelo que vimos até aqui, pode-se concluir que, quando se considera a estrutura de CP, a rejeição ao sujeito nulo é mais forte nas orações que apresentam elemento em Spec de CP (10%), seguindo-se as que têm elemento em C⁰ (26%) e, finalmente, as que não têm CP preenchido (35%)

3.2.3.2. A presença de elementos entre CP e IP

Vimos, na seção anterior, que a presença de elementos em Spec CP favorece largamente o sujeito expreso. Examinemos agora o efeito que pode ter a presença de elementos adjuntos a IP sobre a representação do sujeito pronominal.

Quando se tem um argumento interno ou SPrep topicalizado, numa configuração que se supõe entre CP e IP, é igualmente muito baixo o índice de sujeitos nulos (4 em 24 ocorrências ou 17%):

- (62) Quando **ela_i** vai lá em casa *pro^{arb}* já sabe que *pro^{arb}* sempre tem que fazer um frango ou um peixe, um prato de sustento, né, porque **carne cv_i** não come. (M1i,1180)

havendo, também nesse contexto preferência pelo sujeito pleno:

- (63) **Ovo eles** agora 'tão comendo. (M1i, 1174)

Mais expressivas em números absolutos são as construções de “deslocamento à esquerda” do argumento externo, que se supõem igualmente em adjunção a IP. Trata-se de 76 estruturas, em que o sujeito de referência definida - quer nominal quer pronominal - é retomado por um outro pronome, independentemente da ocorrência de elementos entre ‘sujeito’ e verbo:

- (64) Então, **o Instituto de F._i** **ele_i** manda pra dar aula na E. os piores professores. (H3b,220)
- (65) Eu acho que **os militares_i**, na época **eles_i** foram muito hábeis em esconder as coisas... (H3b,)
- (66) **Eu**, como entrei no meio do ano, **eu** acabei no meio do ano (H3b, 211)
- (67) ...porque o **cara_i**, quando vai fazer engenharia, **ele_i** sabe exatamente o que quer. (H3b,276)

Tais casos, tratados aqui sob o rótulo de “duplo sujeito”, afetam sujeitos de referência definida e arbitrária, e constituem um dado extremamente importante no processo de mudança pelo qual passa o PB. No capítulo 4, essas sentenças serão tratadas separadamente. Passemos ao exame da influência de outros elementos entre CP e IP na representação do sujeito pronominal.

Verificou-se que, em contextos não encaixados, a ausência ou presença de expressões adverbiais (indicadoras de circunstância) em adjunção a IP, ilustradas em (68) e (69), têm igual percentual de sujeitos nulo e constituem um contexto de resistência, com percentuais de 35 e 33, respectivamente.

(68) **cv** Plantei flores... tinha flores de todas as cores na frente da casa. **E cv** fizemos horta atrás. **Aí cv** criamos galinhas, criamos patos... (M1k,1544,46)

(69) **Mas com uma mão só cv** quis (3a. p. s.) pegar a janela. **cv** Enterrou a mão pela janela. **Aí cv** teve que ser operado. (M1k, 1562-64)

A posição preferida para esses adjuntos parece ser a de adjunção a IP, pois, de um total de 381 dados, 257 (67%) exibiam o adjunto precedendo sujeito pronominal exposto, como em (70)-(72):

(70) **Na adolescência eu** odiava criança. (M3a, 58)

(71) **Então durante a semana às vezes eu** penso... (M2e,684)

(72) Porque **no começo ele** ‘tava animado. (M1k, 1520)

Considerarei então que o sujeito nulo nos 124 (33%) dados restantes estaria ocupando a mesma posição:

(73) **No Colégio S. cv** aprendi só a servir chá e arrumar jarra. (M1i, 1219)

Isso, entretanto, não significa que não ocorram adjuntos após o sujeito pronominal exposto. Acontece que essas ocorrências são muito raras - 21 casos (8%) dos 257 sujeitos expostos:

- (74) Aí ela **invariavelmente** reclama da escolha. (H2h, 1098)
- (75) Eu, **por exemplo**, sinto falta de companhia. (M1k, 1594)
- (76)que ela **quando criança** ficava meio triste. (M3a, 149)
- (77) Eu, **como eu lhe disse**, assisto tudo. (H1j, 1410)

Uma comparação entre estas e as sentenças em (65)-(67) acima permite levantar a hipótese de a ocorrência de adjunto entre sujeito pleno e verbo esteja condicionando a duplicação do sujeito.

3.2.3.3. A ocorrência de elementos entre Spec de IP e I⁰

Um outro fator interno à sentença que se mostrou um contexto de resistência do sujeito nulo foi a presença de elementos entre Spec de IP e I⁰. Trata-se da **negação**, de **pronomes clíticos** e **advérbios**, estando entre os mais freqüentes, **já**, **só**, **nunca**, **sempre**, **ainda**. Do total de orações que apresentam tais elementos, 36% têm o sujeito nulo, enquanto o percentual é de 28% nas que não apresentam tais elementos entre sujeito e verbo. Embora se trate de diferenças percentuais muito pequenas e exista um número muito mais expressivo de sujeitos plenos com ou sem elementos nessa posição, vale a pena observar os exemplos a seguir:

- (78) **cv Não** agüentou o tranco. (H2f, 741)
- (79) **cv Se** atirou de peito aberto. (H2f, 782)
- (80) **cv Me** tornei um pouco mais independente. (H3b,206)
- (81) **cv Já** trabalhava(1ps) naquela época. (M1k, 1549)
- (82) **cv Nunca** tive a oportunidade de usar (os serviços médicos do bairro). (H3d,495)

Em relação a esses elementos que se cliticizam ao verbo, é interessante notar que sua presença numa sentença de sujeito nulo parece constituir um condicionamento prosódico, como se o elemento clítico e o sujeito pronominal fossem intercambiáveis. Observe-se (83) abaixo:

(83) Por exemplo, **nós** éramos meninas; **cv não** éramos casadas. (M1i, 1305,1306)

Na seção 3.2.2.2 levantei a hipótese de que a maior resistência do pretérito perfeito poderia se dever a um condicionamento prosódico. Embora esta análise se limite a fatores morfo-sintáticos, que acredito sejam os propulsores da mudança em estudo, não se pode ignorar a importância de fatores fonológicos nos processos de mudança, tanto no sentido de motivá-las, como no de retardá-las (cf. Adams 1987, Galves & Galves 1994 e Callou & Silva 1995). No nosso caso específico parece que se pode supor que esses contextos resistam por mais tempo do que os que não apresentam qualquer clítico entre sujeito e verbo. Vejam-se os paradigmas:

(84)	Eu acho	cv Não acho	Ele disse	cv Só disse
	Eu quero	cv Só quero	Ele fica	cv Não fica
	Eu creio	cv Ainda creio	Ele foi	cv Sempre foi

Observe-se ainda que a presença desses elementos parece contribuir para a ocorrência do sujeito nulo numa principal, enquanto seu correferente na encaixada vem expresso, como em (85) abaixo:

(85) **cv Não** posso falar muito de horários porque **eu** sou super... Pontualidade não é o meu forte (M3c, 349,350)

3.2.3.4. A transitividade

Um outro fator examinado, transitividade verbal, mostra percentuais de 25%, 31% e 36% de sujeitos nulos em sentenças com verbos transitivos, de ligação e intransitivos, respectivamente. No caso dos transitivos, a realização do seu objeto por um SN ou por um clítico (particularmente o de primeira pessoa **me**, e de terceira **se**; o acusativo de terceira pessoa é raríssimo na amostra, assim como o pronome tônico em função de objeto) leva-nos a índices de 30% de sujeitos nulos. Estes índices caem quando seus complementos se encontram em Spec CP (8%), na oração seguinte (19%) ou são nulos (22%).

Chama a atenção entre os verbos de ligação, a influência de **ser** e **estar** na preservação do sujeito nulo:

- (86) Ah, espera aí. Tinha **uma das meninas** que andava na nossa turma, que aliás era uma menina linda, uma beleza... **cv** **Era** filha do dono do armazém (H1l,1643)

principalmente quando associados ao traço [-animado] do referente do sujeito, cuja importância será comentada na seção seguinte:

- (87) Isso foi uma...era uma casa que procurava imitar a Colombo. **Colombo** era o supra-sumo do chique do Rio de Janeiro. É uma pena que hoje...**cv** **Ainda é** chique. Mas **cv está** maltratada. (H1l, 1648,1649)

Não obstante, 69% das orações com verbos de ligação exibem um sujeito pleno, mesmo com o traço [-animado]. A construção em (88), a seguir, ilustra esse uso, incluindo um pronome resumptivo numa construção de antitópico:

- (88) Eu atualmente moro na rua X, **no edifício Barão de Lucena**, que tem lá sua nobreza porque **cv** é de 1937. **Ele** é todo *art déco*. **Ele** é muito interessante, **o Edifício Barão de Lucena**. (M2g,881,882)

As orações com verbos intransitivos apresentam os percentuais mais altos de sujeitos nulos, dos quais 75% são sujeitos marcados pelo traço de “agentividade”, um traço apontado por Castilho (1994) como um elemento a favorecer esta realização. Trata-se, na nossa amostra, de sentenças com verbos como “trabalhar” e “estudar”, “passear” e “viajar”, “viver” e “morar”, “ir” e “vir”, além de construções passivas, que têm sujeito agentivo na estrutura subjacente.

3.2.4. O condicionamento semântico

Atuando juntamente com os fatores estruturais até então examinados, está sem dúvida o traço [+/- animado] do referente do sujeito de terceira pessoa na ocorrência do sujeito nulo. O sujeito de traço [+a] favorece amplamente o sujeito pleno; se, entretanto, a este mesmo traço [+a] se junta o traço [+genérico], a preferência recairá sobre o sujeito nulo, da mesma forma que ocorre com o sujeito de traço [-a]. A tabela 3.7. mostra os resultados:

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
Traço	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)	N / T (%)
[+animado]	48/116 (41)	43/126 (33)	11/78 (14)	102/320 (32)
[+a] e [+gen]	13/ 18 (72)	7/ 9 (78)	16/37 (43)	36/ 64 (56)
[-animado]	28/ 43 (65)	24/ 76 (32)	19/43 (44)	71/162 (44)
Total	89/177 (50)	74/211 (35)	46/158 (29)	209/546 (38)

A mudança está mais adiantada nos sujeitos com o traço [+a] e progride com velocidade, do grupo 1 ao grupo 3. Quando ao traço [+a] se junta o traço [+gen.], encontramos, na fala dos grupos 1 e 2 os mais altos índices de sujeitos nulos, que também caem na do grupo 3. Com o traço [-a], vimos em 1.3 que, em espanhol e italiano, a rejeição ao uso de um pronome pessoal é total. A necessidade de uma expressão pronominal, quando tal tipo de referente é inacessível, leva

sistematicamente ao uso de um demonstrativo. A amostra do português coloquial europeu, entretanto, já revelava um pequeno percentual de sujeitos pronominais expressos com esse traço (8%). Na ocasião sugeri que esta poderia ser uma das sementes da mudança e um dos caminhos a facilitar a implementação do uso do pronome lexical no PB. E os resultados mostram uma evolução no sentido de preencher também os sujeitos com esse traço.

Na realidade, o traço [-animado] é um importante fator quando estão em jogo categorias vazias. Foi ele um importante fator na origem e implementação do objeto nulo no português brasileiro (cf. Omena 1978, Duarte 1986 e Cyrino, 1993, 1994); no caso do sujeito, ele se mostra como um importante contexto de resistência, que começa a ceder, numa clara evidência da perda gradual de uma importante propriedade *pro-drop*.

(89) (referente: o filme) E **cv** foi passado em cinemas nos circuitos porque **cv** ganhou o certificado de qualidade do então Instituto Nacional de Cinema quando **cv** ficou pronto. (M2g, 898,900)

Quanto aos sujeitos com o traço [+a/+gen], entre os quais se encontram SNs como 'o cara', 'o indivíduo', 'o brasileiro', 'as pessoas', enfim, expressões que podem correferir com pronomes de terceira pessoa, os resultados não surpreendem. À medida que perdemos a obrigatoriedade do uso do sujeito nulo [+a] de referência definida, passamos a ter a possibilidade de atribuir a referência arbitrária a uma categoria vazia nessa posição (cf. Galves, 1987, 1991, 1993). Embora não tenhamos na amostra um número muito expressivo de sujeitos marcados pelo traço [+a/+gen], os percentuais de sujeitos nulos nesses contextos, ilustrados a seguir, são os mais altos:

(90) (referente: o aluno) **cv** Terminou todos os créditos. Só que **cv** tem o CR de 5, por exemplo. Então **cv** não pode entrar. Então todas as vezes que **ele** entra na disputa **ele** perde. (H3b, 263-267)

- (91) (referente: empregadas domésticas) **cv** Não querem aprender... porque ou **cv** fazem de mais ou **cv** fazem de menos. **Elas** acham que... mas também **elas** não têm muita noção ... e porque **cv** não sabem calcular (M1i, 1271-1275)

Os dados examinados deixam bem claro que resistem ao pronome pleno os sujeitos que passam por uma mudança de traço. O exemplo a seguir mostra o sujeito nulo juntamente com a mudança de plural para singular, como se a referência do SN antecedente passasse de [+definida] para [+genérica]:

- (92) Eu tenho **alguns funcionários** que sempre **botam** um 'doutor' pra cá, né, ou um 'senhor' pra lá, embora eu dê oportunidade que **cv** me **chame** de M. C. mesmo, claro, desde que **cv** **respeite** e **cv** **tenha** ...o dever dele (H1j, 1.345,1.346)

Essas estruturas parecem estar na fronteira que separa a referência definida da referência arbitrária, ilustrada em (93), um assunto de se ocupará a seção 3.5.

- (93) Um sinal quebra? **pro^{arb}** Dançou, né? (H3d)

3.3. A significância dos fatores examinados

Este capítulo se propôs a examinar os dados sob a perspectiva da ocorrência do sujeito nulo, procurando os contextos que pudessem dificultar a implementação do pronome pleno no nosso sistema lingüístico. Por essa razão, trabalhamos com percentuais baixos e procuramos sempre chamar a atenção para o fato de estarmos examinando contextos de resistência.

Com a finalidade de determinar a verdadeira significância dos fatores examinados na realização do sujeito nulo, os dados foram submetidos ao programa de regra variável Varbrul (cf. 2.3.4), que atribui um peso a cada fator em relação aos demais em todos os grupos de fatores. Em todas as combinações feitas, foram sistematicamente recusados os seguintes grupos de fatores estruturais:

- a flexão e a forma verbal;
- a transitividade e a expressão do objeto;
- a posição do referente de terceira pessoa.

A não seleção de flexão, que ocupou sempre o primeiro posto entre os grupos de fatores rejeitados, parece confirmar a hipótese de que nosso paradigma perdeu de fato a riqueza funcional, comprometendo a identificação do sujeito nulo por Agr. Vimos, em 3.2.1, que a perda da flexão de 1a. pessoa do plural **-mos** (já praticamente completa na fala do grupo mais jovem) levou nosso paradigma a três formas distintivas, sobrecarregando as formas verbais com desinência zero. Não surpreende tampouco a não seleção da forma verbal (simples ou composta), já que, como vimos, o que ainda desempenha certa influência na manutenção do sujeito nulo é o tempo em que se encontra o auxiliar. A rejeição da regência verbal e da expressão do objeto sugere que os elementos que precedem o sujeito têm maior peso do que os que o seguem.

A posição do referente (das encaixadas e raízes), que foi rejeitada na análise do conjunto dos grupos de fatores condicionantes, será novamente submetida ao programa Varbrul quando a terceira pessoa for considerada separadamente.

Entre os condicionamentos sociais, o papel do indivíduo no grupo não foi mencionado em qualquer das rodadas, sugestão de que o comportamento do grupo se sobrepõe às diferenças individuais.

A presença ou ausência de material entre em adjunção a IP e entre Spec de IP e I⁰, além do sexo do informante, foram ora aceitos ora rejeitados. Numa rodada que os incluiu juntamente com os fatores sempre selecionados, foram mantidos os dois últimos, enquanto o primeiro foi mais uma vez recusado.

A tabela 3.8, a seguir, apresenta, pela ordem, os grupos de fatores selecionados pelo programa Varbrul, indicando os respectivos **pesos relativos (p.r.)**, o número (**n.**) de aplicações da regra (no caso o sujeito nulo) sobre o total de dados (**t.**), com os percentuais de sujeitos nulos correspondentes:

**Tabela 3.8. Fatores selecionados como significantes
para a ocorrência do sujeito nulo.**

Fator	p.r.	n.	t.	%
Pessoa do discurso				
3a. pessoa do singular	.57	165	419	39
3a. pessoa do plural	.57	44	127	35
1a. pessoa do singular	.52	175	631	28
1a. pessoa do plural	.32	18	120	15
2a. pessoa do singular	.31	13	119	11
Correferência (estr. subordinadas)				
sim	.62	70	217	32
não	.36	22	188	12
Faixa etária				
< 46 anos	.62	190	491	39
36 a 45 anos	.46	126	475	27
25 a 35 anos	.41	99	458	22
Tipo sintático da oração				
Independente	.58	243	650	37
Completiva	.55	21	89	24
Adjunta posposta	.50	47	155	30
Raiz anteposta	.48	67	286	23
Raiz posposta	.44	17	65	26
Adjunta anteposta	.30	13	84	15
Relativa	.22	7	95	7
Tempo verbal				
Pretérito perfeito (ind.)	.64	149	385	39
Pretérito imperfeito (ind.)	.51	64	234	27
Subjuntivo	.49	12	60	20
Presente (ind.)	.43	186	715	26
Traço do referente (3a. pessoa)				
[+a / +gen.]	.71	36	64	56
[-animado]	.61	71	162	44
[+animado]	.41	102	320	32
Sexo do informante				
Masculino	.55	220	641	34
Feminino	.46	195	783	25
Material entre Spec IP e I⁰				
Negação e clíticos	.60	75	206	36
Advérbios leves	.52	37	102	37
Nenhum elemento	.48	303	1097	28

A variação entre o maior e o menor peso relativo em cada um dos seis primeiros grupos de fatores é superior a .20. Nos dois últimos, cai para .09 e .12, respectivamente, o que comprova sua menor significância em relação aos demais. A seleção da pessoa do discurso - o primeiro fator escolhido em todas as rodadas que incluíram o conjunto dos grupos de fatores - é compatível com a hipótese de que a erosão do paradigma flexional não afeta uniformemente todas as pessoas. O reforço que vem do SN nas encaixadas ou no discurso é mais forte do que o que vem do pronome de primeira ou segunda pessoa nos mesmos contextos.

Confirma-se também o importante papel da faixa etária do indivíduo, do tempo verbal e do traço do referente de terceira pessoa.

Em vista da importância da pessoa do discurso nesse processo de mudança, foram feitas rodadas buscando determinar a significância dos grupos de fatores para cada uma delas. O resultado é mostrado na tabela 3.9.

Tabela 3.9. Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo em cada pessoa do discurso.

Primeira Pessoa	Segunda pessoa	Terceira pessoa
Correferência	Tempo verbal	Sexo
Tempo verbal	Correferência	Tipo de oração
Faixa etária	Faixa etária	Traço semântico
Elem entre Spec IP I ⁰		Tempo verbal
Transitividade		Faixa etária
Elemento entre CP IP		Correferência

A significância do tempo verbal (particularmente o pretérito perfeito), da correferência e da faixa etária (o grupo mais velho) fica confirmada, não restando dúvidas sobre sua importância na realização do sujeito nulo. Para a primeira pessoa são fatores ainda importantes a ocorrência de elementos entre Spec IP e I⁰ (a negação, pronomes clíticos e advérbios), a não ocorrência de quaisquer elementos topicalizados adjuntos a IP (a significância recai sobre a total ausência de elementos com .59 ou a presença de adjuntos adverbiais com .53) e a regência verbal, que, selecionada pela primeira vez, revela ser o verbo intransitivo um dos contextos de resistência do sujeito nulo, com o peso de .60, contra .46 e .43 para os transitivos e os verbos de ligação, respectivamente. Na terceira pessoa confirma-se a significância do tipo de oração (com as independentes destacando-se com .58), o traço do referente e surge, como o mais importante, o sexo do informante, com .61 na fala masculina e .39 na fala feminina.

Esses resultados nos revelam um conjunto de forças que constituem o campo de resistência do sujeito nulo, dando uma idéia clara de que o percurso do sujeito pleno encontra diferentes obstáculos em cada uma das direções que deve seguir. O fato é que, quando se comparam os percentuais de sujeitos nulos encontrados no PB e as estruturas em que ocorrem com os encontrados nas 'autênticas' línguas do grupo *pro-drop*, e quando se observa o desempenho dos três grupos etários, não é trivial levantar a hipótese de que aos poucos essa resistência cederá mais e mais espaço ao sujeito pronominal pleno, que, como se viu, já predomina na amostra, exceto no caso do sujeito de terceira pessoa com referente que apresenta o traço a que vimos nos referindo como [+genérico]. A esse respeito foi feito um breve comentário na seção 3.2.3.4, sugerindo que parece muito tênue a linha que separa esta referência da arbitrária.

3.4. O sujeito de referência definida na fala da mídia

Os resultados apresentados na tabela 3.10, a seguir, confirmam os resultados obtidos na análise da fala espontânea, ao mesmo tempo que revelam uma soma das características encontradas nos três diferentes grupos analisados em 3.2.

Tabela 3.10. Sujeito nulo segundo a pessoa do discurso e a morfologia verbal.(N / T / %)

Pessoa	Desin.	Entrev. de TV	Entrev. de Rádio
--------	--------	---------------	------------------

1a. p. sing.	-o	12/88 (14)	14/93 (15)
	-zero	2/18 (11)	1/13 (8)
1a. p. plur.	-mos	11/50 (22)	16/95 (17)
	-zero	0/6 (-)	1/9 (11)
Total		25/162 (15)	32/210 (15)

2a. p. sing.	-zero	4/26 (15)	3/42 (7)
2a. p. plur.	-m	1/9 (11)	0/1 (-)
Total		5/35 (14)	3/43 (7)

3a. p. sing.	-zero	44/150 (29)	54/218 (25)
3a. p. plur.	-m	13/25 (48)	12/39 (31)
Total		57/175 (33)	66/257 (26)

Em relação à primeira pessoa do singular e à segunda pessoa, a fala da mídia é muito próxima da que os grupos mais jovens apresentam (cf. tabelas 3.1 e 3.2). Quanto à primeira do plural, esta aproxima-se da fala do grupo mais velho, com um uso do pronome **nós** superior ao uso da expressão **a gente** - o que é revelador da faixa etária dos normalmente entrevistados pela mídia - embora já presente, mesmo com o pronome **nós**, índices mais baixos de sujeitos nulos do que os informantes do grupo 1.

No que se refere à terceira pessoa, vemos igualmente percentuais bem semelhantes aos obtidos para os grupos 2 e 3 (cf. tabela 3.3). Destaque-se,

contudo, o fato de que, enquanto a fala da mídia privilegia o sujeito nulo na terceira pessoa do plural, a dos informantes prefere a terceira do singular.

O exame dos condicionamentos sintáticos confirma os baixos índices de ocorrências de sujeito nulo nas relativas, com 5% e 7% nas amostras de TV e de rádio, respectivamente. Nas demais subordinadas e principais pospostas, os índices são mais altos do que os encontrados na fala natural, que ficaram entre 24% e 30% (cf. gráfico 3.4.). Aqui, temos uma média de 30% de sujeitos nulos em tais estruturas, mas esse percentual é superior nas completivas observadas na amostra da TV, que revela 54% de sujeitos nulos contra 25% computados na amostra do rádio. Essas completivas são introduzidas por conjunção integrante (que ocupa, na estrutura sentencial, a posição de C^o), têm um sujeito de terceira pessoa, muitos dos quais com o traço [-animado], que se encontram em correferência com o sujeito da raiz. O efeito da correferência na terceira pessoa, e não na primeira, vem confirmar o enfraquecimento da flexão na identificação do sujeito nulo e a resistência já observada por parte da terceira pessoa. Os resultados mostrados na tabela 3.11, a seguir, deixam o desempenho dos entrevistados pela mídia entre o dos falantes dos grupos 1 e 2, que, ao contrário dos mais jovens (grupo 3), ainda manifestam em metade de suas sentenças com sujeito de terceira pessoa os efeitos de uma propriedade obrigatória de línguas de sujeito nulo como o italiano.

Tabela 3.11. Sujeito nulo em estruturas com correferência		
Pessoa	Entrev. de TV	Entrev. de Rádio
	N / T (%)	N / T (%)
1a. pessoa	2/14 (14)	7/20 (35)
3a. pessoa	21/41 (51)	25/50 (50)

As sentenças não encaixadas revelam, por sua vez, percentuais mais baixos do que o conjunto da amostra de fala natural. Mantém-se, entretanto, a mesma hierarquia: principais com 13% e 17% e independentes com 25% e 21%, nas amostras de TV e rádio, respectivamente. Se se considera, porém, a terceira pessoa isoladamente, esses índices sobem, ficando próximos dos mostrados para o grupo mais jovem (cf. tabela 3.6). Nesse caso, a ocorrência do sujeito nulo de

terceira pessoa será favorecida pela existência de um referente em posição de sujeito no contexto discursivo. Vejamos os números na tabela 3.12, a seguir.

Tabela 3.12. Sujeito nulo de 3a. pessoa em raízes		
Texto	Entrev. de TV	Entrev. de rádio
Função do Ref.	N / T (%)	N / T (%)
Sujeito	18/53 (34)	36/99 (36)
Outra função	5/23 (22)	3/53 (6)

No trecho em (94), a seguir, podemos ver o uso do pronome lexical coindexado com um sujeito não acessível (em função de complemento) no contexto anterior; em seguida, o pronome se torna um sujeito acessível, permitindo a identificação do sujeito nulo em duas subordinadas antepostas, duas principais pospostas, além de algumas coordenadas, até que a ocorrência de uma relativa leva o entrevistado ao uso do pronome pleno novamente.

- (94) Era muito difícil ver **o deputado João Alves** na Comissão e até no Congresso. **Ele** ficava muito no seu gabinete também. Quando **cv** ia, **cv** ficava no seu gabinete e **cv** sempre chegava lá numa Mercedes branca novinha em folha. E quando **cv** saía de lá, **cv** ia pro aeroporto, **cv** pegava seu jatinho e **cv** ia pra Bahia, onde **ele** tem uma série de imóveis. (Rádio)

Este é, na verdade, um parágrafo que se ajusta ao figurino de uma língua *pro-drop* “autêntica”. Entretanto, como mostram os números nas tabelas acima, apenas a segunda oração de uma estrutura subordinada com sujeitos correferentes ainda apresenta percentuais de ocorrência de sujeito nulo de terceira pessoa em níveis razoavelmente significativos, mas não animadores, se nos lembrarmos de que, na fala do grupo 3 da amostra principal, já estamos com 35% de sujeitos nulos nesses mesmos contextos. Nos contextos iniciais, o que predomina, a despeito da posição favorável do referente, é o sujeito pleno, como mostra (95), a seguir:

- (95) A impressão que eu tenho é de que **o Paulo César Faria** criou em torno dele várias células. **Ele** fez pequenos núcleos e a partir desses núcleos **ele** se

movimenta. Eu não acredito que **ele** se movimente tanto quanto falam. **Ele** cria notícias pra cv dizer: "Ah! cv apareceu em Frankfurt!". (Rádio)

As estruturas com verbos de ligação apresentam 37% e 30% de sujeitos nulos nas duas amostras, índices que decrescem para 24% e 27% nas que se constroem com verbos intransitivos, chegando a 19% e 16% quando o verbo é transitivo. O fator que contribui para que a mudança se acelere nesses contextos é a não realização fonológica do argumento interno subcategorizado pelo verbo dentro da própria oração, que é o que ocorre quando se tem um objeto oracional ou um objeto nulo.

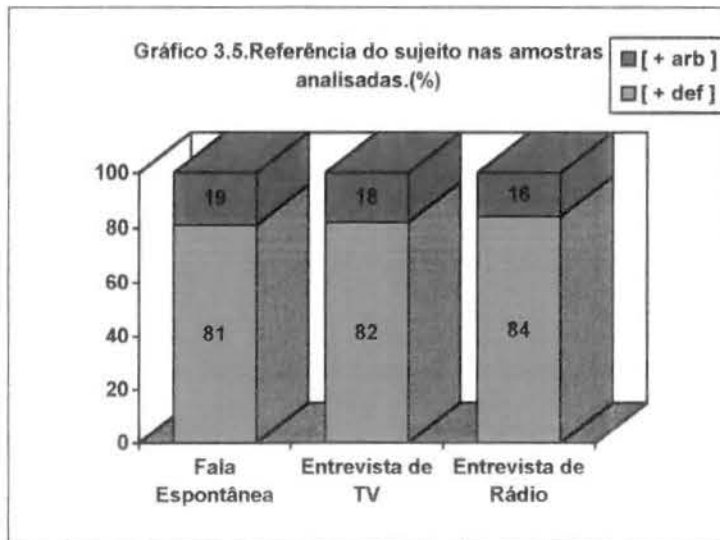
Mais avançada do que na fala natural está a implementação do sujeito pleno quando há elementos entre Spec de IP e I⁰. Na fala da TV, ainda se nota alguma diferença percentual no uso do sujeito nulo em sentenças com tais elementos (31%) e sem eles (22%). Na do rádio, contudo, que apresenta o mesmo índice em ambas as situações (20%), já não se nota esse efeito.

Igualmente implementada está a preferência pelo pronome com o referente de traço [-animado] na fala do rádio, com 24% de sujeitos nulos contra 26% com referente [+animado]. Na amostra do rádio, os percentuais são 39% e 30%, respectivamente, o que a aproxima do grupo 2. São freqüentes, em ambas as amostras, sujeitos plenos com o traço [-animado], tanto em contextos iniciais, a despeito do fato de o referente estar em posição favorável, como mostra (96), quanto em contextos encaixados com sujeitos correferentes, como se vê em (97):

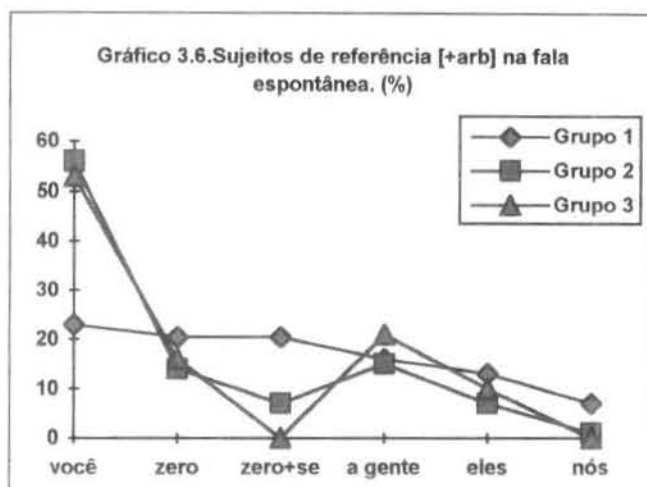
- (96) A: Quanto custa **esse teste**? Mais ou menos.
B: Atualmente **ele** 'tá custando na rede privada 18 mil cruzeiros.
A: **Ele** pode ser feito...
B: **cv** já pode ser feito por grande parcela da população. (TV)
- (97) E é uma campanha da maior importância porque **o glaucoma é uma patologia** extremamente traiçoeira, porque **ela** geralmente na maioria absoluta das vezes não dá sintoma. (TV)

3.5. O sujeito de referência arbitrária

Conforme disse em 2.3.3, embora o sujeito de referência [+arb] não constitua o foco principal desse trabalho, sua ocorrência nos trechos analisados foi codificada com a finalidade de verificar se a tendência à representação do sujeito de referência definida por uma forma pronominal plena também atinge os sujeitos indeterminados. O gráfico 3.5, a seguir, mostra o total de sujeitos com ambas as referências nas amostras estudadas. Pode-se ver que há bastante equilíbrio no que se refere à proporção de sujeitos com referência definida e arbitrária na fala espontânea e na fala da mídia:



Dos 1.756 sujeitos analisados, 332 (19%) têm referência arbitrária, e, embora não sejam o alvo principal deste trabalho, merecem uma menção especial por poderem ser representados por pronome pleno (65%) ou nulo (35%); a maioria dos nulos se refere a construções com ou sem o clítico *se*, sendo muito rara a ocorrência de um sujeito nulo [+arb] correferente com uma das expressões usadas para a indeterminação (cf. critérios para codificação em 2.3.3). O gráfico 3.6, a seguir, resume, em percentuais, as formas utilizadas, pelos grupos 1, 2 e 3, na amostra da fala espontânea para expressar a referência arbitrária, seguindo a ordem das variantes preferidas pelo grupo 1:



A hierarquia vista no gráfico acima é a mesma encontrada por Kato & Tarallo (1986), exceto pela não ocorrência no referido trabalho do pronome **eles** (provavelmente pelo tipo de pesquisa feita; na verdade, seu uso exclui o falante) e da construção com o clítico **se** (cuja ocorrência se deve, na presente amostra, à variável escolaridade associada à faixa etária do informante)⁸.

A última estratégia apontada por Kato & Tarallo, o uso da forma pronominal **eu** (em geral utilizada para instruções) não ocorreu na amostra, à exceção do exemplo em (98) abaixo, em que a referência arbitrária pôde ser percebida:

(98) **Eu** só vou melhorar essa questão social se **eu** melhorar a minha. (H3d)

Em relação às formas pronominais usadas, observa-se que a preferência pelo pronome **você** é comum a todos os grupos, seguida pela expressão **a gente** e o pronome **eles**. O uso do pronome **nós** com referência [+arb], como era natural esperar, tendo em vista sua baixa frequência com referência definida, fica restrito ao grupo 1 e a uma única ocorrência na fala do grupo 2.

⁸ Não é objetivo deste trabalho determinar os fatores semânticos e discursivos que podem influenciar a escolha desta ou daquela forma pronominal para expressar a indeterminação. Remeto o leitor interessado a ver, entre outros, Cunha (1993), que aponta condicionamentos ao uso de **nós**, **você** e **a gente** na norma urbana culta e Omena (1986) e Lopes (1993), que tratam da alternância **nós** e **a gente**, com base em *corpora* da fala de informantes com escolaridade baixa e alta, respectivamente.

O que distingue os grupos neste particular é, pois, o avanço no uso da forma **você**, o desaparecimento de **nós** e a preferência, pelo grupo mais jovem, por sujeitos de referência arbitrária, que correspondem a 30% do conjunto de sujeitos analisados para este grupo contra 16% do conjunto dos analisados para o grupo 1. São dignas de nota as numerosas ocorrências de **você**, tanto em contextos não encaixados

(99) **Você** tem uma visão mais ampla, mais longínqua das coisas. **Você** tem uma visão mais... do espaço físico. **Você** não fica tão contido quanto aqui. Aqui **você** sai, **você** vê muito concreto na tua frente, **você** esbarra com isso. Lá não! **Você** tem uma visão de um litoral, **você** tem uma visão de um verde, de uma coisa mais distante. E isso é como se **você** pudesse até respirar melhor, né? (H3d, 459,462)

como em contextos encaixados, em que uma leitura correferencial é possível. Ao contrário do que ocorre com os sujeitos nulos de referência definida, é muito baixo o percentual de sujeitos nulos (17%) de referência arbitrária nesses contextos:

(100) Quando **você** é menor, **você** não dá muito valor. Você acha que criança é só pra encher o saco, né? [...] Na fase que **você** 'tá na adolescência, **você** 'tá na praia, vem criança, te joga areia, **você** não vai entender que, pô, isso é da criança. (M3a, 63,67)

(101) Hoje em dia, quando **a gente** levanta as coisas, é que **a gente** vê tudo o que aconteceu. Mas na época **a gente** não podia acreditar [...]. **A gente** não acreditava nisso, primeiro porque **a gente** era novo.(H3b, 162, 166)

A preferência já observada pelo uso das formas pronominais plenas chega a ser vista até mesmo na utilização da terceira pessoa do plural. A indeterminação apontada por nossas gramáticas, que ainda prescreve o uso do verbo na terceira pessoa do plural sem o pronome expresso, só ocorre em metade das sentenças

produzidas pelo grupo 1 e em 30% das sentenças produzidas pelos grupos 2 e 3. As restantes têm o sujeito expresso.

(102) Quando **eles** querem **eles** fazem. Quando **eles** querem **eles** acham dinheiro. (H3d, 514,526)

(103) -Você falou aí que **eles** asfaltaram a subida do Alto da Boa Vista. Tem alguma outra obra que foi feita por aqui no Grajaú? (M3m,529)
-Tem. O Grajaú **eles** 'tão asfaltando, melhorando também. [...] Aquela rua Teodoro da Silva, **eles** 'tão recapeando ela também. A Avenida das Américas, **eles** 'tão recapeando ela toda, né? (H3d,530,532)

Em relação à indeterminação com *pro* arbitrário, o gráfico 3.5 acima evidencia mais uma interessante mudança. Enquanto o grupo 1 se divide entre o uso do clítico **se** e as construções sem ele, o grupo 3 já não se utiliza da primeira estratégia, exemplificada em (104)

(104) **cv**_i Jogava-**se**_i futebol na rua Visconde Silva. Quando passava um carro, alguém gritava: "Pára a bola!" Aí, **cv**_i parava-**se**_i a bola, o carro passava e o futebol depois começava novamente. (H1l, 1755,1756)

preferindo a estrutura em (105)

(105) **cv** Aprendia isso na escola? (M3z,1220)

Em um importante estudo sobre o **se** indeterminador e apassivador, Nunes (1990:105) mostra que as construções sem pronome são "sensíveis à influência da escolaridade" e que "mesmo os informantes de terceiro grau, cuja média de uso da variante inovadora é praticamente a metade da observada nos demais níveis de escolaridade, já estão próximos de 50%, patamar neutro quanto à inibição ou favorecimento do fenômeno". Parece que o cruzamento da escolaridade com a

faixa etária é decisivo a esse respeito: o "oponente de espantoso vigor" (op. cit:104) com que se defrontavam as construções com pronome já se mostra vitorioso na fala de informantes de terceiro grau mais jovens. Compare-se no gráfico 3.6, acima, que, de fato o grupo 1 se encontra num patamar neutro quanto ao favorecimento de uma ou outra construção; na fala do grupo 2 já predominam as construções sem o clítico; na do grupo 3 ela desaparece.

Atribuída por Galves (1991) à ausência do traço semântico de pessoa no quadro flexional do português brasileiro, que permite a interpretação arbitrária a um *pro* não identificado por um tópico, a construção em (104) acima teria tido como fonte a construção em (103) com o clítico indeterminador e não a construção com terceira pessoa do plural, pelo fato de aquela incluir a pessoa que fala e a pessoa com quem se fala, enquanto esta exclui ambas. Tal é a posição assumida por Nunes, que aponta evidências diacrônicas de que, apenas quando o uso do **se** indeterminador supera o do **se** passivador, começa a haver supressão do pronome em estruturas não coordenadas. É o que parece sugerir a ocorrência em (106), que mostra a "reformulação" feita pelo informante do grupo 1:

(106) Antigamente **cv** punha a mesa pra tomar lanche. Quando eu era criança, **cv** punha-**se** a mesa para tomar lanche. (M1i, 1143,1145)

Entretanto, a ocorrência em (107) mostra que também é possível relacionar a nova estrutura com a indeterminação na terceira pessoa do plural⁹:

(107) Por que **cv** não fazem [isso] no vestibular. Se **cv** fizer no vestibular, o que acontece? [...] Então aquela turma... **cv** Garante que tem uma turma de 50, ou turma de 100. Então **cv** garante que os professores vão, quer dizer, o curso vai 'tar preenchido amplamente. (H3b, 270,273)

⁹ Formas já categóricas de sujeito [+arb] nulo mostram que este tanto pode derivar da terceira pessoa do plural, como a da pergunta, já cristalizada, que se ouve ao atender o telefone: "De onde **cv** fala?", quanto do apagamento do clítico nas construções com o modal **poder**: "**cv** Não pode fazer uma coisa dessas".

O certo é que, à medida que diminui a frequência das construções com **se**, ampliam-se os domínios da construção sem o clítico. Antes favorecida pela locução verbal (cf. Nunes, op. cit:103)¹⁰, temos agora a ocorrência de tempos simples em 70% das construções. A julgar pelos exemplos normalmente citados, parece que a estrutura expandiu também seu campo semântico, além de ter passado a ocupar os mais variados contextos sintáticos. De construções modais em períodos simples com verbos no presente e imperfeito, indicando necessidade, permissão, já de uso categórico, como em

(108) "Herodes tinha razão: **cv tem que matar** as crianças!" A gente odiava criança. (M3a,60,61)

(109) **cv Não pode entrar** de sapato; **cv fica** de meia. (M3c, 381,382)

e construções relacionadas a instruções, como

(110) **cv Desce** até Florianópolis. **cv Vai pro sul...cv Vai chegar** até a cidade de Laguna. (M2g, 969,71)

chegamos a outros tempos verbais e a estruturas encaixadas:

(111) **cv Falou** um pouco do movimento sindical (H2f, 805)

(112) *Se **cv jogasse** uma bomba atômica* e aquilo fosse destruído e ficasse a vila, eu talvez tivesse um pouco de saudade daquela época antiga (H1l, 1613,1614)

(113) *Já quando **cv entra no profissional**, [o curso] já é mais direcionado.* ((H3b,229)

¹⁰ Enquanto desaparece nas construções com formas verbais finitas, o clítico indeterminador é cada vez mais freqüente com o infinitivo (cf. Nunes(1990)). O exemplo, a seguir, mostra o clítico se deslocando da forma finita para se ligar ao infinitivo:

Tem que se pensar na vida, no cotidiano. **Tem que se pensar** em ganhar o dia-a-dia. (H1j)

Há casos em que é difícil distinguir entre um sujeito zero [+arb] e um sujeito nulo de igual referência coindexado com um antecedente numa estrutura subordinada. O exemplo a seguir ilustra este ponto:

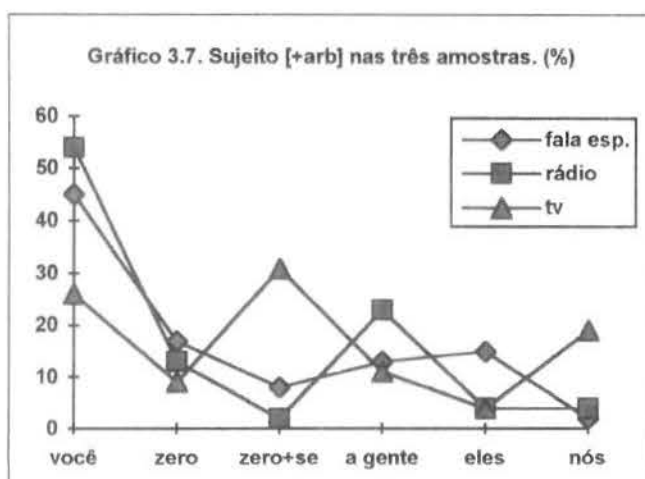
(114) Tudo bem **você** aprender como **cv** calcula [uma laje].(H3b,239)

Se, em vez de **você**, tivéssemos um sujeito também [+arb] com a forma verbal de 3a. pessoa do plural, a correferência não seria possível e, no entanto, a aceitabilidade da sentença se manteria:

(115) Tudo bem **eles** ensinarem como **cv** calcula [uma laje].(H1b,239)

Se levarmos em conta a velocidade com que se implementou no sistema esta nova variante e o fato de ser um fenômeno muito recente na língua (apenas 8% das passivas pronominais apresentam apagamento do **se** na amostra do séc. XIX analisada por Nunes), não podemos deixar de relacionar seu progresso com a implementação do uso do sujeito pronominal com referência definida. Ou seja, a falta de um referente claro leva à interpretação [+arb] de um sujeito nulo (cf. Galves 1991,1993). Note-se, entretanto, que não há um aumento percentual no uso dessa estratégia na fala dos mais jovens, como mostra o gráfico 3.6 acima; o que ocorreu foi um significativo aumento no uso de **você** para expressar a referência [+arb], o que é compatível com a tendência à realização fonológica do sujeito referencial, seja essa referência definida, seja arbitrária.

Comparemos agora os percentuais de ocorrências de sujeitos [+arb] nas três amostras segundo as estratégias utilizadas:



O gráfico revela maior semelhança entre a fala espontânea e a do rádio, confirmando a implementação do uso das formas **você** e **a gente** em detrimento de **nós**. A fala das entrevistas de TV, porém, distingue-se dessas por privilegiar as construções com o clítico **se**, seguidas pelo uso de **você** e **nós**. A variante **zero**, embora predomine ligeiramente na fala espontânea, mantém-se em níveis discretos nas três amostras.

O trecho em (116), a seguir, mostra que, além da preferência já apontada pelas formas pronominais plenas (que chegam mesmo a ocorrer com infinitivos, quando numa língua *pro-drop* teríamos um PRO controlado¹¹), não há restrições ao uso das diferentes estratégias numa mesma seqüência discursiva:

- (116) O que eu acho de fundamental importância é (...) que **cv se** dê prioridade ao trabalho técnico pra que **a gente** deixe o aspecto político partidário para uma segunda etapa, quando **nós** já tivermos um resultado prático da ação das áreas técnicas. (...) Então eu acho que **cv** tem que privilegiar a área técnica, porque não adianta **você** examinar emenda que o dinheiro ainda não saiu. Então **você** tem que trabalhar nas emendas sob suspeição, que os recursos tenham sido liberados. (Rádio)

¹¹ "Você começa a pensar como seria bom [**você** morar com aquela pessoa...]" (cf. nota 7, cap. 2)

3.6. Evidências da implementação do uso do pronome pleno

Os dados apresentados nesta seção não constituem evidências numéricas. São exemplos colhidos informalmente da língua oral e escrita e sua importância reside no fato de que revelam a penetração do sujeito pronominal pleno em estruturas que uma língua de sujeito nulo, em cujos moldes a tradição gramatical ainda inclui o PB, não aceitaria. Na língua oral, além dos números já mostrados, um ouvido atento notará, em gravações de velhas canções, que frases construídas pelo compositor com sujeito nulo passam a exibir o pronome, quando revisitadas pelos mais jovens (profissionais ou amadores). É o caso da canção de Dorival Caymmi, à qual novos intérpretes “teimam” em inserir o pronome de primeira pessoa, apesar da correferência e da flexão exclusiva:

(117) E quando eu me zango, Marina, **eu** não sei perdoar.

Da mesma forma, o conhecido pronunciamento de D. Pedro II no “Dia do Fico”, traz, na reprodução por nossas crianças e jovens hoje, o pronome expresso, a despeito de o texto escrito exibir sempre o sujeito nulo:

(118) Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que **eu** fico¹².

Observa-se ainda a possibilidade de correferência entre pronome e expressões quantificadas, o que é próprio de línguas que não admitem o sujeito nulo:

(119) **Quem**, acha que o livro da Haegeman é o melhor trabalho que **ela**, conhece sobre a gerativa pré-minimalista, o que que você acha que ela deve ler agora? (conversa informal)

Na língua escrita, não são raras as oportunidades de confirmar a implementação da preferência pelo pronome sujeito, que vai desde títulos de *best-sellers*, como o de Paulo Coelho,

¹² Agradeço a Giselle M. de Oliveira e Silva por ter me chamado a atenção para o fato, que depois tive a oportunidade de confirmar.

(120) Nas margens do Rio Piedra **eu** sentei e chorei.

e textos de propagandas,

(121) **Eu** nunca imaginei que o meu negócio fosse virar um motel. (Veja, 07.06.95)

(122) Se **você** acha que o amor é cego, compre outra marca. (Veja, 07.06.95)

até a redação de artigos de jornal:

(123) Depois de encontrar-se em Londres com o namorado, **Liz** viajou para Paris. **Ela** evitou os jornalistas no aeroporto Charles de Gaulle, na capital francesa. No domingo a atriz visitou o amigo **Henry Brocklehurst**, em Gloucester, no oeste da Inglaterra. **Ele** contou ao jornal que... (Jornal do Brasil, 04.07.95)

(124) **A Praia de Ipanema** se tornou o *point zen* do verão. Desde o início do ano, **ela** recebe uma vez por semana uma legião de ginastas (...). São praticantes da **Unibiótica**, uma ginástica que reúne preceitos da Medicina e Filosofia Oriental (...). Desde que **cv** foi lançada no Brasil, **ela** já tem mais de 300 adeptos. (Jornal do Brasil, 03.02.94)

Os pronomes expressos nas sentenças acima seriam impensáveis numa língua de sujeito nulo como as do grupo do espanhol. Nas mesmas condições discursivas e morfológicas que (122) acima, temos em espanhol:

(125) **cv** Vive en un vacío de información? (Telenoticias- texto escrito em "chamada de TV)

Em (123) os pronomes com referência [+a] seriam evitados com estruturas coordenadas e relativas, por exemplo, o que nos revela ter o hábito do uso do pronome pleno alterado a própria construção do período.

Os efeitos da implementação no uso do sujeito pleno se fazem sentir no desempenho de alunos, não só nos níveis elementares e médios. A língua escrita por alunos universitários revela uma predominância de sujeitos pronominais plenos:

(126) **As vogais** são sonoras. **Elas** têm passagem livre pela cavidade bucal, ou seja, **elas** não encontram obstáculo e **elas** ligam consoantes, **cv** podem ser usadas sozinhas.

(127) **A nasalidade puramente fonética** não é distintiva; **ela** é resultante da assimilação...

O mesmo se observa no desempenho dos alunos universitários na aprendizagem do espanhol. Alfaro (1994:183) aponta, entre as “marcas da oralidade” que o aluno universitário brasileiro **transfere** ao produzir um texto em espanhol, o uso do pronome de terceira pessoa “com função anafórica remissiva a um tópico [+/-animado] e [+/-humano]”, exemplificados, respectivamente, em (128) e (129), a seguir:

(128) “**La venta** es el lugar donde ocurren los hechos principales. **Ella** es también el lugar...”(ex. 14, op.cit.:187)

(129) “...**D. Quijote** en este trozo habla de la tecnología que vino trás la Revolución Francesa. **Él** dice que le gustaba más...” (ex. 11, op. cit.187)

O pronome, em espanhol, é evitado de tal forma, que mesmo numa construção como a que se segue, em que o referente se encontra numa posição de complemento do SN, e, portanto não favorável à identificação do sujeito nulo,

(130) Observamos en el habla de **D. Quijote** un fondo ideológico. **Él** empieza diciendo que...” (ex. 13, op.cit.:187)

o procedimento de um falante nativo consistiria em usar, ao invés do pronome pessoal, um demonstrativo ou um epíteto, que, neste caso, poderia ser “el personaje” (Alfaro, comunicação pessoal).

3.7. O que dizem os resultados

O exame dos condicionamentos à realização do sujeito pronominal no PB mostra que, mesmo ainda contando com um percentual expressivo de ocorrências de sujeito nulo de terceira pessoa, nosso sistema perdeu definitivamente as principais características de língua de sujeito nulo do tipo do italiano, decorrentes do **Princípio Evite Pronome**, que prevê a ocorrência do sujeito nulo **sempre** que (ele) for plenamente licenciado e identificado, o que ocorre, por exemplo, em estruturas com sujeitos correferentes e em todas as sentenças (principalmente na terceira pessoa) em que o referente é esperado (cf. seção 1.3). Nas amostras analisadas, que incluem a fala espontânea de informantes com formação universitária e a fala veiculada pela mídia, não há um só contexto de sujeito nulo obrigatório. Ao contrário da **complementaridade** entre pronomes nulos e plenos de terceira pessoa que existe em espanhol, italiano e no português europeu, temos uma possibilidade de **opção** por uma ou outra forma em PB, com nítida preferência pela plena. Perdemos também o sujeito nulo obrigatório com referentes com o traço [-animado] e os mais jovens já preferem o pronome pleno ao nulo também nesse contexto.

Seguimos o caminho recente da perda progressiva do sujeito nulo obrigatório, passando pelas estruturas que mais rapidamente cederam terreno ao sujeito pronominal pleno, como as que têm material em Spec de CP, e buscando identificar os mais fortes contextos de resistência ao avanço do sujeito pleno, entre os quais estão a terceira pessoa, as sentenças com o pretérito perfeito, a presença de um referente bem estabelecido no contexto discursivo e a correferência entre sujeitos de estruturas subordinadas. A maior resistência por parte desses dois últimos não surpreende, uma vez que se trata de contextos em que o sujeito nulo é obrigatório nas línguas *pro-drop*.

A previsão de que tais contextos tendem também ceder mais espaço ao pronome pleno pode ser feita a partir da importância do fator **faixa etária**, que mostra uma evolução gradual mas constante a favor da representação pronominal plena. E, embora em decorrência da perda do Princípio seja possível dar

interpretação [+arb] a um sujeito nulo de terceira pessoa que não tem um referente explícito no contexto precedente, vimos que essa variante se mostra estacionada enquanto aumenta igualmente a tendência ao uso de formas pronominais plenas para expressar a indeterminação do sujeito.

CAPÍTULO 4

O DUPLO SUJEITO

"Claro que estou ficando velho e, por conseguinte, começando a ter caturrices.(Pretendo, aliás, ser um velho altamente caturra, embora tomando ousadia com as moças amigas das minhas netas.) Mas, descontando a caturrice, estou certo de que vocês reagem de forma parecida a uma porção de coisas, não é possível que eu seja o único incomodado. Por exemplo, **vocês já notaram que, depois do advento da Nova República, só se usa sujeito duplo?** Antigamente era apenas um recurso estilístico - meio rebarbativo, tipo concurso de oratória de centro acadêmico da faculdade de direito, mas recurso. Agora não. Agora é norma, começando pelo Dr. Sarney e descendo pela hierarquia abaixo. Nenhum deles diz "**a democracia é**"; todos dizem "**a democracia, ela é**. Se fosse só com democracia, até daria para atribuir ao natural acanhamento deles em relação a essa palavra, mas é com tudo mais: "o governo, ele não tem", "a Aliança Democrática, ela não pretende", "o Nordeste, ele se dispõe" e assim por diante. Como o homem é da Academia e é chegado a uma canetada, fico com medo de que vire regra baixada por decreto-lei."

João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 14.06.87 (ênfase acrescida).

4.1. Introdução

Este capítulo apresenta as construções com duplo sujeito encontradas nas amostras analisadas e procura relacioná-las à perda do Princípio “Evite Pronome” pelo PB. Ao longo da seção 4.2, mostramos que as construções com DE de sujeito são exclusivas de línguas *não-pro-drop*, uma vez que, numa língua *pro-drop*, retomar por um pronome um sujeito que acaba de ser mencionado seria no mínimo negar o papel da flexão “rica”. A seção 4.3 apresenta os dados do PB e mostra a trajetória da construção, que entrou no sistema cercada de restrições discursivas e está hoje plenamente “encaixada” na nossa sintaxe. Em 4.4 são apresentados alguns aspectos da história do francês medieval, um período em que a língua passava por mudanças na representação do sujeito pronominal, exibindo um sistema defectivo de sujeitos nulos, licenciados e identificados sob restrições, ao mesmo tempo em que apresentava o sujeito em “deslocamento à esquerda”. A partir desses fatos, algumas observações serão feitas em relação aos possíveis rumos da mudança.

4.2. As construções de deslocamento à esquerda e o encaixamento da mudança.

Weinreich, Labov & Herzog (1968:172) lembram a desconfiança manifestada pelos lingüistas em relação às explicações para a mudança, “que deixem de mostrar a influência do ambiente estrutural sobre o traço em questão”. Segundo os autores, “é razoável supor que o traço esteja encaixado numa matriz lingüística que mude com ele”. Em outras palavras, a mudança na representação do sujeito pronominal deve estar associada “a outras mudanças de uma forma não acidental” (op. cit.:101).

Ora, Tarallo (1993b) lembra que as mudanças ocorridas nas estratégias de pronominalização pelo PB ao final do século passado abriram espaço para sujeitos lexicais e objetos nulos (p:90), ocasionando uma maior rigidez na ordem dos constituintes em consequência da perda da inversão livre do sujeito e do sujeito pronominal nulo, ambas características de línguas *pro-drop*. Enquanto a primeira já se encontra em avançado estágio de mudança, sendo sua ocorrência muitíssimo

restrita no PB, tanto na modalidade oral quanto escrita (cf. Berlinck, 1989, Kato & Tarallo, 1988 e no prelo), a segunda, como vemos, progride a passos largos.

Portanto, que outras mudanças estariam relacionadas de modo não acidental a essa implementação da preferência pelo uso do pronome lexical sobre a categoria vazia? Veremos a seguir que o aparecimento da construção com duplo sujeito e sua implementação no sistema não é uma mudança acidental; pelo contrário, é consequência da mudança na representação do sujeito pronominal. Examinemos as construções de DE em italiano, espanhol e francês.

4.2.1. As estruturas de DE em italiano e espanhol

Ochs & Duranti (1979), num estudo sobre construções com deslocamento à esquerda em italiano falado, observam que todos os elementos em DE são **complementos** coindexados com **clíticos**, como em (1) a seguir, e que "**os sujeitos nunca aparecem como itens em DE**" (p.381,ênfase acrescida), não tendo sido encontrada na amostra analisada qualquer ocorrência de estrutura como (2):

(1) [**a Roberto**], l'ho fatto aspetta' un'ora (p:377)

(2) * **Mario**, (,) **lui**, è uscito presto stamattina (op. cit.:381)

A ausência da estrutura (2) em italiano, é atribuída à *falta de pronomes-sujeitos clíticos* no italiano. Graças à *concordância presente nas formas verbais*, os sujeitos já possuem um correferente pronominal na sentença, que traz seus traços de número e pessoa, assim como os clíticos trazem os dos complementos a eles coindexados. Os autores enfatizam ainda que construções de DE são exclusivas da língua oral, típicas das interações de familiares e íntimos, não sendo encontradas nas gramáticas do italiano.

Pelo artigo de Rivero (1980), que discute propriedades sintáticas formais das construções de DE em espanhol, é possível inferir que também nessa língua os

elementos deslocados, como em italiano, são geralmente complementos coindexados com clíticos, como se vê em (3). Os casos de sujeitos deslocados aparecem em configurações de não adjacência entre o SN e o pronome, que teria, necessariamente, uma interpretação de foco, como mostra (4):

(3) **Al partido carlista**, , dicen que no **lo**, legalizaron para las elecciones. (ex. 1, p:363)

(4) **Juan**, me dicen que **(el) sí** quiere ablar. (ex. 4, p:364)

Como se trata de um trabalho teórico, que busca analisar as possíveis restrições ao deslocamento do SN, não se baseando num *corpus* de língua falada, não temos exemplos de DE em sentenças simples como (1) acima, mas C. Alfaro (comunicação pessoal) confirma que a estrutura em (2) é igualmente agramatical em espanhol¹.

4.2.2. O francês oral e as construções de DE

Ao contrário do que foi dito em relação ao italiano e ao espanhol, uma das características do francês falado é justamente a retomada de sujeitos nominais e pronominais tônicos por um pronome clítico - ou seja, a construção de DE do sujeito. Quando mais informal o discurso oral maior parece ser a frequência da estrutura em questão. Isso é o que demonstram os trabalhos de Barnes (1986) e Blanche-Benveniste (1993).

Barnes, com base em um *corpus* constituído a partir de 6 horas de conversa informal com três falantes nativos de nível universitário, mostra que a mais freqüente entre as estruturas com DE é a que tem como elemento correferente o sujeito gramatical (81% das sentenças com DE); dessas, 62% têm um pronome na posição deslocada, sendo o pronome de primeira pessoa **moi** responsável por

¹ Pela amostra do português europeu, analisada em 1.1, e pela reação dos portugueses a quem apresentamos sentenças com o duplo sujeito (cf. exemplos 49-50 em 1.3), é de supor que a estrutura seja igualmente agramatical nessa variedade do português.

69% das ocorrências de pronomes em DE. Esta é uma evidência, segundo a autora, de que “o clítico sem uma ocorrência de ‘moi’ só é apropriado em contextos nos quais o falante já é o tópico do discurso” (op. cit:209). Entre as estruturas com SN lexical deslocado, o tipo de clítico correferente mais usado é o demonstrativo **ce** ou **ça**, aos quais a autora se refere como impessoais.

Uma interessante observação da autora diz respeito ao fato de que a construção em francês não se restringe à motivação pragmática de referir-se sempre a um elemento dado no discurso, podendo introduzir elementos novos, sem qualquer marca contrastiva, e tampouco carrega marca fonológica especial, podendo ou não ser seguida de pausa, como se vê em (5) e (6); e, embora ocorra especialmente em contextos não encaixados - o que, na verdade, está relacionado à organização da fala não planejada - pode também ocorrer em orações encaixadas, como mostram (7) e (8):

(5) **Nancy elle** aimairait beaucoup **ça**. (ex.13:216)

(6) M: Non, non, on est obligé de plonger.

C: On était obligé, **le mec il** m'a poussée! (ex. (15),p:217)

(Não, não, a gente era obrigado a mergulhar. **O cara ele** me empurrou)

(7) Tu sais les enormes bottes come **Jean-Marc il** a. (ex.(17a), p:220)

(8) J'avais un philosophe, un type donc **la matière principale** c'est la philosophie.
(ex. (17b),p:220)

O “grau mínimo de motivação pragmática” que se observa, por exemplo, em (7) e (8) acima é, segundo a autora, significativo no que se refere à questão da gramaticalização das estruturas de DE. Assim, “o sujeito clítico correferente com o elemento deslocado é visto como uma marca obrigatória de concordância , realizando uma função que não é mais realizada na língua oral” (op.cit:218).

Mais recentemente, a estrutura com deslocamento à esquerda é mencionada por Claire-Benveniste (1993), numa análise que busca uma razão para o baixo índice de sujeitos nominais na língua falada, preteridos pelas construções com sujeitos pronominais (pessoais ou impessoais). São usados três tipos de textos: um diálogo entre uma jovem estagiária e uma amiga sobre seu trabalho numa farmácia; um trecho da fala de um operador de TV, também sobre seu trabalho, em tom "mais contido" do que o do diálogo, e, finalmente, uma amostra de língua escrita formal, representada por um artigo de crítica musical extraído do "Le Monde".

Os resultados mostram que as construções com deslocamento do sujeito correspondem a 13% do total de sujeitos computados na fala da jovem estagiária, 10% na fala do operador de TV e 5% do total de sentenças do texto escrito. Estas últimas, no entanto, são construções do tipo **Le N ç'**, vista em (9) abaixo, ou seja, o SN é retomado por um demonstrativo numa repetição retórica, ao longo do texto, de um mesmo enunciado, revelando um uso estilístico bastante marcado, como enfatiza a autora.

- (9) Peut-être **est-ce cela, un grand interprète**, un musicien qui bouscule ses auditeurs...
Peut-être **est-ce aussi cela, un grand interprète**...
Peut-être **est-ce enfin cela, un grand interprète**... (ex. op. cit.:18)

Nas duas amostras de língua oral, também predominam as construções com o demonstrativo, de longe a preferida, mas ocorrem deslocamentos com a retomada do SN por um pronome pessoal - **Le N il** - além de alguns casos de sujeitos de primeira pessoa - **Moi je, Nous on** - cuja baixa frequência deve estar relacionada ao tipo de assunto desenvolvido pelo entrevistador em função de seus objetivos. Vê-se, contudo, que a ausência de restrições pragmáticas rígidas se confirma.

- (10) a. **Le pharmacien et le médecin** c'est deux corps de métier...

- b. **Le cinéma c'est un peu comme un roman...** (op. cit.:17,18)
- (11) a. ...parce qu'en fait **le médecin il** est très bon pour...
- b. ...tu te rends compte que **le type il** démarre...(op. cit.:17)
- (12) a. **Moi je** fait pas confiance au médecin...
- b. **Nous on** apprend les médicaments...(op. cit.:17)

Acrescente-se, finalmente, que, enquanto no texto escrito predominam os sujeitos nominais, os dois textos orais apresentam preferencialmente os sujeitos **tu** (11% e 24%) e **on** (21% e 15%), que substitui invariavelmente o pronome **nous**. Passemos agora ao exame das construções de DE no português brasileiro.

4.3. O duplo sujeito em PB e a gramaticalização de flexão

O importantíssimo trabalho desenvolvido por Pontes (1987) entre os anos de 80 e 82 sobre as chamadas "construções de tópico" destaca como a mais freqüente das construções analisadas aquela em que tópico e sujeito pronominal são correferentes, conhecida como deslocamento à esquerda (doravante DE). As razões apontadas para tal incidência vão desde a necessidade de marcar o sujeito como tópico - "caso contrário as duas posições se confundiriam" - até a necessidade de identificar o referente, nos casos em que a forma verbal não distingue pessoa gramatical, ou para ênfase e contraste, ou ainda devido à distância entre o tópico-sujeito e o verbo a que ele está ligado (op.cit: 26-30);

Entre as observações apresentadas pela autora sobre essa estrutura podemos reunir as seguintes:

- a pausa entre tópico e sujeito, observada de maneira informal, não é obrigatória e, quando existe, tende a não ser longa (p:12);

- o tópico é sempre definido, além de ser notável a ocorrência de demonstrativos em sua estrutura, o que o caracteriza como um elemento 'dado' no discurso. "É digno de nota que não se encontrou nem um exemplo em que o SN

fosse indefinido ou genérico [...] o SN inicial nas sentenças com pronome-cópia costuma ser um SN dado, em geral repetido" (p:78);

- as construções de tópico com pronome-cópia em português não estão sujeitas a restrições, ocorrendo em orações negativas, interrogativas, encaixadas.

Em 85 e 86 surgem dois trabalhos de Braga & Mollica centrados nessa estrutura, em que, segundo as autoras, a fronteira entre **sujeito** e predicado pode se apresentar não-marcada, **marcada** por uma pausa (marca supra-segmental) ou **duplamente marcada** pela pausa e por um **pronome**. Entre as conclusões desses dois trabalhos quantitativos, elaborados numa perspectiva discursiva, destacamos algumas:

- as duas construções marcadas, quer pela pausa apenas, quer pela pausa e pronome, são características de discurso dissertativo-argumentativo, em que são freqüentes a explicação e a enumeração. No primeiro caso, prefere-se a dupla marcação (geralmente em sentenças precedidas das conjunções 'porque', 'que', 'por causa que'), enquanto no segundo, opta-se pela marcação simples;

- o número de marcas entre sujeito e predicado está relacionado à maior ou menor relevância tópica do SN. No caso de sub-tópicos, o iniciador apresenta a dupla marcação e o reintrodutor, apenas a marcação supra-segmental;

Braga (1987) apresenta ainda resultados relativos aos condicionamentos psicolinguísticos e aos traços formais do núcleo do SN que favorecem a dupla marcação: o peso do SN (7 ou mais sílabas); a ocorrência de elementos intervenientes entre o SN e o verbo, particularmente uma oração relativa; a ocorrência de elementos após o verbo (complementos e adjuntos), que produziriam certo equilíbrio em relação à contraparte esquerda da sentença.

Mais recentemente, Callou, Moraes & Leite (1993), examinando as relações entre sintaxe e prosódia em construções de Tópico e de DE, assinalam que:

- a construção com DE se dá preferencialmente com o argumento externo (87% das sentenças estudadas), enquanto a topicalização ocorre com argumentos internos e adjuntos, o que coloca as duas construções em distribuição

complementar; “nessa perspectiva, passa a constituir questão importante determinar os fatores que condicionam **o uso do pronome expresso ou do clítico nulo**” (op. cit.:95, ênfase acrescida);

- embora a pausa entre sujeito e pronome seja praticamente categórica, as diferenças nos padrões entonacionais de Top e DE não são muito marcantes, o que sugere ser a prosódia, nesse caso, “um traço redundante que acompanha a distinção sintática” (p: 94)

Com efeito, a estrutura a que Pontes se refere como a mais freqüente entre as estruturas de tópico que observou em dados da língua oral não conhece restrições quanto ao ambiente sintático em que pode ocorrer. Na amostra da fala espontânea aqui analisada, foram computadas 86 (16% do total de sentenças com sujeito pleno) ocorrências dessas estruturas, 76 com referência definida e 10 com referência arbitrária. Desse total, 32 (37%) estão em orações independentes, 35 (41%) em principais, 8 (9%) em completivas, 8 (9%) adjuntas pospostas e apenas 3 (4%) têm o sujeito duplicando o relativo, ilustradas em (13)-(18) a seguir. Esta última construção, apontada por Tarallo (1993) como a menos freqüente entre as relativas com pronome resumptivo, não aparece na fala do grupo mais velho da amostra principal. O fato de as três ocorrências estarem na fala de informantes dos grupos 2 e 3 pode ser sintomático da sua implementação na fala de pessoas com nível de escolaridade alto.

(13) **A Clarinha, ela,** cozinha que é uma maravilha. (M1i, 1280)²

(14) Então **o Instituto de F., ele,** manda os piores professores...**Os melhores, eles,** dão aula no curso de M. (H3b,220,224)

(15) **A população neotrentina, ela,** é meio flutuante porque os homens saem muito para trabalhar na construção civil. (Mg2,964)

(16) Eu acho que **o povo brasileiro, ele,** tem uma grave doença. (H3d, 537)

(17) Não vou falar de bermuda, porque **os alunos, hoje em dia no verão eles, vêm assistir aulas com bermuda de qualquer tamanho.**..H2h,1130)

² Nos nossos exemplos, só aparecerá uma vírgula entre o SN deslocado e o pronome se houver pausa na fala.

(18) Eu conheço duas (moças) **que, elas, não sabem ficar sozinhas.** (M3a,140)

Igualmente, conforme notou Pontes, a pausa não é característica da estrutura, parecendo dever-se mais à existência de elementos intervenientes entre o SN e o pronome. A esse respeito vale ressaltar que 29 ocorrências (34%) mostram SN e pronome sem qualquer elemento interveniente, enquanto 27 (31%) mostram interrupção por adjuntos, como em (17) acima, 20 (23%) por orações adjuntas, 7 (8%) por orações relativas, respectivamente como em (19) e (20) a seguir:

(19) **A minha filha,** *quando era pequena,* **ela,** sempre desceu, sempre brincou lá. (M2e,702)

(20) **As minhas amigas,** *que achavam ridículo véu e grinalda,* hoje em dia **elas,** 'tão casando de véu e grinalda. (M3a,129).

Há finalmente três casos em que o SN é retomado na subordinada:

(21) **O comércio,** acho que **ele,** é sábio. (H3d,478)

Há, porém, alguns aspectos que sugerem mudanças no estatuto desta construção no português brasileiro. Em primeiro lugar, as restrições relativas ao SN como sendo **elemento dado e definido** assinaladas em todos os trabalhos acima citados não se verificam na amostra. Há, de fato, 11 sentenças em que o núcleo do SN é modificado por um demonstrativo, mas há SNs indefinidos ou genéricos como em:

(22) Eu acho que **um trabalho,** **ele,** teria que começar por aí. (H3d,504)

(23) **Um homem comum,** **ele,** tem um conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu? (H11,1718)

Há, sobretudo, uma mudança no âmbito de ação da estrutura: seu aparecimento retomando pronomes de primeira e terceira pessoas e com referência arbitrária. A tabela 4.1, a seguir, mostra a distribuição das 86 ocorrências segundo a referência e a faixa etária dos informantes:

Referência	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Total
1a. pes. sing.	5	5	7	17
1a. pes. pl.	-	2	2	4
3a. pes. sing.	4	12	18	34
3a. pes. pl.	2	7	12	21
ref. arbitrária	1	-	9	10
Total	12 (14%)	26 (30%)	48 (56%)	86 (100)

Nota-se um significativo implemento no uso da estrutura com duplo sujeito pelo grupo mais jovem, tanto em freqüência quanto em variedade. Como a estrutura na primeira pessoa, quando não ocorrem elementos intervenientes, poderia ser confundida com repetições do pronome provocadas por indecisão, só foram computados dois casos em que a retomada do pronome não poderia ser confundida com hesitação por parte do informante:

(24) **Eu, eu** sinto demais isso, né? (M2e,557)

(25) Mas **eu, eu** disse:(M1i, 1251)

Nos demais, há sempre um adjunto ou oração entre os pronomes, com a ocorrência ou não de pausa, relacionada mais a questão de processamento do que à estrutura propriamente dita:

(26) **Eu às vezes eu** peço a ele pra ir comprar o jornal pra mim...(H2h, 1079)

O curioso sobre a ocorrência da estrutura na primeira pessoa do plural é que se trata de uma forma recente, usada pelos grupos 2 e 3, com preferência, naturalmente, pelo uso da expressão **a gente**:

(27) **Nós**, quer dizer, nós que eu digo é a Escola de Belas Artes, **nós** viemos daquele prédio que você deve conhecer...(M2e, 601)

(28) **A gente** na faculdade de Letras, **a gente** não tem condição de... (M2e,609)

(29) E acho que **o brasileiro a gente** tem aquela fama de acomodado, né?
(M3c,360)

(30) **Eu e a Paula, a gente** ficava (dizendo): "Herodes tinha razão!" (M3a,59)

A importância da estrutura em (30) acima é grande, uma vez que mostra a solução encontrada por um sistema que rejeita o pronome **nós** e, naturalmente, a desinência **-mos** a que ele se relaciona. A estrutura com a retomada do sujeito composto pela expressão **a gente** é a única alternativa disponível e é a que os jovens invariavelmente usam.

As ocorrências na terceira pessoa, sem dúvida as mais freqüentes na amostra, já retomam pronomes na fala dos mais jovens, e não apenas SNs, como ocorre na fala dos mais velhos:

(31) Eu acho que **eles** hoje decididamente **eles** se vestem; não aceitam opinião dos pais. (H2h,1121)

Quanto ao uso da estrutura com sujeito de referência arbitrária, característica do grupo 3, predominam as ocorrências com o pronome **você**, já mencionado como o mais usado para expressar a referência indefinida, visto em (32), seguido de **a gente** e **eles**:

(32) **Você**, quando você viaja, **você** passa a ser turista. Então você passa a fazer coisas que você nunca faria no Brasil. (M3c,369,372)

(33) E **a gente**, não sei se por comodidade, né, **a gente** não acreditava que isso pudesse acontecer.(H3b,167)

(34) Aí **eles** parece que **eles** estão na escuta disso, né?(H3d,555)

Nas amostras colhidas junto à mídia, os resultados revelam, em relação à fala espontânea, uma redução no uso das construções com sujeito duplo, que correspondem a 13% das sentenças com sujeito pleno em cada uma. Os exemplos

a seguir mostram a ocorrência do sujeito duplo em todos os contextos citados acima. Em raízes e encaixadas:

- (35) Hoje **a cirurgia cardíaca**, **ela**, tá fechada por falta de profissionais de saúde (TV).
- (36) Então você acredita que **a prisão do PC**, **ela**, só vai acontecer por acaso? (Rádio)
- (37) ... até porque **bons patologistas**, através do papanicolau **eles**, sugerem a presença dos papilomavírus...(Rádio)
- (38) Então [se **esse sistema de proteção**, **ele**, existe] pode ter sido...(TV)
- (39) ...é porque existe uma filosofia [que **o preço**, **ele**, tem uma paridade em torno de ...] (Rádio)
- (40) O vírus é responsável por uma parte das manifestações clínicas [**que**, **elas**, são chamadas de infecções ocultas.] (Rádio)

com ou sem elementos intervenientes:

- (41) **A Telerj**, **ela**, apenas executa o que o Governo determina. (Rádio)
- (42) (...o hospital de) **Bonsucesso**, *além de dar o primeiro atendimento ao paciente que chega ao hospital no setor de emergência*, **ele**, atende, dá continuidade ao atendimento... (Rádio)
- (43) ... **qualquer pessoa**, *que vai praticar um esporte* **ela**, tem que se preparar... (TV)

retomando SNs, como acima, ou pronomes:

- (44) Mas **eu**, com toda a sinceridade, **eu** não acredito. (TV)
- (45) A menina_i acha que **ela**_i ficando mais durinha **ela**_i vai chamar mais a atenção... (TV)
- (46) Eu acho que **nós**, quando mexemos nessa questão do orçamento, **nós** estamos trabalhando com o que eu chamo de Triângulo das Bermudas... (TV)

com referência definida ou arbitrária:

- (47) ...e **você**, recebendo ou falando, **você** está utilizando o canal...(TV)
- (48) É claro que **a gente**, pelo fato de ter problema de infra-estrutura numa determinada região, **a gente** não parou de implementar mais à frente... Rádio)
- (49) E foi por causa disso que **a gente** quando assumiu há dois anos atrás **nós** suspendemos qualquer venda...(Rádio)

Como se vê, uma estrutura que apareceu no sistema revestida de condicionamentos discursivos, como os apontados por Braga e Mollica, acaba por expandir seus domínios e por perder as restrições relativas ao SN retomado, à pessoa gramatical, à preferência por sentenças causais e explicativas, ao discurso dissertativo-argumentativo. Impossível não relacionar seu surgimento à mudança na representação do sujeito pronominal. Na verdade, a própria entrada da construção no nosso sistema já era reveladora da perda do **Princípio Evite Pronome**; além de sinalizar o gradativo, mas já adiantado, processo de gramaticalização da flexão enfraquecida, anuncia o afastamento do PB do grupo de línguas de sujeito nulo licenciado por Agr, ao exibir uma estrutura que essas línguas não exibem.

Os dados apresentados por Callou, Moraes & Leite (1993), mostrando a preferência por DE com o sujeito e Topicalização com o objeto retratam perfeitamente a mudança que o português empreende em direção aos "sujeitos visíveis e clíticos invisíveis" a que Kato & Tarallo (1988) se referem.

4.3.1. Outras evidências da implementação do uso do duplo sujeito

Assim como é notável a implementação no uso do sujeito pleno (cf. seção 3.5), assim também a construção com duplo sujeito ganha terreno, à medida que vai derrubando restrições como as apontadas em 4.3. Evidências dessa implementação já aparecem em retomadas de uma relativa sem cabeça por uma pronome pessoal, como em:

- (50) **[Quem já ocupou um um cargo público], ele_i** não deixa de sê-lo. (Rádio)
- (51) **[Quem vem fazer compras no Serra e Mar], ele_i** não faz compras, **ele_i** passa momentos de alegria e satisfação. (locutor dentro de um supermercado)

ou de um SN quantificado, como em:

- (52) **Qualquer pessoa_i** que vai praticar um esporte, **ela_i** tem que se preparar. (TV)
- (53) Eu acho que **qualquer professor_i**, **ele_i** deve falar claro e objetivamente. (Rádio)
- (54) **Toda pessoa_i** que assiste uma peça **ela_i** tem uma opinião diferente. (conversa informal)

ou ainda na retomada do SN de uma mini-oratória:

- (55) **[[A própria arte marcial em si]_i, ela_i** bem aplicada], **ela_i** tem um lado de utilizar como uma defesa pessoal. (Rádio)
- (56) Você precisa ver **[[esse carro]_i, ele_i** prata]. É um avião. (conversa informal)

Finalmente, dados de língua escrita, desde a alfabetização até a produção de estudantes universitários, já denunciam a infiltração da estrutura também nessa modalidade:

- (57) Papai,
[Eu, a mamãe, o José e o João], nós, estamos no jantar do banco. (Bilhete escrito por Laís, 7 anos.)
- (58) **A nasalidade**, **ela**, possui valor fonológico quando ela distingue significados. (prova de estudante universitário)
- (59) **A nasalidade fonológica**, além de opor significados, **ela**, tem uma interpretação diferente da nasalidade fonética. (prova de estudante universitário)
- (60) Ao contrário, **o /O/**, dependendo da região **ele**, pode se realizar como [o] ou como [ó]. (prova de estudante universitário)

Na escrita formal, porém, a estrutura não ocorre. O único dado encontrado em observações da língua escrita vem de um artigo do respeitado jornalista Carlos Castelo Branco, já falecido, em sua famosa "Coluna do Castelo", escrita durante anos no Jornal do Brasil:

- (61) **Qualquer dúvida**, que houvesse quanto à disposição do presidente Fernando Collor de manter o país sob pressão a partir da sua posse, dia 15, **ela**, desapareceu com o anúncio do convite ao policial-padrão Romeu Tuma para acumular com a direção da Polícia Federal a diretoria da Receita e da Sunab. (JB, 10/03/90)

Parece que o jornalista foi "traído" pela distância entre o sujeito e seu predicado, o que motivou a retomada "acidental": é, entretanto, curioso que essa retomada tenha sido feita com um pronome pessoal, duplicando um SN quantificado e [- animado], quando o usual em tal contexto é a ocorrência do demonstrativo ou da repetição do SN ou de ambos, como se vê no trecho em (62), do mesmo jornalista:

- (62) Consolida-se, no entanto, a impressão de que **o ministério** que Collor conseguiu armar depois de alguns meses, oferecendo ao país uma equipe capaz de suprir os déficits de competência e credibilidade detectados na equipe anterior, **esse ministério** como que foi atropelado pelas denúncias de corrupção. (JB, 17/06/92)

Mais recentemente, entretanto, foi observada a retomada do SN sujeito sem qualquer elemento interveniente. É óbvio que se trata ou de uma 'falha do redator' ou de uma 'falha do revisor', ambos provavelmente movidos pela pressa que caracteriza a atividade jornalística; além do mais, trata-se de uma única ocorrência. De qualquer forma, fica o registro:

- (63) Sempre direto, **Gustavo, ele**, demonstra que sua preocupação está voltada para o sucesso do Real, mesmo que isso implique em contrariar as expectativas do mercado financeiro, onde as bolsas continuam à espera de uma enxurrada de dólares. (Jornal do Brasil, caderno de Negócios e Finanças, 06.08.95)

4.3.2. Evidências do “encaixamento” do duplo sujeito.

Uma importante evidência do encaixamento da estrutura com DE no nosso sistema está na nova representação do sujeito composto de primeira pessoa do plural, já ilustrada em (30) acima. Esta, na verdade, passa a ser uma estrutura absolutamente necessária no momento em que se perde o pronome de primeira pessoa do plural **nós** e, conseqüentemente, a desinência correspondente **-mos**. Como dissemos no capítulo 3, a rejeição ao pronome **nós** é categórica entre os jovens. Assim, um sujeito composto que inclui a primeira pessoa leva inevitavelmente à retomada pela expressão **a gente**, sob pena de o falante ter que usar a desinência **-mos**:

(64) **[Eu junto com o pessoal do escritório], a gente,** criou uma tabela. (Andrea, 26 anos)

(65) **[Eu e a “Marisa”], a gente,** quer te ver muito mais bonita do que você já é. (Comercial de TV, 1993)

O trabalho da escola no sentido de recuperar a expressão da primeira pessoa do plural conforme o paradigma padrão tem sido árduo e nem sempre bem sucedido, levando ao uso do pronome expesso como em (57) acima ou ao uso da flexão -**mos** associada à expressão **a gente**:

(66) **Eu e o meu colega,** né, **a gente** fizemos uma armadilha...

A estrutura com duplo sujeito revela ainda sua cumplicidade com a perda da inversão livre do sujeito, ao abrigar também o sujeito das orações reduzidas de gerúndio, que aparece hoje na língua oral lexicalizado, precedendo o gerúndio. A análise em Kato et alii (no prelo) revela que esse sujeito apresenta preferencialmente correferência com o sujeito da matriz, ora nulo ora expesso lexicalmente; em vista disso, uma das representações propostas para a estrutura seria a de deslocamento do sujeito à esquerda. A construção³ se encaixa no quadro de mudanças aqui analisado e se apresenta tanto com sujeito de referência arbitrária como de definida [+/- específica], sendo um dos fatores a favorecer o duplo sujeito:

(67) ...e **você** recebendo ou falando **você** está utilizando um canal... (Rádio)

(68) A menina acha que **ela** ficando mais durinha **ela** vai chamar mais a atenção... (TV)

(69) Pode deixar que **ele** chegando **ele** liga pra você. (conversa informal)

³A importância do elemento em DE na análise de mudanças sintáticas empreendidas pelo PB já aparece em Kato (1993), para quem a relativização se dá a partir dessa posição, de onde é extraído o relativo

4.4. Sobre o uso do passado para entender o presente

Sem dúvida, o presente tem ajudado a interpretar fenômenos de mudança no passado, lançando luzes sobre questões polêmicas levantadas por lingüistas seguidores de modelos de análise diversos (cf. Labov, 1975). Isso, entretanto, não impede a viagem em sentido contrário, que nos permite usar o passado para iluminar mudanças lingüísticas em curso no presente. O desenvolvimento recente de estudos diacrônicos de sintaxe comparativa sob perspectiva gerativista tem aberto importantes estradas, felizmente de mão dupla, capazes de permitir tal viagem.

O trabalho de Adams (1987, cit. 1988), associando a ocorrência do sujeito nulo no francês antigo à restrição V2, foi o precursor de uma série de outros trabalhos diacrônicos sobre o francês, antigo e medieval, com resultados que têm contribuído para o desenvolvimento da teoria acumulada sobre os parâmetros do sujeito nulo, da ordem das palavras e da atribuição de caso nominativo. Entre esses trabalhos, destaco o de Vance (1989), que focaliza o francês medieval nos séculos XIII, XIV e XV, um período em que o sujeito nulo, antes restrito à posição pós-verbal em sentenças raízes (que lhe permitia receber Caso sob regência), passa a ocorrer também em posição pré-verbal e em sentenças encaixadas.

Particularmente interessante para o presente estudo é o fato de que, durante esse período, enquanto a ocorrência de sujeito nulo não referencial se dá sem restrições, a ocorrência de *pro* referencial é limitada por certos condicionamentos: (a) em matrizes, não ocorre geralmente em posição inicial absoluta e prefere as formas de primeira e segunda pessoas do plural (**nous vous**), o que a autora atribui à exclusividade e tonicidade da flexão (**-ons -ez**); (b) nos contextos encaixados - que incluem todos os tipos de subordinadas - não há restrição de pessoa, que, neste caso, dependerá do tipo de verbo e do tipo de oração. Assim, as exortativas, por exemplo, têm, em geral, sujeito nulo de segunda pessoa, enquanto nas temporais com **quant** predominam os sujeitos de terceira pessoa, por se prestarem especialmente às narrativas.

Agr é, pois, um licenciador de *pro* durante esse período e a prova disso é a ocorrência de *pro* expletivo. Entretanto, a identificação de *pro* referencial não se faz de maneira uniforme; está em jogo um sistema defectivo de identificação, que envolve flexão apenas parcialmente. De um lado, Agr forte tem condição de identificar os pronomes **nous** e **vous**. De outro, Agr fraco precisa do reforço de um SN ou pronome presente no contexto anterior para identificar as outras pessoas. Este elemento pode ser o sujeito expresso ou o objeto da oração raiz, ou ainda estar no período anterior ou no contexto pragmático, desde que obedeça a uma única condição: ser o tópico discursivo. A esse fato, juntam-se mudanças rítmicas que se processavam no francês medieval e que contribuíram para a cliticização, que era, na época, mais fonológica do que sintática, pois, ao mesmo tempo que os pronomes, devido à sua natureza átona, mostravam certa dependência fonológica em relação ao elemento seguinte, também atuavam como SNs em estruturas coordenadas e em construções SXV, esta última ilustrada em (70):

- (70) Il sur tous sera le mieuiz conditionné. (ex. (92) em Vance)
"Ele sobretudo será o mais bem preparado."

Um exame dos exemplos apresentados por Vance (op.cit.) revela uma semelhança realmente grande com os encontrados na fala do PB. O sujeito nulo não argumental ou quasi-argumental, ilustrado em (71) ocorre sem restrições; o sujeito nulo argumental é licenciado e identificado em matrizes e encaixadas e depende de flexão e/ou do contexto discursivo para ser identificado, como mostram (72 e 73):

- (71) **pro** Me semble de prime face que ensuirvoloit les anciennes vesves de jadis.
(ex. (114))

"Me parece, à primeira vista, que ela queria seguir as viúvas do passado."

- (72) Et **pro** ly direz que je me racommande humblement a elle..(ex (107))

"E lhe direis que eu me recomendo a ela humildemente."

- (73) Et quant **Saintré**, fit prest pour monter a cheval, **pro**, print congié de son hoste et de pluseurs autres. (ex. (100))
"E quando Saintré estava pronto para montar seu cavalo, despediu-se de seu anfitrião e de vários outros."

O sujeito pronominal ainda não se comporta como um clítico, mas já começa a dar mostras de se cliticizar ao verbo, o que se pode verificar nas ocorrências de sujeito duplo quando existem elementos intervindo entre sujeito e verbo. Para Vanelli, Renzi & Benincà (1985), o uso obrigatório do pronome sujeito no francês combinado a uma ordem rígida de palavras levaria naturalmente à sua cliticização. O exemplo (142) de Vance (p:230), reproduzido em (74) a seguir mostra reunidas uma característica do francês moderno, na retomada do sujeito, e uma do francês medieval, no uso do sujeito nulo em uma coordenada, claramente identificado pelo tópico, e em uma completiva, identificado por Agr:

- (74) "**Madame**", , dist il froidement, "**elle**, se racommande tres humblement a vostre bonne grace et **pro**, dis que **pro**, l'**avrez**, briefement."
"A minha senhora, diz ele friamente, ela manda recomendações a sua graça e diz que a terá brevemente."

Como em PB, vê-se no francês um sistema defectivo de sujeitos nulos, com o qual a língua conviveu por mais de 150 anos e que deve ser, segundo Roberts (1993b:415), "parte natural do processo de perda de sujeitos nulos". E, como as razões que motivaram essa perda numa e noutra língua se devem a causas diversas (cf. Torres Morais (1995) e Ribeiro (1995) sobre o PB), o autor sugere que os "efeitos colaterais" da mudança também sejam diversos. Embora Vance enfatize o fato de que não se pode atribuir a perda do uso do sujeito nulo, tal qual ele aparece no período medieval, à erosão do paradigma flexional, há um relação inequívoca entre seu uso e formas verbais ricamente flexionadas por um lado, enquanto, por outro, se vê uma nítida relação com o tópico discursivo.

Que PB falado hoje também apresenta um sistema defectivo de sujeitos nulos é inegável. A única desinência distintiva - a da primeira pessoa do singular - já perde força na identificação do sujeito nulo, mas ainda opera. Enquanto isso, resiste mais bravamente a terceira pessoa, que se apóia na referência sempre buscada num elemento fora da sentença em que o sujeito nulo ocorre. Ao mesmo tempo, cresce a tendência à realização fonológica do pronome sujeito, até mesmo em coordenadas, e abre-se um espaço para a penetração da construção com duplo sujeito, que passa a ser obrigatória nos casos de sujeito composto de primeira pessoa para os falantes que já incorporaram a perda do pronome **nós** e a flexão verbal correspondente (cf. seção 4.3.2). Há até indícios que podem levar à suspeita de um princípio de cliticização do pronome ao verbo. A perda progressiva da possibilidade de não representar foneticamente o pronome sujeito associada ao fato de, como sugerem Vanelli, Renzi & Benincà (op. cit.:172), o "pronome e verbo se encontrarem constantemente um ao lado do outro" podem, com o tempo, levar à cliticização fonológica do pronome⁴. Vejam-se, a propósito, (75)-(80) a seguir:

- (75) **O papanicolau, ele**, particularmente no caso dos papilomavírus,**ele** é extremamente limitado. (TV)
- (76) E a gente, que usa mais **o restaurante** no final de semana, **ele** - que a gente não tem empregada, né, no final de semana - **ele** não atende porque **ele** fecha sábado e domingo, entendeu? (H3d,484-486)
- (77) **A casa** onde eu morei - que é uma casa que seria de meados do século passado - **ela**, quando foi comprada em mil novecentos e poucos pelo meu bisavô, **ela** era uma casa que sofreu...teve que fazer uma série de reformas. (M2g,871,872)

⁴Adotamos aqui distinção estabelecida por Rizzi (1986b), para quem a natureza clítica dos pronomes sujeitos em francês é uma propriedade meramente fonológica, uma vez que o pronome se comporta com um SN, localizando-se em Spec de IP, ao contrário dos clíticos que ocorrem em certos dialetos do norte da Itália, que são sintáticos: localizam-se em I⁰, funcionando como o *spell-out* obrigatório de Agr em certas pessoas gramaticais.

- (78) Eu me lembro que **um amigo meu** que foi à Olimpíada agora **ele é**, apesar de ser nadador, **ele é** fã do Michael Jordan do basquete. (M3c,406,407)
- (79) No momento **o plano ele** não não faz nada. **Ele** na verdade **ele** cria as condições para que o Governo possa realizar seu trabalho.(Fala de um membro do governo entrevistado pelo rádio, 08.12.93)
- (80) **Eu**, se **eu** depender de ônibus, **eu** nunca mais **eu** venho à praia.(Fala de uma banhista entrevistada pela TV, 12.10.93)

Um exame dessas sentenças à luz do discurso indicará que as retomadas do pronome se devem a limitações do contexto em se produz a língua oral. E isto é um fato indiscutível. Acontece que o falante só se utiliza dos instrumentos que a gramática de sua língua lhe oferece e o instrumento aqui utilizado não está disponível aos falantes de uma língua do tipo *pro-drop* "convencional".

Naturalmente, esse processo, que poderá levar à perda da possibilidade de licenciar o sujeito nulo, é gradual e faz parte de um conjunto maior de mudanças sofridas pelo nosso sistema de pronomes clíticos (cf. Tarallo 1993 e Kato e Tarallo, no prelo). O percurso da mudança não pode ser determinado com precisão. Não pretendo, pois, sugerir que um dia "falaremos francês"; mas, quando se comparam os fatos aqui brevemente resumidos, suspeita-se de que, entre a frase dita pelo Rei Louis XIII quando criança - "**Ma mère, elle, a dit**" - que resultou em reprimendas de seu preceptor Héroard, em princípios do séc. XVII⁵, e o que se ouve (e se lê) de crianças e jovens hoje, não vai uma grande distância, a não ser a que se refere ao tempo:

- (79) **Esse carro ele** tem alarme também? (Lais, 7 anos)
- (80) **O menino** que levou a tesourada **ele** foi pra tesouraria. (idem)

⁵ Esta informação consta do diário de Héroard, o preceptor de Louis XIII, publicado na Alemanha. A obra que faz referência ao diário e apresenta o fenômeno a que faço referência é: G. ERNST, *Gesprochenes Französisch zu Beginn des 17. Jahrhunderts. Direkte Rede in Jean Héroards "Histoire particulière de Louis XIII" (1605-1610)*, Tübingen, Niemeyer, 1985. Devo tal referência a Françoise Gadet e a M. da Conceição Paiva.

- (81) Mas o **J.P.**, olha quantas bandeiras **ele** já fez! (idem)
- (82) Tia G., a **Lais ela** não quer deixar eu brincar no computador. (João Paulo, 9 anos)
- (83) O **Daniel**, né, **ele** é o mais brincalhão da classe. (idem)
- (84) O **Miúra ele** é cinza e vermelho. (José Antônio, 10 anos)
- (85) Aí o **meu amigo** outro dia **ele** saiu assim....(idem)

4.5. O que dizem os resultados

Neste capítulo, foram apresentadas as ocorrências de duplo sujeito nas amostras da fala espontânea e da mídia, construções que retomam um referente nitidamente **esperado** e **próximo**, constituindo importantes passo no processo de mudança em estudo. Sem negar que fatores discursivos possam explicar as estruturas com duplo sujeito, o que está em jogo é sua **incompatibilidade** com línguas do tipo *pro-drop*, sendo sua própria existência o melhor argumento a favor do afastamento do PB desse grupo de línguas.

Os dados revelam que essa construção já se encontra plenamente encaixada no contexto da mudança, uma vez que assumiu a função de substituir o agonizante pronome **nós** nas construções com sujeito composto de primeira pessoa, ao mesmo tempo que pode também abrigar a nova forma das sentenças gerundivas, que perderam a posposição do sujeito. Sua infiltração no sistema já chega à romada de expressões quantificadas e até mesmo do sujeito de predicções secundárias.

Procurou-se relacionar a entrada da estrutura no sistema à perda da propriedade *pro-drop*, que caracteriza línguas como o italiano e o espanhol e não admite o deslocamento à esquerda, que seria a própria negação do **Princípio “Evite Pronome”**. Essa possível relação é reforçada pela apresentação de fatos do francês medieval, que começou a apresentar tais estruturas enquanto exibia um sistema defectivo de sujeitos nulos. Embora as mudanças sofridas pelo francês no passado tenham causas diversas daquelas que têm contribuído para mudanças no PB do presente, foi possível encontrar indícios do rumo que estas poderão tomar.

A gramaticalização da flexão de número e pessoa, que vai se efetivando à medida que novas gerações perdem as manifestações mais resistentes de propriedades das línguas de sujeito nulo do tipo românico, e a necessidade de retomada pronominal do sujeito sempre que um elemento se interpõe entre ele e o verbo sugerem encontrar-se em andamento um processo de cliticização fonológica do sujeito.

CAPÍTULO 5

O ESTATUTO DO SUJEITO NULO

E A ESTRUTURA SENTENCIAL EM PORTUGUÊS

En effet, dix Brésiliens sur dix préfèrent une phrase à sujet rempli et objet vide. Le contraire est ressenti comme insolite.

M. Cristina Figueiredo Silva (1994)

5.1. Introdução

Os resultados da análise apresentada nos capítulos 3 e 4 confirmam algumas das hipóteses que norteiam este trabalho. Em primeiro lugar, temos evidências que corroboram a tese de Roberts (1993a), segundo a qual a perda da “uniformidade funcional” de um paradigma verbal atua na possibilidade de expressão do sujeito nulo como um todo, ou seja, não só as formas que perdem sua desinência distintiva são atingidas por essa perda; ela afeta todo o paradigma¹. Uma comparação entre os resultados encontrados para o português europeu apresentados em 1.2.1 e os obtidos na amostra do português do Brasil permite relacionar a perda da propriedade *pro-drop* por este ao fato de termos ultrapassado o limite de sincretismos proposto por Roberts. O gráfico 5.1, a seguir, mostra os percentuais de sujeitos nulos para uma e outra variedades do português (fala espontânea):

	1a. p. s.	2a. p. s.	3a. p. s.
PE	59%	75%	72%
PB	28%	11%	39%

O sujeito nulo deixa, pois, de ser obrigatório para ser opcional, não havendo mais uma relação direta entre flexão distintiva e sujeito nulo. Prova disso é, de um lado, a perda significativa da realização do sujeito nulo na primeira pessoa do singular, que mantém a única desinência exclusiva, e, de outro, o percentual superior na

¹ Sobre o espanhol do Caribe, há igualmente evidências de que o uso de formas pronominais se proliferou em decorrência da redução do quadro flexional, de tal maneira que, “mesmo as formas verbais que permanecem distintas em relação a número e pessoa são acompanhadas do pronome sujeito” (Toribio, no prelo:9), o que sugere não ser o pronome usado apenas para compensar a morfologia de concordância ausente.

terceira pessoa, cuja forma verbal no singular apresenta desinência número-pessoal zero, e é, como vimos, uma forma polivalente no sistema atual.

Em segundo lugar, e ainda com inspiração em Roberts, confirma-se que a mudança de um sistema *pro-drop* para *não-pro-drop* não se dá bruscamente, ou seja, temos no português do Brasil propriedades de línguas positivamente e negativamente marcadas em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo. A esse respeito, confirma-se ainda a previsão de Tarallo e Kato (1989) de que as línguas possam variar não só qualitativamente quanto à marcação positiva ou negativa para um dado parâmetro, mas igualmente em relação à frequência com que manifesta as propriedades de um ou outro parâmetro.

Este sistema defectivo encontrado no PB, em que propriedades de língua de sujeito nulo e propriedades incompatíveis com essas línguas se manifestam, tem merecido análises teóricas que buscam investigar os processos envolvidos na identificação do sujeito nulo e discutem, em consequência das restrições a essa identificação, o estatuto da categoria vazia sujeito. Ao mesmo tempo, tenta-se dar conta da nova estrutura com duplo sujeito, decorrente, segundo nossa análise, da perda do Princípio "Evite Pronome".

Este capítulo examinará, à luz dos resultados encontrados na análise variacionista apresentada no capítulo 3, a proposta de Figueiredo Silva (1994) para o sujeito nulo em PB e a de Kato et alii (no prelo) para a nova estrutura sentencial do PB.

5.2. Por um sujeito nulo não pronominal (Figueiredo Silva 1994)

Num trabalho teórico recente, que examina as restrições à ocorrência de sujeito nulo no PB, a autora elimina a possibilidade de ocorrência de *pro* definido "residual", sustentando uma versão forte da hipótese de que Agr_s^0 , embora capaz de legitimar formalmente *pro* argumental definido, não possui o conjunto de traços capazes de identificá-lo. Com base nas evidências da necessidade de um referente explícito para a identificação do sujeito nulo referencial e da sensibilidade dessa categoria aos efeitos das "ilhas" sintáticas, sua proposta leva em conta dois tipos de sujeitos nulos: o de tipo "variável" e o de tipo "anafórico".

Para o caso dos primeiros, que podem ocorrer em sentenças raízes e em encaixadas (com o referente no contexto anterior), a autora propõe uma representação em que o Spec de CP não é projetado; o núcleo de CP, por sua vez, possui traços de pessoa capazes de identificar o sujeito. Assim, a categoria vazia em Spec IP pode se mover até lá, a fim de buscar os traços de pessoa que lhe faltam. Os exemplos a seguir ((75) e (76) em Figueiredo Silva, p:158), ilustram a operação:

- (1) [CP cv_i [AgrSP t_i comprei um carro ontem]]
- (2) [CP cv_i/NP_i [AgrSP Np_j [CP t_i que [AgrSP t_i]
[A Maria_i [o José disse [que cv_i comeu carne ontem]

Quanto ao sujeito nulo do tipo "anafórico", Figueiredo Silva adota a versão de Borer (1989), para quem o nóculo Agr é nominal, podendo por isso exibir propriedades pronominais ou anafóricas. Se for anafórico, deverá ser ligado como qualquer anáfora, ou seja, uma categoria [+N] em posição A na estrutura S. Este princípio explicaria a um só tempo a agramaticalidade de

- (3) *O Pedro_i achou um carro que cv_i tem grana pra comprar.(op.cit.84a)

uma vez que o Spec de CP pelo qual o elemento de concordância precisa passar a fim de buscar seus traços no Agr da matriz já tem traços nominais; ao mesmo tempo, explica-se a gramaticalidade de

- (4) a.A Maria_i olha pro chão toda vez que cv_i fala com o José. (ex.85)
b.A Maria_i não sabe se cv_i vai sair.(ex.89)

pois o Agr⁰ encaixado pode perfeitamente ocupar a posição vazia em CP e, de lá, alcançar o Agr⁰ da raiz.

Vejamos o que dizem os nossos dados. São, de fato, raríssimas as ocorrências de sujeito nulo definido em sentenças com elemento em Spec CP. Em

raízes, houve duas ocorrências, uma na 1a. pes. sing. e uma na 3a. pes. pl., de um total de 25 interrogativas:

(5) Como é que **cv** vou para o hotel? (H1I, 1674)

(6) Da onde **cv** vêm? (H3d,499)

Nas interrogativas indiretas e relativas, em que Spec CP está igualmente preenchido, 18% (3/16) e 7% (7/95) de sujeitos nulos, respectivamente (cf. seção 3.2.3.1). Pode-se, assim, supor que nosso sujeito nulo se comporta como uma variável, não podendo se mover sobre uma "ilha forte" a fim de buscar numa posição externa a CP seus traços.

Quanto às encaixadas que têm seu referente no contexto anterior, nota-se a mesma-se a rejeição à presença de material em Spec de CP para que o sujeito nulo possa buscar seus traços numa posição externa à sentença. Todas as interrogativas indiretas que têm sujeito de referência definida coindexado com um antecedente no contexto anterior têm sujeito expresso.

No entanto, mesmo quando o Spec de CP está livre, como nas estruturas em (1) e (2) acima, a rejeição ao sujeito nulo referencial é notável. Eles atingem 37% em independentes e 23% em raízes antepostas (estrutura 1) e 19%(12/63) nas completivas que têm a estrutura mostrada em (2). Um exame dessas últimas mostra que apenas uma, em (7) a seguir, não se constrói com o verbo 'ser' (e o sujeito nulo que apresenta pode ser interpretado como uma reconstrução existencial), quatro têm referente [+animado] e 8 [-animado], como mostram (8)-(9) a seguir:

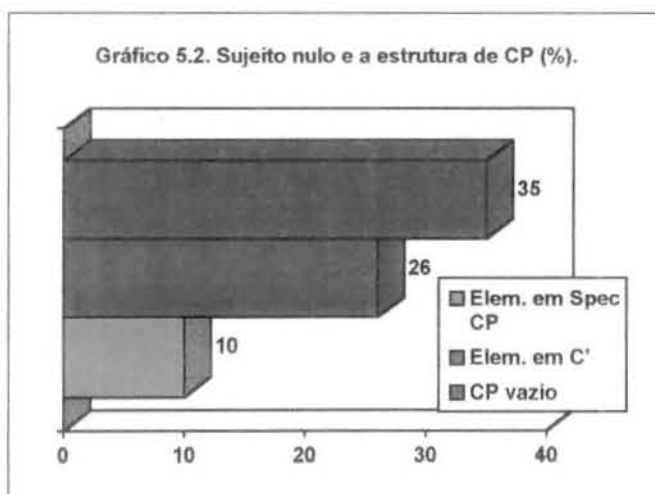
(7) Agora **ela_i** já tá entrando em outra fase. **cv_i** Não faz mais festinha de aniversário. Eu acho [CP [C' que [IP **cv_i** vai ter agora festa tipo de adolescente]]]. (M2e,708)

- (8) Eu acho que a melhor liderança do país nessa época, que é o **Lula**...Melhor que... Você sabe [CP [C' que [IP cv, não é um cara de grande estudo.(H2f,725)
- (9) **O armazém**, é uma espécie... quer dizer, acho [CP [C' que [IP cv, ja'é extinto, né?]]] (H1I,1645)

Uma explicação para a não ocorrência de sujeitos nulos baseada na presença de elemento em Spec de CP não dá conta do fenômeno da perda do sujeito nulo no PB. O que se percebe é que nessas estruturas a mudança se implementou mais rapidamente do que naquelas em que C⁰ está preenchido (estrutura 2), as quais, como se viu já revelam as conseqüências do processo de mudança. Vê-se, pois, que, entre (1) e (2) acima, apenas a estrutura em (1) ainda é relativamente produtiva no PB, ou seja, o sujeito nulo depende, cada vez mais, da ausência de material **em Spec CP e em C⁰**, quando precisa buscar seu referente no discurso precedente. Resistem mais bravamente as raízes e independentes (cf. tabela 3.6)

Quanto à estrutura em (4), a amostra analisada no capítulo 3 confirma que, de fato, a correferência com o sujeito da raiz ou subordinada anteposta é um importante contexto de preservação do sujeito nulo no segundo membro da estrutura. No conjunto de dados da amostra principal, 30% das orações em tal configuração têm o sujeito nulo. É também verdade que a presença de elemento [+qu] em CP tem bloqueado a possibilidade de transmissão dos traços de Agr na oração anterior para o Agr da oração seguinte, o que é traduzido nos baixos percentuais de sujeitos nulos em relativas e interrogativas indiretas com sujeitos correferentes com o da raiz. No entanto, mesmo nas completivas, adjuntas e raízes pospostas, em que não haveria barreiras à anaforicidade, prefere-se, o sujeito pleno (70%) ao nulo. A julgar pela fala do grupo mais jovem (cf.tabela 3.5), pode-se prever que a mudança prossegue nessas estruturas. É uma proposta que se apóie num tipo de "controle" anafórico dependente da estrutura de CP para permitir o sujeito nulo já não dá conta do fenômeno. Basta uma análise do gráfico

5.2, a seguir, que resume os resultados apresentados no gráfico 3.4 (cf. seção 3.2.3), para que se veja o avanço da mudança em todos os tipos de realização da categoria CP:



5.3. Uma proposta alternativa

5.3.1. Por um sujeito nulo pronominal

Em contraposição ao tratamento dual de Figueiredo, tentarei tratar todas as ocorrências de sujeito nulo em PB como ocorrências de *pro*. Consideremos inicialmente alguns pontos:

(a) embora em percentuais às vezes bastante baixos, não há, na amostra analisada, um só contexto categórico de sujeito nulo (excetuando-se os dados de segunda pessoa do plural);

(b) os contextos em que o sujeito nulo ocorre **improdutivamente** em PB são os mesmos em que (ele) ocorre **obrigatoriamente** nas línguas *pro-drop* (ou seja, não há uma só estrutura em que se note processo diverso na identificação do sujeito, o que sugere que o processo é o mesmo, mas tem se tornado cada vez mais inoperante);

(c) a presença de material em CP é notadamente um fator que está levando ao uso do pronome pleno do sujeito em português europeu (lembremo-nos de que este é o único contexto em que o sujeito pleno supera o sujeito nulo (70% vs. 30% na 1a. pessoa e 61% vs. 39% na terceira) na amostra analisada em 1.2.1, conforme gráfico 1.1) e, embora não disponhamos de evidências quantitativas, parece haver mais tolerância ao pronome pleno numa relativa do que numa adjunta em línguas como o italiano. Os exemplos de Calabrese (1986), apresentados em 1.3 e repetidos a seguir permitem levantar essa suspeita:

(10) Le persone che **lui**_i há aiutato sono convinte che **Gianni**_i è una buona persona.

(11) Dopo che *pro*_i / * **lui**_i ha visto quel film, **Mario**_i si è spaventato.

Talvez se pudesse levantar a hipótese de que, como o elemento movido para Spec de CP, ao contrário do elemento em C⁰, tem uma função sintática na oração, a “pronúncia” do sujeito serviria para não comprometer sua identificação, que poderia ser confundida com um argumento interno em CP. A mudança em PB poderia ter se iniciado por esse caminho: o enfraquecimento de Agr começaria a se fazer sentir mais prontamente nos contextos mais vulneráveis.

No caso do PB, das sete ocorrências de sujeitos nulos em relativas, cinco foram produzidas pelo mesmo informante e têm sujeito de primeira pessoa correferente com o da matriz. Não há, pois, maneira de confirmar a hipótese. A quase totalidade das relativas, independentemente de quaisquer fatores, já apresenta o sujeito pleno. No caso do português europeu, porém, isso é possível.

Veja-se o exemplo a seguir, em que o elemento em Spec CP e o sujeito partilham do mesmo número gramatical, mas têm traço semântico distinto:

- (12) **Eles_i**, limitam-se a combater os incêndios normalmente com ramos [_{CP} **que eles_i**, atam em feixes ou com matracas [_{CP} **com que pro_i**, batem o mato. (IM4)

Enquanto na primeira relativa, a expressão do sujeito define as posições dos argumentos interno (movido) e externo, na segunda, a estrutura do sintagma relativo impede sua interpretação como sujeito. Se a preposição é omitida, numa relativa cortadora, mais uma vez o pronome tende a ser expresso, independentemente do traço semântico do referente:

- (13) Era um bocado **do Sebastião da Gama_i**, do "Diário", **(em) que ele_i**, diz...(GM1)

- (14) (Tema: O filme de Visconti "Morte em Veneza") O Estáline nunca **o_i**, deixou sair na Rússia. Mas, digo, mas por quê? Quer dizer, *pro* (1.p.s.) percebia um pedaço **(em) que ele_i**, fazia um reclame extraordinário do culto da personalidade. (GM3)

Naturalmente a questão precisa ser investigada com cuidado, já que a grande maioria das relativas na amostra do português europeu (com sujeito nulo ou pleno) tem o relativo como argumento interno do verbo. Este poderia ser um caminho por onde começar essa investigação.

Parece razoável, então, supor que o que está refletido nos dados é um sistema *pro-drop* defectivo, em que Agr continua licenciando *pro*, mas sua identificação, comprometida pela perda do traço de pessoa, torna-se cada vez mais restrita. E os contextos por onde a mudança progride são aqueles em que o sistema é menos rígido - aqueles que têm elemento em Spec de CP. Os contextos mais resistentes são os que têm um comportamento mais rígido quanto à obrigatoriedade de sujeito nulo em línguas *pro-drop*: as estruturas com sujeitos correferentes e as independentes que têm um "referente esperado" (cf. Calabrese,

seção 1.3) no discurso, um e outro facilmente acessíveis. Provavelmente, esta é a razão da maior resistência por parte da terceira pessoa.

É com base nessas observações que tenho me referido ao sujeito nulo em PB como residual. O fato de termos perdido o contexto obrigatório do sujeito nulo referencial, coloca esta categoria em pé de igualdade com sua contraparte lexical, não parecendo, pois, apropriado, propor um estatuto diferente para nossas ocorrências de sujeito nulo. Além do mais, nosso sujeito nulo não é um fenômeno estável, como parece ser o descrito para o hebraico, em que há uma relação entre marca distintiva e possibilidade de sujeito nulo (cf. Borer, 1989)², mas uma categoria frágil, que vai sendo encampada pelo uso do pronome pleno à medida que o sistema perde as propriedades de um sistema não restritivo de sujeitos nulos, orientado pelo Princípio "Evite Pronome". Os indivíduos que ainda apresentam traços desse princípio continuam produzindo orações com o sujeito nulo, mas nota-se que, a cada geração, ele se torna menos operante.

A necessidade de um referente no contexto discursivo para a identificação de um sujeito nulo não é incompatível com um pronominal nulo. Evidências de que a presença de tal referente associada à ausência de material em CP facilita essa identificação são apresentadas em Rizzi (1994). Observando a presença do sujeito nulo em sentenças declarativas no infinitivo nos estágios iniciais da aquisição de línguas negativamente marcadas em relação ao parâmetro do sujeito nulo, o autor propõe uma estrutura sentencial que não inclui a categoria CP. Desta forma, a posição do sujeito nulo em SPEC IP está plenamente "disponível para direta identificação pelo discurso" (p:6). Entre os dois e três anos, uma vez adquirida a camada CP, como demonstra o uso do pronome pleno nas interrogativas *qu-*, a criança perde a opção do sujeito nulo nas raízes. O princípio "CP = raiz" parece igualmente "não operante nos sistemas adultos sob certas condições discursivas especiais (que permitem sujeitos nulos em raízes, porções isoladas de sentenças, etc. e possivelmente em alguns registros especiais, como o estilo de diário de Haegeman (1990)" (op.cit:nota 4).

² Segundo a autora (op.cit.), o sujeito nulo ocorre em raízes e encaixadas com o passado e futuro, na 1a. e 2a. pessoa, uma vez que Agr têm os traços capazes de identificá-lo; na 3a., o sujeito nulo limita-se às encaixadas, pois depende de um "controle" pelo referente da raiz. Nas formas do presente, que não apresentam marcas distintivas, o sujeito nulo não é licenciado.

5.3.2. Huang e a proposta do controle generalizado.

Huang (1989) propõe uma modificação no quadro de categorias vazias apresentado em Chomsky (1982), postulando uma categoria [+pronominal], da qual *pro* e PRO são variantes. Com isso, segundo o autor, não mais haveria a assimetria que existe entre categorias vazias e lexicais: pronomes, anáforas e nomes teriam suas contrapartes nulas em um pronominal *pro*/PRO, um vestígio de SN e uma variável, respectivamente.

O que diferenciaria *pro* e PRO seria o fato de o primeiro ocorrer numa posição que pode ser preenchida por uma categoria lexical e tem distribuição limitada entre as línguas, enquanto o segundo tem distribuição mais geral. Ambas entretanto precisam ser identificadas por um antecedente sob condições apropriadas. No caso de *pro*, a identificação se faz ou por Agr, em línguas como o italiano, ou por um SN, em línguas como o chinês, que não apresenta um sistema visível de concordância.

As propriedades de *pro* e PRO derivam, segundo o autor, de uma Teoria de Controle Generalizado (GCT), que consiste de uma regra de controle generalizado (GCR), que determina que todo pronominal seja controlado (ou identificado) dentro do seu domínio de controle (CD). Esse domínio deve conter um SUJEITO acessível ao pronominal nulo.

No caso de línguas como o italiano, um *pro* sujeito encontra seu domínio de controle dentro de sua sentença (IP), tendo em Agr um SUJEITO acessível, capaz de controlá-lo. No caso de línguas como o inglês, o domínio de controle é o mesmo, mas Agr não é suficientemente “rico” para controlar *pro*. No caso do chinês, finalmente, o nóculo IP que domina *pro* não pode ser seu domínio de controle porque não há um SUJEITO acessível, devido à total ausência de Agr. Da mesma forma que PRO, *pro* encontrará seu SUJEITO acessível na sentença mais alta ou até mesmo fora dela, dependendo das propriedades de controle dos verbos da oração raiz. No caso, porém, de não haver um domínio de controle que o identifique, esse pronominal nulo (*pro* ou PRO) pode encontrar seu antecedente mais distante no discurso, ou pode ter a referência arbitrária ou ainda determinada por condições pragmáticas.

No caso do PB, em que Agr passa por uma mudança de [+pronominal] para [-pronominal]³, pode-se esperar que um referente externo reforce o processo de identificação do sujeito nulo, embora com êxito cada vez mais comprometido. À medida que diminui essa eficiência, cresce a possibilidade de interpretação [+arb] para o sujeito nulo em todos os tipos de estruturas, independentes ou encaixadas, com ou sem material em Spec CP ou C⁰:

- (15) Como é que **pro**^{arb} funciona lá em Brasília? (M3z,436)
- (16) **pro**_{arb} Não vê mais amolador de faca. (M1i,1303)
- (17) É uma vila. Hoje infelizmente tem uma grade, porque hoje **pro**^{arb} precisa ter grade, né, pro portão. (H1l,1606)
- (18) Eu também acho que **pro**^{arb} tem que resolver o problema. (M2e,581)

5.3.3. Pronomes fortes e pronomes fracos.

Uma proposta de representação para a estrutura sentencial do PB precisa levar em conta, de um lado, a ocorrência **restrita** de *pro referencial*, e, de outro, a ocorrência **ilimitada** de sujeitos pronominais expressos, além da possibilidade de uso do duplo sujeito em todas as pessoas, com referência definida ou arbitrária.

Um ponto importante a ser levado em conta nas línguas *pro-drop* é a distinção entre pronomes fortes e fracos. Tanto Calabrese (1986) quanto Fernandes Soriano (1989) opõem *pro* ao pronome pleno com base na distinção fraco/forte (unstressed/ stressed pronouns).

³Toribio (no prelo) propõe ser a natureza de INFL sujeita a variação paramétrica. Enquanto no espanhol padrão (Standard Spanish) INFL é pronominal - possui as especificações de traços nominais capazes de identificar *pro* - no espanhol caribenho, é não-pronominal, podendo identificar *pro* sob co-indexação com um SN c-comandante ou um operador nulo. Isso confirma o fato de que os contextos de sujeito nulo obrigatório em línguas *pro-drop* oferecem maior resistência à implementação do sujeito pleno num processo de mudança.

Retornemos a Fernandes Soriano, a cujo trabalho já nos referimos no capítulo 1. A noção de não alternância entre pronomes nulos e plenos no espanhol padrão, defendida pela autora, e aplicável ao italiano, pode ajudar a delinear uma estrutura para a sentença do PB. Essa não-alternância deriva do fato de que, numa língua *pro-drop*, Agr deve obrigatoriamente atribuir seus traços de pessoa, número e Caso, por força do Princípio "Evite Pronome". Ora, sendo os pronomes tônicos intrinsecamente marcados em relação a esses mesmos traços, sua co-ocorrência com *pro* implicaria uma dupla marcação de Caso. Assim, um pronome tônico só se alterna com *pro* quando este não pode ser identificado adequadamente, o que ocorre com as formas singulares do subjuntivo em italiano e a primeira e terceira pessoas do singular do imperfeito em espanhol, se o contexto não oferecer outros elementos que ajudem no processo de identificação. Usando as palavras da autora, "quanto mais fácil for a recuperação do conteúdo do sujeito, tanto menos provável será sua expressão por um pronome pleno e mais estranha a sentença em que ele seja ligado por um quantificador ou apareça numa oração adjunta" (op.cit.:232).

O uso de um pronome pleno (tônico) nos casos em que *pro* é plenamente licenciado e identificado não significa uma alternância com *pro*, mas um caso de duplicação, o que implica uma posição sentencial diferente daquela ocupada por *pro*. Assim, a autora sugere que eles se comportem como os elementos deslocados, propondo para os pronomes tônicos uma posição de adjunção a IP, enquanto *pro* se mantém em Spec IP. A alternância só será possível, se a identificação de *pro* for comprometida (cf. 1.3).

5.3.4. A extensão da proposta de Fernandes Soriano (1989)

A tipologia apresentada na seção anterior, que considera pronomes fortes e fracos, é adotada por Kato (1994) e Kato et alii (no prelo) para a atual representação da sentença no PB⁴. Enquanto nas línguas *pro-drop* românicas

⁴Cf. também Galves (1991,1993), que propõe uma estrutura baseada na representação de TP e AgrP, enquanto o sujeito gramatical se encontra em Spec de TP, onde recebe o nominativo, o

uma forma pronominal fraca não tem realização fonológica, em línguas *não pro-drop*, como o francês e o inglês, tanto o pronome forte quanto o fraco se realizam lexicalmente, com o primeiro sendo representado por um dativo e um oblíquo (acusativo ou dativo), respectivamente:

- (19) a. **MOI, je** pense partir toute suite.
b. **ME**, I don't think I can do it.

No PB, o pronome forte é quase homófono ao pronome fraco e, ao contrário do que ocorre em francês e inglês, ainda é possível alternar um *pro* e um pronome fraco na posição interna à sentença. Essa alternância ainda é possível graças ao sistema defectivo em operação. Utilizando exemplos da nossa amostra em (20a,b), poderíamos igualmente ter (20c,d):

- (20) a. **EU, eu** sinto demais isso, né? (M2e,557)
b. **VOCÊ**, quando viaja, '**cê** passa a ser turista. (M3c,369)
c. **EU, pro** sinto demais isso, né?
d. **VOCÊ**, quando viaja, **pro** passa a ser turista.

A mesma alternância se vê nas construções de antitópico:

- (21) a. **Ele_i** é muito interessante o **Edifício Barão de Lucena_i** (M2g, 882)
b. Inclusive porque **pro_i** é bem carioca **esse termo "vexaminoso"_i** (H1l, 1679).

É ainda possível dispensar o elemento deslocado, tendo apenas o sujeito pronominal pleno ou nulo em Spec de IP, o que nos leva a formas como:

- (22) a. **Eu / *pro** sinto demais isso, né?
b. Quando **cê** viaja, '**cê** passa a ser turista.

Spec de AgrP, em posição mais alta fica disponível para a geração de outro SN, um sujeito "temático" da oração, em cujo predicado ele encontrará um correferente, seja na posição de sujeito gramatical, seja na posição de complemento.

- c. Quando 'cê viaja, *pro* passa a ser turista.
- d. Quando **pro* viaja, 'cê passa a ser turista.

As formas asteriscadas em (a) e (d), embora ainda ocorram na amostra analisada, tornam-se cada vez mais raras, como se viu na análise do capítulo 3, à medida que os casos de sujeito nulo vão ficando mais restritos e mais dependentes da presença de um referente na oração que o antecede, como em (c), ou no contexto discursivo, como mostra (23) a seguir:

- (23) a. **EU**, como *pro* entrei no meio do ano, **eu** acabei o curso no meio do ano. (H3b,211)
- b. Ai **VOCÊ**, quando *pro* viaja, 'cê entende. (M3c,373)

Na falta de um referente, *pro* recebe uma interpretação arbitrária:

- (24) *pro*^{arb} Não vê mais amolador de faca. (M3z,1303)

Em vista de fatos como os apontados acima, poder-se-ia supor que, assim como pronome e *pro* se alternam em Spec IP, assim também um pronome forte e PRO⁵ se alternam na posição de elemento deslocado. O caráter anafórico de PRO lhe permitiria procurar um antecedente no contexto anterior.

Num sistema como o nosso, em que Agr vem perdendo força na identificação de um sujeito nulo, uma estrutura assim representada poderia dar conta do significativo índice de sujeitos nulos de terceira pessoa, sem comprometer o caráter pronominal de *pro*. Vejam-se os exemplos em (25):

- (25) a. **Geisel**_i era realmente um todo-poderoso Presidente da República. [**PRO**_i *pro*_i demitiu ministros militares] [**PRO**_i [*pro*_i prendeu outros]] [**PRO**_i [*pro*_i

⁵ A alternância de PRO com uma categoria lexical é, entretanto, problemática. Mas a alternância entre um PRO controlado e uma forma pronominal de referência arbitrária já é freqüente em PB: (i) É melhor **você** morar separado, entendeu?, porque *pro*^{arb} brigou, *pro*^{arb} não tem que olhar. Vai cada um pra sua casa. (M1a)

não deu bola pra ninguém]] Mas verdade se diga:[PRO_i [*pro*_i conseguiu debelar a tortura]] (H2f,721-723)

b.Quando *ela*_i se formar, [PRO_i[*pro*_i vai dar aula também]] (H2f, 789-790)

c.[PRO_i[*pro*_i sabe [o que é pinho de riga?]]] (H1l,)

Essa posição de PRO em narrativas, como (25a) acima, poderia estar disponível apenas na sentença mais alta, fazendo a ligação entre as sentenças no discurso, "sintaticamente irmãs", como sugere Calabrese (cf. seção 1.3), podendo ter uma representação como:

(26) [Discurso PRO [*pro*.... [*pro*... [*pro*...]]]

Note-se que essa possibilidade de identificação por um antecedente no discurso em narrativas não é exclusiva de línguas *pro-drop*, o que torna compreensível o fato de que este seja um dos contextos mais resistentes ao sujeito pleno. Com o prosseguimento da mudança em encaixadas e mesmo em independentes, podemos pensar nesse contexto em (26) como um dos últimos refúgios do sujeito nulo em PB.

CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi examinar o português brasileiro à luz do Parâmetro do Sujeito Nulo, com base numa amostra sincrônica de língua oral produzida por indivíduos com formação superior. Pode parecer ambicioso pretender que os dados provenientes da fala de treze informantes venham a refletir exatamente a da sua comunidade, mas as palavras de Silva (1992) nos trazem a esperança de que uma amostra homogênea possa ser reveladora do desempenho do grupo a que seus membros pertencem:

“Felizmente a língua é uma propriedade humana relativamente homogênea, entre outros motivos porque, para haver comunicação, é imprescindível que todos tenham acesso pelo menos ao âmago da língua de sua comunidade. Se algum excêntrico resolvesse criar expressões próprias, seria dificilmente compreendido, e essas expressões seriam eliminadas por seleção natural.” (op.cit.:103)

Para buscar uma confirmação sobre o real alcance dos resultados alcançados, utilizamos uma amostra de fala transmitida pelo rádio e pela TV, em contextos de entrevistas, para aproximar, pelo estilo, uma e outra.

Os resultados a que a análise variacionista nos permitiu chegar revelam que o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo, confirmando a hipótese de Roberts (1993a). Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída. O PB atual convive com um sistema agonizante, em que

ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento, em que a "riqueza funcional" perdida já não permite a identificação de *pro*.

Os contextos em que a mudança se revela mais prontamente são a segunda pessoa, por onde se iniciou a redução do paradigma flexional, e a primeira, que depende mais fortemente da flexão. Resiste mais bravamente a terceira pessoa, que conta com o "reforço" de um SN antecedente no processo de identificação do sujeito nulo. As estruturas em que há menor rigidez na obrigatoriedade do uso de uma categoria vazia em línguas *pro-drop* cedem também mais rapidamente ao sujeito pronominal pleno, como as que têm um elemento em Spec de CP. Nas encaixadas completivas e adjuntas com sujeitos correferentes, a mudança é mais lenta. Fatores coadjuvantes nessa luta de vida e morte incluem o tempo verbal e elementos clíticos antepostos ao verbo, que denunciam a força de condicionamentos rítmicos promovendo ou retardando (no presente caso) os processos de mudança.

Mas a luta em direção ao sujeito pleno continua. Isso fica bem claro quando se examinam os fatores sociais considerados. A comparação entre os grupos etários que compõem a amostra revela uma evolução gradual e constante, liderada pelos jovens e pelas mulheres, em direção ao sujeito lexical. Bem mais da metade do território já foi conquistada. No conjunto dos dados, os adversários mais fortes já se mostram enfraquecidos: a terceira pessoa, com 37% de sujeitos nulos, o sujeito nulo de referente [-animado] com 44%; o pretérito perfeito com 40%; os sujeitos em correferência com 34%. Até mesmo o sujeito nulo de referência arbitrária, com um índice de 35%, mostra-se vencido pela tendência generalizada ao uso da forma pronominal plena.

Mais importante, porém, do que os números acima é a entrada da construção com o deslocamento do sujeito, que pode ser traduzida como a negação do Princípio "Evite Pronome". Retomar pronominalmente em posição de sujeito um SN ou um outro pronome, dentro da mesma sentença, é uma denúncia das conseqüências provocadas pela perda do Princípio, ou, em termos variacionistas, uma prova do encaixamento da mudança no sistema. De fato, a construção com DE, que ocorre sem restrições morfo-sintáticas ou semânticas, já

se mostra plenamente inserida na sintaxe da oração, prestando-se à nova estrutura com sujeito composto de primeira pessoa, que já não conta com a desinência verbal **-mos**.

À medida que a mudança progride, mais aumenta a distância entre a língua oral e a escrita, que ainda mantém um paradigma funcionalmente rico, exibindo resultados radicalmente opostos aos encontrados para a fala espontânea (cf. Paredes da Silva, 1988, 1993). E, enquanto os falantes mais velhos, cuja gramática ainda tem as opções de realização nula ou plena do pronome sujeito, utilizam a primeira na escrita ou na fala formal, os mais jovens, cuja gramática já se encontra em fase mais adiantada de mudança, não lidam com facilidade com essa troca de código (cf. Kato, 1992, sobre variação estilística). É por esses caminhos que uma mudança paramétrica pode ocorrer.

Embora nossa pesquisa não incluía testes de avaliação da variável (um dos passos da pesquisa sociolingüística, que pode trazer importantes informações sobre o sentimento do falante em relação às formas variantes, e, em consequência, permitir prever os rumos da mudança), testes informais com jovens adultos universitários revelam que o sujeito nulo “é pra quando a gente escreve” e o sujeito pleno “é pra quando a gente fala”. No entanto, mesmo a língua escrita que produzem já se revela “contaminada” pelas mudanças efetivadas na língua oral¹. As implicações que isso traz para a aquisição e, conseqüentemente, para a mudança, são facilmente compreendidas: com o tempo, formas pouco usuais tendem a se revestir de formalidade e sua manutenção na escrita pode mesmo provocar “uma ruptura entre o que a criança lê e o que (ela) entende” (Kato, 1994). É por isso que o esforço da escola na recuperação das formas perdidas nem sempre é bem sucedido (Correa, 1991).

Finalmente, os resultados da análise aqui apresentada sugerem a necessidade de discussões profundas a respeito do Parâmetro do Sujeito Nulo. Considerar a expressão pronominal do sujeito, por uma forma plena ou nula, como

¹ A própria autora deste trabalho muitas vezes se sentiu indecisa no momento da redação quanto a seguir as normas da gramática ou a usar uma modalidade mais brasileira, particularmente no que se refere à posição dos clíticos e à representação do sujeito pronominal.

um parâmetro da Gramática Universal torna-se, sem dúvida, uma tarefa complicada, uma vez que, se temos, de um lado, línguas positiva ou negativamente marcadas em relação ao parâmetro, como o italiano e o espanhol e o inglês e o francês, temos, de outro, línguas em que a propriedade do sujeito nulo se manifesta restritivamente, seja por estarem passando por um período de mudança em seu sistema pronominal/flexional, como o português brasileiro, seja por exibirem um sistema flexional deficiente, como o hebraico, seja por se caracterizarem como língua de tópico, como o chinês. Como se vê, há que considerar a existência de línguas mistas em relação à representação do sujeito, o que torna a tarefa do pesquisador mais árdua e, talvez, por isso mesmo, mais atraente.

Uma última palavra deveria ser dita sobre os benefícios mútuos que advêm da associação entre a sintaxe paramétrica e a sociolingüística. Tanto a análise variacionista se beneficia com a utilização de um avançado quadro teórico que busca propriedades da língua-I, como a teoria gerativa recolhe dos trabalhos variacionistas, centrados na língua-E, *insights* importantes para o desenvolvimento da teoria de parâmetros. Ganham, na verdade, todos os interessados em conhecer a linguagem humana e os caminhos que ela percorre.

Quaisquer objeções que possam persistir em relação à incompatibilidade entre o racionalismo e o empirismo, característicos de um e outro modelo, ficam minimizadas se se distinguem a origem da mudança - buscada por um e vista como um fato gramatical - e sua implementação - perseguida por outro e vista, obviamente, como um fato social (cf. Tarallo, 1991). Trata-se da busca de uma terceira via entre o empirismo e o racionalismo, que permita, segundo sugestão de Maia (1987:13), "pensar a linguagem não como um reflexo do meio ou do indivíduo mas como algo que se constitui na relação dos dois".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Marianne. (1988). Parametric change: empty subjects in Old French. In D. Birdsong & J-P Montreuil (eds.) *Advance in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris.
- ALFARO L. M. A. Consuelo. (1994). A coesão no texto escrito em LE. *Anais do III Congresso da ASSEL-RJ*, Inst. de Letras UFF. 179-187.
- BARNES, Betsy K. (1986). An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 207-224.
- BERLINCK, Rosane de A. (1989). A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Ed. Pontes. 95-112.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. (1993). Quelques caractéristiques grammaticales des "sujets" employés dans le français parlé des conversations. mimeo.
- BORER, Hagit. (1989) Anaphoric AGR. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 69-110.
- BRAGA, Maria Luíza. (1987). Esta dupla manifestação do sujeito, ela é condicionada lingüísticamente. 34^o Seminário do GEL. Campinas, SP. 106-115.
- BRAGA, Maria Luíza & MOLLICA, M. Cecília M. (1985). Algumas contribuições para a compreensão do tópico discursivo. 30^o Seminário do GEL. UNESP. São José do Rio Preto, SP. ms.
- BRAGA, Maria Luíza & MOLLICA, M. Cecília M. (1986). Marcas segmentais e/ou supra-segmentais entre o sujeito e o predicado e sua função discursiva. *Lingüística: Questões e Controvérsias. Série ESTUDOS*, 12. Uberaba, MG. 24-39.
- CALABRESE, A. (1986). Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1-46.
- CALLOU, Dinah, MORAES, J. & LEITE, I. (1993). A topicalização no português do Brasil: sintaxe e prosódia. *Anais do II Congresso da ASSEL-RJ*. Faculdade de Letras, UFRJ. 89-97.
- CALLOU, Dinah. & SILVA, Giselle M. de O. (1995). O uso do artigo definido em contextos específicos: variação e mudança. ms. UFRJ.
- CAMERON, Richard. (1993) Ambiguous agreement, functional compensation, and nonspecific *tú* in the Spanish of San Juan, Puerto Rico and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, 5, 305-334.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (1994). Problemas de descrição da língua falada. *Delta*, vol.10. No.1. 47-71.
- CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. (2^a ed. 1982)
- CHOMSKY, Noam. (1982). *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

- CHOMSKY, Noam & LASNIK, Howard. (1991). Principles and Parameters Theory. (a sair em: J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternefeld & T. Vennemann (eds.) *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: Walter de Gruyter.
- CORREA, Vilma R. (1991). *O objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- CUNHA, Cláudia de S. (1993). *Indeterminação Pronominal do Sujeito*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ.
- CYRINO, Sônia M. L. (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 163-184.
- CYRINO, Sônia M. L. (1994) *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1986). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil: variação e sintaxe. Dissertação de mestrado, PUC-SP.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1989). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Ed. Pontes. 19-34.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1992) A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *DELTA* 8, N° especial:37-52.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 107-128.
- DUARTE, M. Eugênia L. (No prelo) O sujeito pronominal no português coloquial europeu. In G. M. de O. e Silva & S. Bortoni (orgs.) *Fotografias Sociolingüísticas II*. Campinas: Pontes.
- FERNANDES SORIANO, Olga. (1989). Strong Pronouns in Null Subject Languages and The Avoid Pronoun Principle. In P. Branigan et alii (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 11. 228-239.
- FIGUEIREDO SILVA, M. Cristina (1994). *La position sujet en Portugais Brésilien (dans les phrases finies et infinitives)*. Tese de doutorado, Université de Genève.
- GALVES, Charlotte C. (1987). A Sintaxe do Português Brasileiro. *Ensaio de Lingüística*, 13. 31-50.
- GALVES, Charlotte C. (1990). V-Movement, Levels of Representation and the Structure of S. Versão revisada da comunicação no 13° GLOW. ms. UNICAMP.
- GALVES, Charlotte C. (1991). Agreement and Subjects in Brazilian Portuguese. ms. UNICAMP.
- GALVES, Charlotte C. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 387-408.
- GALVES, Antônio. & GALVES, Charlotte. (1994). A case study of prosody-driven grammar identification - from Classical Portuguese to European Portuguese. ms. UNICAMP.

- HUANG, C. T. James. (1984). On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15. 531-574.
- HUANG, C. T. James. (1989). Pro-Drop in Chinese: A Generalized Control Theory. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 185-214.
- JAEGGLI, Osvaldo. (1982). *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris.
- JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth, J. (1989). The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 1-44.
- KATO, Mary A. (1992). Variação sintática e estilo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22. Campinas. 127-137.
- KATO, Mary A. (1993). Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 223-306.
- KATO, Mary A. (1994a). A ordem dos constituintes e os elementos portadores de traços-phi. Relatório de pós-doutorado. UCLA / FAPESP. Resumo apresentado no Seminário da Gramática do Português Falado. Campos do Jordão, SP.
- KATO, Mary A. (1994b). Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. Conferência proferida no Congresso Internacional sobre o Português. Lisboa.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalan (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 343-358.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando (1988). Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Não publicado, UNICAMP.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (1993). Sim: respondendo afirmativamente em português. In M. Sofia Z. de Paschoal & M. Antonieta A. Celani (orgs.) *Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC. 259-278.
- KATO, Mary A. & TARALLO, Fernando. (No prelo). The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In I. V. Koch & B. Schliebe-Lange (orgs.), *Linguistik in Brezilien*. Tübingen: Niemeyer.
- KATO Mary A., NASCIMENTO, M. do, NICOLAU, E., BERLINCK, R. & BRITTO, H. (no prelo). Padrões de Predicação. In M. A. Kato (org.) *Gramática do Português Falado. vol. V: Convergências*. Campinas: Ed. da Unicamp/FAPESP.
- KROCH, Anthony. (1989). Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, 1, 3: 199-244.
- LABOV, William. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William (1975) On the use of the present to explain the past. In L. Heilmann (ed.) *Proceedings of the 11th International Congress of Linguistics*. Bologna: Società Ed. il Mulino Bologna. 825-851.

- LIGHTFOOT, David. (1991). *How to Set Parameters*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- LIRA, Solange de A. (1982). *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.
- LOPES, Célia R. (1993). "Nós" e "a gente" no português falado culto. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ.
- LOPES ROSSI, M. Aparecida G. (1993). Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 307-342.
- MAIA, Eleonora, M. (1987). *No Reino da Fala*. São Paulo: Ática. (3a. ed. 1991)
- MOINO, Ruth E. L. (1987). *Passivas nos discursos oral e escrito*. Dissertação de mestrado. PUC-SP.
- MOLLICA, M. Cecília (org.) (1992). *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- MOREIRA DA SILVA, Samuel (1983). *Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil*. Tese de doutorado, Université de Paris VIII.
- NARO, Anthony J. (1992) Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In M. C. Mollica (org) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 17-28.
- NEGRÃO, Esmeralda V. & MÜLLER, Ana Lúcia. (1994). As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? ms. USP.
- NICOLAU, Eunice. (1994). Sobre o sujeito nulo no português culto falado no Brasil: resultados parciais da análise quantitativa. Comunicação apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador, Bahia.
- NUNES, Jairo M. (1990). *O Famigerado SE : uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- OCHS, Elinor & DURANTI, Alessandro. (1979). Left-dislocation in Italian conversation. In T. Givón (ed.), *Syntax and Semantics: vol. 12. Discourse and Syntax*. New York: Academic Press. 377-415.
- OMENA, Nelize P. de. (1978). *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de mestrado. PUC-RJ.
- OMENA, Nelize P. de. (1986). A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In A. J. Naro (org.) *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto CENSO à Educação*. Vol: 2. Rio de Janeiro, UFRJ. 286-319.
- PAGOTTO, Emilio G. (1992). *A Posição dos Clíticos em Português: um estudo diacrônico*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- PAGOTTO, Emilio G. (1993). Clíticos, mudança e seleção natural. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 183-203.

- PAIVA, M. da Conceição. (1992). Fatores extra-lingüísticos: o sexo. In M. C. Mollica (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 69-74.
- PAREDES SILVA, Vera L. (1988). *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, UFRJ.
- PAREDES SILVA, Vera L. (1993). Subject omission and functional compensation: Evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change* 5:33-49.
- PONTES, Eunice. (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes.
- RAMOS, Jânia. (1989). O emprego de preposições no português do Brasil. In F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Ed. Pontes. 83-94.
- RAMOS, Jânia. (1992). *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- RAPOSO, Eduardo P. (1986). On the Null Object in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 373-390.
- RAPOSO, Eduardo P. (1993). Categorias funcionais na gramática gerativa. *DELTA*, vol. 9, nº 2. 217-336.
- RIBEIRO, Ilza M. de O. (1988). *O papel do traço [+acordo] em construções com o infinitivo flexionado*. Dissertação de mestrado, UFBA.
- RIBEIRO, Ilza M. de O. (1995). *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- RIVERO, Maria-Luisa. (1980). On Left-Dislocation and Topicalization in Spanish. *Linguistic Inquiry*, 2. 363-393.
- RIZZI, Luigi. (1986a). Null objects in Italian and the Theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17:501-557.
- RIZZI, Luigi. (1986b). On the Status of Subject Clitics in Romance. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. 391-420.
- RIZZI, Luigi. (1988). The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. ms.
- RIZZI, Luigi. (1994). Some notes on linguistic theory and language development: the case of root infinitives. ms.
- ROBERTS, Ian. (1993a) *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- ROBERTS, Ian. (1993b) O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 409-421.
- SCHERRE, M. Marta P. (1992). Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In M. C. Mollica (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 121-134.

- SILVA, Giselle M. O e. (1992) Coleta de dados. In M. C. Mollica (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 101-114.
- TARALLO, Fernando. (1983). *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.
- TARALLO, Fernando. (1985). *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- TARALLO, Fernando. (1987). Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, 13, 51-84.
- TARALLO, Fernando (org.) (1989). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Ed. Pontes.
- TARALLO, Fernando. (1991) Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. *Organon*, 18, 11-22.
- TARALLO, Fernando. (1993a) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro*. Campinas: Ed. da UNICAMP 69-105.
- TARALLO, Fernando. (1993b). Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudança sintáticas aleatórias. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 35-68.
- TARALLO, Fernando & KATO, Mary A. (1989). Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In *Preedição 5*. Campinas, Unicamp. 315-353.
- TORIBIO, Jacqueline A. (no prelo). Dialectal variation in the licensing of Null Referential and Expletive Subjects. *Proceedings of the LSRL XXIV*.
- TORRES MORAES, M. Aparecida. (1993). Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 263-306.
- TORRES MORAES, M. Aparecida. (1995). *Do Português Clássico ao Português Moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- VALIAN, Virginia. (1990). Null subjects: a problem for parameter-setting models of language acquisition. *Cognition*, 35. 105-122.
- VANCE, Barbara S. (1989). *Null Subjects and Syntactic change in Medieval French*. Tese de doutorado, Cornell University.
- VANELLI, L. RENZI L. & BENINCÀ, P. (1985). Typologie des pronoms sujets dans les langues romanes. *Actes du XVIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romaines*. Vol. 3. 163-176.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehman & Y. Malkiel (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. 97-195.

ABSTRACT

*Brazilian Portuguese is undergoing a process of change in the representation of the pronominal referential subject, which clearly sets it apart from European Portuguese and the other pro-drop languages, such as Spanish and Italian. Such a change can be related to the reduction of the inflectional paradigm, which evolved from six distinctive forms to a paradigm showing no more than three distinctive endings, as a result of the replacement of the 1st person plural **nós** by the expression **a gente**, which combines with the 3rd person singular verb form. As a consequence, the Avoid Pronoun Principle that leads to the null representation of the subject whenever full identification is possible is lost, and the null subject becomes an infrequent option.*

*The present study, based on the speech of 13 upper educated people, belonging to three different age groups, follows the track of the loss and makes it possible (a) to identify the contexts which were first defeated by the full pronominal variant, as well as the ones which still resist to it; (b) to confirm the implementation of the change through the comparison of the three age groups' performance; (c) to find evidences of the embedding of the change in the system, represented by the unrestricted use of left dislocated subjects - completely absent in the above mentioned pro-drop languages; and (d) to support the status of **pro** to the null subject in Brazilian Portuguese.*